

Coleção
Cultura Bíblica

Homilética

Breve Introdução a Arte de Pregar



Marcelo Lemos

Olhar Reformado



Publicações



Homilética: Breve Introdução a Arte de Pregar.

Coleção Cultura Bíblica

Edição Eletrônica.

Autor: Marcelo Lemos.

Disponibilizado gratuitamente na Internet pelo projeto **Olhar Reformado** (www.olharreformado.wordpress.com).

Nenhuma parte deste trabalho pode ser comercializada sem autorização expressa do autor.

Sumário

Introdução	04
Conselhos Práticos aos Pregadores	07
O Pregador e a Informática	17
A Arte de Falar em Público	27
Qualidades Indispensáveis a Uma Boa Pregação	32
Conhecendo a Estrutura Homilética	42
Desenvolvendo o Sermão Temático	49
Desenvolvendo o Sermão Textual	58
Desenvolvendo o Sermão Expositivo	66
Desenvolvendo o Sermão Narrativo	82
Sobre Variedade na Pregação	92
Um Capítulo Especial Para Assembleianos	96

Introdução

Seu eu tivesse direito a um pedido, desejaria que este livro fosse lido por todos os servos de Cristo, sejam leigos ou obreiros ordenados. Não que o considere uma obra indispensável ou original, mas apenas por crer ser este pequeno manual capaz de auxiliar todo o que almeja comunicar a mensagem das boas novas de forma clara, simples e eficiente.

Infelizmente a pregação da palavra tem sido norteadada, em alguns círculos evangélicos, por uma áurea de mistério e misticismo irracionais. Contrariando o entendimento reformado a respeito do sacerdócio universal de todos os crentes, muitos pretendem imaginar a pregação como um ofício restrito a uma classe especial de crentes, formada por pessoas dotadas de algum tipo especial de unção, ou investida de alguma autoridade eclesiástica.

O prejuízo oriundo dessa mentalidade é duplo. De um lado temos uma multidão de pessoas que simplesmente não se sente capaz de assumir a tribuna por alguns minutos; enquanto do outro, encontramos uma legião de crentes que, achando possuir uma unção especial, se arrisca ao púlpito sem nenhum preparado adequado para este fim.

E mesmo que tais enganos não existissem, a própria funcionalidade e eficiência da homilética, por si só, já justificaria seu estudo. Se você é, ou pretende ser, um pregador das boas novas, os estudos homiléticos certamente lhe servirão de importante ferramenta de trabalho; que, desnecessário lembrar, não o isenta da necessidade precípua de se preparar espiritualmente para a tarefa.

Lembre-se de que o Senhor está sempre a disposição dos seus filhos, ajudando-os a seguirem em frente. E é apenas devido a Seu auxílio que podemos alcançar um ministério frutífero: *“Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer!”* (João 15.5). O Senhor nos guia em todo o caminho, proporcionando os meios que nos permite um preparo cuidadoso e adequado para a Sua obra.

É ilusório, porém, acreditar que a homilética seja capaz de produzir bons pregadores *bíblicos*, no máximo, ela é capaz de nos fornecer bons oradores, já que enquanto ciência é irmã gêmea da retórica. Por isso, deve o candidato ao púlpito cuidar especialmente de seu preparo espiritual.

Que o pregador, portanto, preocupe-se com sua piedade pessoal. Qualidade espiritual que tomaremos a liberdade de definir como disponibilidade para Deus, em respeito e amor. Também poderíamos acrescentar que ela conduz o coração a uma profunda devoção pelas coisas religiosas. Sendo o oposto de impiedade, que se refere àquilo que é ímpio, profano; um coração piedoso é um coração submisso à

vontade de Deus revelada em sua Palavra. Ser piedoso, portanto, é bem mais que estilo de vida, usos e costumes, tradição religiosa e demonstrações sobrenaturais; é, acima de tudo isso, um coração que se dobra ao Senhorio de Jesus.

Que o pregador preocupe-se com seu conhecimento das Escrituras. Tudo que puder aprender sobre a Bíblia lhe será útil; e o máximo que já tem alcançado ainda não é o bastante. Sendo que pretende ser um interprete das Escrituras é imprescindível que a conheça profundamente. É detestável haver obreiros que, a pretexto de humildade, se esquivam de tornarem-se mestres nas Escrituras. O pregador é como um desbravador; um desbravador enviado pela cidade faminta a uma terra distante, com o único objetivo de encontrar e trazer o melhor que puder achar. Na cidade lhe esperam crianças, jovens e adultos que, atarefados em suas obrigações diárias, esperam pelo maná que está por vir. Que o desbravador não se atreva a trazer consigo menos do que lhe foi designado.

Que o pregador preocupe-se com sua vida de oração. Um alerta se faz necessário aqui. Com o intuito de desmistificar a oração, muitos espalharam a idéia de que é possível orar em todo tempo, em toda situação e lugar. Com tal ensino pretendia-se derrubar a idéia de que oração é apenas aquela feita de joelhos. Está correto. No entanto, na prática, isso tem servido como travesseiro de penas para a consciência de alguns cristãos, inclusive obreiros. Nada pode substituir aqueles momentos que passamos exclusivamente na presença do Senhor, em oração. Da mesma forma que o café da manhã não substitui o almoço, e a música não substitui a exposição das Escrituras, a oração como exercício espiritual é insubstituível: “... *quando orares, entra no teu aposento e fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto...*” (Mateus 6.6).

Haverá o pregador de se preocupar também com o seu preparo intelectual. Indiscutivelmente, o Espírito Santo tem utilizado, e de forma poderosa, pregadores sofríveis tecnicamente. Foi, por exemplo, o que aconteceu na conversão de um jovem que se tornaria o *príncipe dos pregadores*. Spurgeon nos conta que ao se refugiar da chuva no templo de uma Igreja Metodista, deparou-se com um pregador que despertava ‘dó’ em seus ouvintes; porém, o Espírito Santo usou aquele mensageiro para tocar profundamente no coração de Spurgeon. São casos reais que, no entanto, não servem como desculpa para aqueles que podendo receber melhor preparo, não o fazem, quer por preguiça intelectual, quer por um conceito errôneo de espiritualidade.

Quanto mais culto é o pregador, mais fácil lhe será a árdua tarefa de falar em publico, desde a preparação do manuscrito, até o momento de entregar sua mensagem aos ouvintes. Isso facilmente se explica recordando que o cérebro humano funciona como uma espécie de arquivo que armazena e disponibiliza quantidade enorme de informações, sobre os mais variados assuntos, nas mais diversas áreas do saber.

O pregador não deve confiar em alguma revelação instantânea que o salvará no púlpito. Quando o Senhor Jesus fez promessa de enviar aos seus discípulos um

outro Consolador, disse-lhes: “*Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito*” (João 14.26). Parando apenas na promessa de ser ensinado, muitos se esquecem do meio utilizado pelo Espírito: *fazer lembrar*. Durante cerca de três anos Jesus ensinou aos seus discípulos coisas que eles sequer eram capazes de assimilar no momento, mas quando o Dom da Promessa se realizou, todas aquelas informações passaram a fazer sentido e, hoje, são as bases da coletânea de escritos que conhecemos como Novo Testamento.

Não é incrível que algum pregador atual se ache detentor de uma unção que nem mesmo os discípulos tiveram? Portanto, que o pregador invista em sua bagagem cultural. No caso de possuir alguma formação superior, não necessariamente em teologia, ele já trará consigo uma bagagem considerável. Seja como for, seus conhecimentos devem continuar sendo acumulados diariamente. Como fazê-lo? Com atividades simples como: cursos de especialização, reuniões científicas ou culturais, visitas regulares a bibliotecas, a compra regular de bons livros, a leitura de um bom jornal diário, ou mesmo pela Internet. Com o passar dos anos o pregador irá notar que apesar do consciente se ‘esquecer’ de praticamente tudo o que leu, o inconsciente jamais o fará. Com efeito, o subconsciente criará um arquivo de informações que podem ser acessadas pelo indivíduo que acumulou conhecimentos através dos anos.

Fazer anotações daquilo que se lê pode ser de grande auxílio para usos futuros, desde que se tenha o cuidado de organizar adequadamente tais informações. De nada valerá um punhado de anotações aleatórias e confusas. E a informática poderá ser de grande utilidade para o pregador. Utilizando o sistema de pastas *virtuais*, o pregador terá sempre em mãos algo semelhante aos melhores arquivos físicos que poderia comprar. Falaremos mais sobre esse ponto no capítulo dois.

É praticamente impossível, como podem ver já na introdução, atingir a originalidade ao se escrever a respeito da homilética. Praticamente tudo o que se deseja falar sobre o assunto já foi dito por alguém. Fica, no entanto, a nossa oração a Deus, pedindo que este trabalho possa ser instrumento útil para aqueles que trabalham na seara de Jesus.

Conselhos Práticos aos Pregadores

Dizem que caso conselho prestasse não encontraríamos ninguém disposto a dar. O problema é que a objeção, por si só, já é um conselho, o que mesmo no caso de ser verdadeira, anula a si mesma; de modo que, independentemente da *adoração* que temos pela frase, continuamos a dar e a receber conselhos a torto e a direito. Aqui entre nós, tenho minhas suspeitas de que, chamem-me paranóico se desejarem (risos), a tal frase foi dita por alguém que desejava vender conselhos; quem sabe algum guru da PNL, ou talvez, do tele-evangelismo utilitarista...

Aqui vão alguns conselhos, porém, antes, faço questão de contar um episódio muito singular da minha pré-adolescência que, creio, dará uma pitada de sabor aos mesmos.

Recordo-me nitidamente da época em que todos lá em casa ficávamos a espera de uma determinada *pregadora*. Isso se deu a mais de década e meia, em São Paulo, onde nascemos e fomos criados. Era inexplicável a atração que sentíamos pelas palavras daquela mulher. De alguma forma ela conseguia atrair e segurar a atenção de toda a Igreja para um determinado evento bíblico, narrando-o, para em seguida nos dizer como poderíamos relacionar o que ouvimos com nossas vidas - e isso com aplicações que levavam toda a Igreja a verdadeiros momentos de êxtase coletivo! Era um fenômeno.

Nesse tempo, no mundo ingênuo da minha imaginação infantil, a pregação era um evento com um toque de místico, poderoso e sobrenatural, inexplicável. Minha mãe gostava de pregar, e muito pregou quando éramos crianças, apesar de hoje não mais fazê-lo. E eu, que gostava muito de ouvir suas pregações, sempre quis dela detalhes sobre o como aquilo acontecia, ou seja, o que é pregar. Minha mãe, quando disposta a explicar, falava algo sobre uma inexplicável unção que descia sobre a pessoa e, *pimba!* - lá estava a pregação.

E lá estava a *pregadora*: confiante, desinibida e admirada. A última de suas pregações que tenho em mente foi sobre o poço de Jacó. Tal lembrança me faz admirá-la um pouco mais; não recordo sequer seu nome, mas tenho gravado na mente o que ela disse há quase 20 anos! Sempre imaginoso, pensava que para tanto ela deveria ter tido um encontro muito especial com Deus. Além disso, corria nos bastidores, um boato de que ela teria recebido um dom especial de Deus, se não sou traído pela memória, um tal 'dom da ciência'. Ou seja, *a irmã era unvida que só vendo!*

Alguém pode estar pensando que esta história é muito trivial. Eu concordaria com isso não fosse o seguinte detalhe: foi um tempo no qual éramos ensinados que a pregação, como já disse, era algo místico, verdadeiramente mágico. Pregador bom e espiritual era pregador sem preparo nenhum. De fato, ser apanhado com algum

esboço poderia lhe render alguma repreensão. Por isso, ou *também* por isso, a maioria das pessoas temia o púlpito, deixando este ‘peso’ apenas sobre os ombros dos *mais* unguídos, os *mais* consagrados. Infelizmente, tenho ainda hoje necessidade de confrontar estes medos, em maior ou menor grau, no coração de muitas pessoas, tanto velhas quanto jovens, e isso em praticamente todas as Igrejas onde servi.

Não preciso explicar que este foi o contexto no qual eu cresci, podendo ou não ser semelhante ao contexto no qual o leitor foi criado. Às vezes recebo mensagens de irmãos que dizem: - ‘Sou pentecostal desde tal ano’, ou, ‘Sou assembleiano desde berço e nunca vi isso!’. Fico feliz em ouvir isto; todavia, muitos outros leitores, assim como eu, não terão tido o mesmo privilégio.

No dia que descobriria o segredo da *pregadora*, eu sequer poderia imaginar o que estava por vir. Foi absolutamente sem querer, um acidente maquiado pela providência, sem a menor premeditação da minha parte. Tinha estado o dia inteiro a pensar sobre quão bonita seria a pregação daquela noite, e também pensando em contar alguma novidade a uma certa ‘pessoinha’ que costumava sentar-se na mesma fila de bancos que eu. “Você tem andado muito conversador”, disse-me mamãe enquanto nos trocávamos no quarto. “Hoje quero que o senhor sente-se lá na frente, de cara com o pastor; quero ver se você fica de papinho!”. Uma pena. Chegara o dia de se desfazer do mito que eu havia criado em torno da *pregadora*.

Enfiei-me Igreja adentro e, a contragosto, empoleirei-me numa das cadeiras plásticas defronte ao púlpito, conforme ordens previamente recebidas em casa. “É hora de ouvirmos a mensagem, meus irmãos. Enquanto oramos, peço que a *pregadora* tome seu lugar no púlpito”; falou o dirigente. Enquanto a digníssima irmã tomava ‘*seu lugar no púlpito*’, seu esposo, homem branco, alto e robusto, pelo que recordo, se posicionou feito leão de chácara numa das cadeiras ao meu lado.

A imagem mais nítida que recordo daquele dia trago guardada com todo carinho comigo. Era um esboço. Um esboço que não estava nas mãos da *pregadora*, como se deve, mas sim, nas mãos de seu esposo, estrategicamente sentado a sua frente, de frente ao púlpito, ao meu lado, nas cadeiras de plástico! Foi então que percebi, mais maravilhado que decepcionado, que toda a pregação era encenada passo a passo entre os dois, previamente, em casa; na tribuna, acompanhada atentamente pelo marido, a *pregadora* deliciava nossos ouvidos com uma ‘*unção*’ que desconhecíamos e admirávamos.

De alguma forma aquele episódio me ajudou, mesmo que eu só fosse me dar conta muitos anos depois. Hoje, admiro aquela irmã, para mim sem rosto e sem nome, por sua coragem, visão e, naquele contexto, pioneirismo. Sua atitude me ajudaria, tempos depois, a perceber que eu possuía uma teologia errada acerca do que é a pregação.

Naquela noite, comecei a descobrir que o meu maior prazer, a leitura, poderia ser ferramenta utilizada pelo Espírito do Senhor. Como um farol, aquela experiência

me vez ver com clareza o que acontecia naquelas pregações que tanto admirávamos: a narração do texto, as ilustrações, as comparações, as enumerações... nada daquilo vinha por meio de algum tipo de êxtase; muito pelo contrário, era fruto de uma mulher que oferecia ao Senhor os seus talentos.

Ao longo dos anos tenho percebido coisas que têm servido de maior ganho para o meu ministério de pregação. Pode ser que alguém, vendo-os, não os julgue espirituais o bastante para figurarem na lista de hábitos de um pregador do Evangelho; contudo, tomo a liberdade de compartilhá-los com vocês na forma de breves conselhos. É possível, só Deus saberá, que sem aquela noite eu ainda estaria à espera de algum momento místico de inspiração...

Tenha uma teologia da pregação bem definida.

O que é a pregação? O que é pregar? Se você não tem uma resposta pessoal para questões como esta, então, lamento dizer, você não está pronto para o púlpito. É aventura tola postar-se perante o povo de Deus sem ter uma noção clara a respeito do seu papel e função. Enquanto pregador, o que você é? Um animador? Um contador de causos? Um bajulador? Um caçador de fortuna? Porque você quer que as pessoas anotem seu telefone depois de uma pregação? Para que te convidem, enchendo sua agenda, promovendo seu nome no meio eclesiástico?

Como deve ser a palavra que sai de seus lábios? Pense por um instante: porque você não pregou aquele sermão? Ele estava mal estruturado, ou ele apenas não agradaria a determinada pessoa? Conheci mais de um pregador, jovens, que me confessaram estar à procura do *tom* que as pessoas querem ouvir. São pregadores que começaram com um ideal correto, puro e bíblico; porém, com o tempo, perceberam que estavam ficando para trás. Suas agendas não estavam lotadas, apesar de todo o esforço que faziam em prol da pregação. Os tapinhas nas costas não eram tão numerosos quanto os recebidos por outros, mais voltados a demonstrações de carisma. Então, lamentavelmente, decidiram que não valia a pena perder o bonde. Sejamos honestos sobre este ponto, cedo ou tarde, cada um de nós precisa fazer a mesma escolha, provavelmente precisaremos escolher inúmeras vezes ao longo da vida; temos certeza quando ao lado em que desejamos ficar?

Acredite no valor das idéias.

Não tem nada de PNL nesse conselho; tão pouco tem qualquer conotação mística, como aquela imaginada por pagãos, ainda que cristãos professos, que acreditam que a “palavra tem poder”. Nossas palavras possuem poder apenas enquanto *idéias*, mas não como ‘palavras-palavras’, ‘frases-frases’, etc. Para facilitar a compreensão pode-se dar novo formato ao conselho: *Acredite no poder dos ideais*. Consegue perceber a diferença?

Um criativo comercial de tv afirma que “*não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas*”. Há boa dose de verdade nesta afirmação, porém, analisando-a melhor, podemos perceber que existe algo anterior ao ato de questionar. São *idéias*. Questionamos o mundo a nossa volta em nome de nossos ideais. O mundo é feito por idéias, i.e. por ideais. A roupa que você veste, o carro que você usa, a profissão que escolheu, enfim, tudo tem como pano de fundo os ideais que nos cercam. Para o bem ou para o mal, os ideais formam a base da vida em sociedade. Observe, por exemplo, as recentes eleições presidenciais no Irã. É capaz de perceber o conflito, a força, e a influência dos ideais? Claro que sim! Cada mudança, cada novo avanço, cada retrocesso - tudo se deve aos ideais.

Sugiro, aos que desejam maior profundidade nesse tema, que trata da relação entre ideais e a vida, que se estude a história da literatura, no mundo, e no Brasil. Depois, avance para outras áreas do saber. Começando pela Literatura, compare, por exemplo, o Classicismo com o Romantismo. Perceba como o primeiro exalta a racionalidade, a forma fixa, a verdade universal, o paganismo, a realidade concreta. Depois, saboreie o segundo, com sua exaltação do emotivo, das formas livres, dos valores individuais, da fé cristianizada, a fantasia! Por que momentos igualmente geniais da literatura foram tão diferentes em suas preferências e escolhas? A ‘culpa’ é dos ideais. Algumas idéias moviam a Idade Média, idéias que foram suplantadas, aperfeiçoadas ou ofuscadas por outras, surgindo o Romantismo, no século XVIII, junto com a Revolução Industrial.

Fantástico! A Revolução Industrial provocou modificações impactante nas relações de trabalho, de comercio, de governo; modificações que influenciariam as crenças e valores morais até então vigentes. Então, tudo muda: muda-se a forma de se vestir, de falar, de escrever, de pensar. Por quê? Porque mudaram, ou evoluíram, os ideais.

Para pregar, pregar como um pensador e formador de opinião, você precisa estar consciente, e acreditar no valor das idéias. Num primeiro momento, ao definir sua teologia da pregação, você terá definido quais são os seus ideais, agora, você precisa acreditar no valor dessas idéias.

É comum ouvirmos dizer que a Igreja de hoje carece de pessoas com mais unção, entenda-se com isso, pessoas mais barulhentas e carismáticas. Discordo. A Igreja precisa de ideais, de pensadores, de uma identidade. São os ideais que nos fazem reformadores, e também criadores do novo. Os ideais moveram Lutero, Calvino, Konx, Wesley, Agostinho...

Os ideais estão sempre presentes, e sempre conquistando seus espaços, para o bem ou para o mal. Por isso, este conselho deve sempre caminhar junto com o primeiro, e o primeiro, se deseja ser útil e relevante, não deveria sair de casa sem este.

Conheço algumas dezenas de pregadores que são apenas barulho, emoção, auto-ajuda. Eles não possuem nenhuma utilidade como pregadores, talvez substituíssem Fausto Silva com maestria, mas como mensageiros do Senhor são uns fiascos. Ser

um pregador envolve ter uma mensagem e o trabalhar de forma que tal mensagem influencie a vida de seu rebanho, na esperança de que o Espírito Santo a fará mais poderosa do que os simples ideais humanos.

Algumas pessoas me questionam sobre a possibilidade de pensar como um “reformado” servindo ao Senhor numa igreja “carismática”. Os conflitos são praticamente inevitáveis, como, então, conviver com isso? Trata-se de uma questão melindrosa. Lembro-me de ter descido do altar e escutado de um jovem ‘pregador-barulho’: *“Sabe, irmão Marcelo, não gosto de pregadores que contam histórias!”*. Era uma crítica. Eu havia exposto o primeiro Capítulo de I Pedro a luz da perseguição contra o cristianismo no Século I... Como conviver com isso? Como não mudar de lado?

A resposta é acreditar nos seus ideais, que são bíblicos. Também é preciso acreditar que eles produziram frutos, no devido tempo, segundo a vontade do Senhor.

Invista no seu relacionamento com as pessoas.

Leia uma notícia vinculada pela **Folha de S. Paulo** logo após as eleições municipais de São Paulo, em 2004:

“O levantamento confirma o que a divisão geográfica dos votos já indicava: Serra recebe os votos dos mais ricos e instruídos e Marta se sai menos mal entre os eleitores mais pobres e com menos anos de estudo”.

Uma notícia maravilhosa, não é mesmo? Reflita comigo: sendo os mais ricos que votam em Serra, e sendo Serra o vencedor do primeiro turno com uma margem de 8%, logo, podemos concluir que São Paulo possui ‘muito mais ricos’ do que pobres! É verdade que o jornalista não disse que apenas ricos votam neste ou naquele candidato, não é tolo, porém o argumento é ‘armado’ com a clara intenção de colocar um como ‘candidato dos pobres’ e outro como ‘candidatos dos ricos’. O problema é que levado até sua consequência última o argumento é falacioso, pois leva a concluir que São Paulo tem mais rico do que pobres, uma vez que Serra, o ‘candidato dos ricos’, ganhou!

No segundo turno, a diferença de Serra beirou a casa dos 11%. Perguntinha boba: será que em trinta dias aumentou o número de ricos em São Paulo? O tucano venceu com uma vantagem de 600 mil votos!

Que isso tem haver com o ministério de pregação? Uma lição simples: pessoas não são números. Os petistas que armaram o silogismo acima teriam tido mais lucro se saíssem às ruas para ouvir a opinião de seus eleitores, inclusive os pobres que, evidentemente, votaram no adversário deles. Quando tratamos as pessoas como números, mera estatística, estamos fadados a um ministério irrelevante, que muitas vezes se mantém apenas na base da autoridade presumida.

Sou um admirador de Monteiro Lobato. Ouvi alguém dizer que todo candidato a escritor deveria estudar seu método de criação. Aqui em São Paulo, na biblioteca infantil que leva seu nome, existem todas as edições de suas obras. Comparando-as ao longo do tempo, o estudante percebe claramente as diversas modificações que são feitas no corpo do texto, um exemplo de escritor que se reinventava com facilidade. Qual a razão? O básico: as crianças lhe escreviam dando sugestões, fazendo críticas e fornecendo idéias, as quais Lobato ponderava a fim de aperfeiçoar sua literatura.

Não quero com isso insinuar que o pregador deva fazer as vontades do povo, pelo menos, não quando isso ferir os seus ideais, dos quais já falamos. Recentemente, jornais do mundo inteiro fizeram referência a uma obra pouco conhecida de Lobato: *O Presidente Negro*. O motivo é óbvio: a eleição de Obama. No livro, o literário brasileiro imagina um dia no qual um candidato negro, que concorrendo contra uma mulher branca (só faltou dizer que o nome seria *Hilary!*), vence o pleito e se torna o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Naqueles dias, porém, em tempos de segregação racial, os editores americanos acharam que seria um projeto muito ousado para a época, e o livro não saiu da gaveta. Então Lobato decidiu: *piorou a situação, acrescentando na narrativa um futuro no qual os imigrantes invadiriam as cidades americanas*. Será que ele era profeta também? Provavelmente não, porém, nos deixou exemplo de empatia para com seu público, e de firmeza na defesa de seus valores.

Ora, sendo função precípua do pregador aplicar os valores bíblicos às necessidades das pessoas, como fazê-lo se não lhes conhece as angústias, os medos, as dúvidas e incertezas, as esperanças? Pense nisso.

Seja imaginativo.

Recordo que na primeira aula de homilética que tive no seminário o professor nos deu a seguinte definição: *“Homilética é a ciência e a arte de pregar!”*. Enquanto ciência, a homilética é aquele ramo do saber que possui regras, valores, pressupostos. Além disso, vale-se da descoberta de outros ramos do saber como psicologia, as letras, o Direito, enfim. Enquanto arte, a homilética é a ferramenta que por sua ciência nos possibilita um caminho para a criação.

Pregando domingo após domingo, semana após semana, sempre se corre o risco da rotina, do enfadonho. Já viu aquele pregador que sempre começa, desenvolve e termina o sermão do mesmo jeito? E aquele que só prega em Epístolas? E o outro que sempre prega em Salmos? Eu já vi vários, inclusive eu mesmo, em diversos momentos. Quando isso acontece pode estar falando criatividade, ou um maior empenho.

Acredito que um dos maiores exemplos de criatividade no púlpito, hoje, atenda pelo nome de *Marco Feliciano*. Por isso, que me seja permitida uma pequena heresia: **escute-o!**

Mas escute-o apenas nos 10 primeiros minutos, a fim de aprender como se faz uma boa introdução. Tal audição raramente deveria exceder aos 10 primeiros minutos, i.e. a introdução, a menos que o objetivo seja descobrir *o que não fazer* com a imaginação em cima do púlpito...

Falo sério. Marco Feliciano, apesar de não ser um exemplo de pregação bíblica, é um bom exemplo de como usar a imaginação para colocar uma cena, quadro, ou situação ocorrida a centenas de anos, diante dos olhos de uma multidão atenta. Isso é positivo! Agora, se ele usa isso, no desenvolvimento, para criar uma mensagem que apela ao sensacional, trata-se de uma questão à parte. Compare Feliciano a Alexandro Bulhón, pregador adventista, que também possuiu uma grande capacidade de imaginação e, contudo, não assassina a inteligência dos ouvintes. Num capítulo futuro estaremos comentando algumas mensagens de Bulhón.

Vou tentar explicar a importância da imaginação com um pequeno exercício. Imagine-se ouvindo duas pregações, em ambas os oradores escolheram usar o sofrimento dos escravos negros, contados pela ótica de um personagem, Jim, a fim de ilustrar algum ponto importante do sermão. O primeiro diz:

“Homens e mulheres arrancados de suas tribos, sem nenhuma possibilidade de defesa ou apelação. Simplesmente vigorava a lei do mais forte, do opressor, das armas. Aqui vieram para trabalhar como escravos; tratados como animais. Muito tempo depois seus descendentes ainda sofrem com a sombra de tais atrocidades, como é o caso de Jim, o mais novo candidato...”.

O segundo orador, utilizando a mesma temática, diz:

“Às nove e meia Jim recolheu-se á sua sala de trabalho no palácio da Associação Negra e fechou-se por dentro. Apesar da solidez dos seus nervos o líder cavilava... Às 9 e 45 aproximou-se da janela e correu os olhos pelo casario de Washington. O panorama que viu, entretanto, não foi o da cidade. Descortinou todo o lúgubre passado da raça infeliz. Viu muito longe, esfumado pela bruma dos séculos, o humilde kraal africano visado pelo feroz negreiro branco, que em frágeis brigues vinha por cima das ondas qual espuma venenosa do oceano. Viu o assalto, a chacina dos moradores nus, o sangue a correr, o incêndio a engolir as palhoças... E recordou o interminável suplicio da travessia... Carga humana, coisa, fardos de couro negro com carne vermelha por dentro, a fome, a sede, a doença, a escuridão. Por sobre as cabeças da carga humana, um tabuado. Por cima do tabuado, rumores de vozes. Eram os brancos. Branco queria dizer uma coisa só: crueldade fria...”.

Qual pregador será terá sua ilustração sendo recordada daqui a dez anos? Provavelmente apenas o segundo, pelo menos, no que diz respeito à ilustração

acima. O que o fez mais eficiente que o primeiro? Foi sua imaginação que, do ponto de vista técnico, poderíamos afirmar pertencer ao *estilo literário*. Creio ser este o ponto. O primeiro orador foi mais jornalístico, limitando-se a contar os fatos; o segundo, por sua vez, além dos fatos, preocupa-se com o cenário, o contexto, as emoções do personagem, seus medos, sua tristeza... Ao expressar tudo isso em palavras, o orador, que na verdade é o *escritor* Monteiro Lobato, em trecho de '*O Presidente Negro*', conquista toda a atenção de quem o escuta, ou lê.

Conta-se que um nobre pastor ao dirigir-se ao tesoureiro a fim de receber o salário do mês, sendo-lhe entregue apenas uma fração do combinado, protesta: '*Irmão tesoureiro, suas contas estão erradas, aqui só tem a metade do salário*'. '*Eu sei*'; diz o tesoureiro impassível, e explica: '*Decidimos lhe pagar apenas pelos sermões que o senhor ainda não havia pregado, pelos outros sermões, repetidos, já lhe pagamos nos meses anteriores...*'.

A variedade no púlpito é sempre bem vida e poderosa aliada do pregador; e a imaginação, elegante, disciplinada e sóbria, nos abre um prospero caminho para conquistá-la.

Invista em leitura.

Vivemos numa era predominantemente audiovisual. Um cenário no qual alguém reinou, durante muitas décadas, de forma absoluta e inconteste: *a televisão*. Somos uma geração viciada em tv. Com a popularização da Internet, especialmente da banda larga, é possível que tenhamos um novo déspota sobre nós: a web. Uma recente pesquisa realizada aqui em São Paulo alertou para o fato de que as mensagens instantâneas consomem o rendimento das pessoas, na escola, na família e, claro, no trabalho. Algumas empresas, por falar nisso, lutam na justiça pelo direito de demitirem por justa causa aqueles que abusam dos maravilhosos recursos da interatividade.

Toda essa interatividade parece ser muito atrativa, pois são formas de lazer que exigem muito pouco do '*recebedor*'. Tudo que o indivíduo precisa, quando muito, é apertar alguns botões ou teclas. Mesmo os relacionamentos interativos tendem a superficialidade, já que, na maioria dos casos, tudo não passa de uma grande fantasia.

A leitura, por sua vez, também é uma forma de lazer, contudo, é diversão da qual o indivíduo participa ativamente. Ler é como praticar esportes. Maria José Nóbrega, especialista no tema, afirma que além de proporcionar lazer, a leitura é uma eficiente forma de aprendizado: "Lendo também nos mantemos atualizados sobre os assuntos do nosso bairro, da nossa cidade, do nosso país".

Por isso meu conselho é que o pregador leia, leia tudo, ou de tudo um pouco. Não limite sua leitura as Escrituras, desta, aliás, nem falo, já que sem ela não existe sequer pregador. Ler a Bíblia, para o que estamos propondo, não conta. Invista na sua leitura, comece, quem sabe, inscrevendo-se na Biblioteca Pública de sua cidade.

Aqui em São Paulo tudo que se precisa é de um documento com foto e comprovante de munícipe; em algumas cidades podem exigir uma foto 3X4. Nada de mais, não é mesmo?

Além disso, visite os sebos, e também aquelas maltrapilhas bancas de gibis e livros usados. Não são, como pensam alguns, lugares para se procurar pornografia barata, são catedrais da cultura. Amo os sebos, afinal, onde mais, com a bagatela de vinte reais, eu conseguiria comprar meia dúzia de livros? E não compre apenas livros, compre quadrinhos também! Permita-se visitar o Velho Oeste de Tex, e o de Mágico Vento; as aventuras perigosas de MisterNO, e as da linda J. Kendall; além disso aprecie as alucinações de alguns mangás; etc. Faz bem. Eu garanto.

Leia tudo e todos: Granham Greene; Saramago; Franz Kafka; Morris West; Nelson Rodrigues; Simenon; Agatha Christie; Lobato; Garcia Marques; Machado; Euclides; Martins Pena; Julio Verne...

Uma outra dica interessante é freqüentar, sempre que possível, a secretaria de cultura da sua cidade; ou então, acessar seus programas por meio da Internet. Com isso você se mantém atualizado quanto aos projetos culturais que possam lhe interessar: oficinas literárias, cursos, palestras, concursos, exposições de arte, peças teatrais e filmes. Muitos deles são disponibilizados gratuitamente; pelo menos é o que acontece por aqui.

Obviamente que estas coisas não substituem, e nem devem rivalizar, com a aquisição de cultura bíblica e teológica; e acreditamos que o pregador tem plena consciência deste fato.

Pratique a escrita.

Escrever não é um dom, é um trabalho, um exercício. Existe, sim, a inspiração no ato de escrever: é a idéia, o argumento principal. Depois, tudo o que resta ao escritor se resume numa única palavra: *'ralação'*.

Algumas pessoas não escrevem por medo, outras por não terem aprendido a pensar, ou melhor, por não terem aprendido a organizar o pensamento de forma lógica. Tudo isso, porém, pode ser superado com esforço e dedicação. Uma obra fundamental sobre o tema é *'Comunicação em Prosa Moderna'*, de Othom M. Garcia; nenhum escritor, articulista, seminarista ou pregador deveria se dar ao luxo de dispensar a leitura deste livro. Uma obra absolutamente indispensável.

Toda pratica da escrita é boa e necessária ao nosso desenvolvimento intelectual, porém, quero enfatizar especialmente a escrita dos nossos sermões. Acredito que ***todo sermão precisa ser escrito***. Talvez não seja preciso lê-lo na hora da pregação, contudo, é preciso redigi-lo, completamente, antes de pregá-lo. Investindo nessa prática o pregador irá melhorar o seu estilo, controlar melhor o tempo, selecionar mais apropriadamente os argumentos, podar melhor suas ilustrações e afiar suas aplicações de forma mais eficiente.

Meu axioma aqui é simples: ***uma vez que daremos conta de cada palavra que proferimos, o pregador não pode se dar ao luxo da improvisação irresponsável.*** Ao tomar seu lugar no púlpito o mensageiro tem apenas uma responsabilidade: *proferir o recado do Senhor!* O que for a mais, ou a menos, será supérfluo, e quiçá, pecaminoso.

A escrita do sermão, no todo e não apenas esboçado, facilita e aprimora também a tarefa da imaginação, de cuja importância já comentamos. Novamente eu te convido a ouvir Marco Feliciano introduzindo um sermão, preferencialmente de um texto narrativo. Observe que ele não está improvisando, está recitando, apesar de não ler! É praticamente impossível criar todas aquelas cenas visuais na base da improvisação – aquilo não é unção, no sentido carismático do termo, é trabalho!

Além disso, a falta de pregadores escritores produzirá um grande prejuízo para a Igreja do futuro. Na verdade, o prejuízo já está entre nós. Por exemplo, você conhece a pregação dos pioneiros pentecostais de 50 anos? Mas você pode conhecer os sermões dos presbiterianos, batistas e outros. E mesmo assim, infelizmente, muito pouco...

Todavia, todos nós podemos olhar saudosos para alguns séculos atrás. Qual razão? Naqueles dias se escreviam ou transcreviam as pregações. Por isso, Agostinho, Lutero, Calvino, Spurgeon, Wesley, Witerfield, e tantos outros podem servir de auxílio para os cristãos de todos os séculos. Poucas pessoas fazem o mesmo hoje; no meio pentecostal, o mais abandonado, uma das raras exceções é o pioneiro David Wilkerson, que ainda hoje nos brinda com suas mensagens publicadas também em texto.

Que herança ficará, de nós, para os pregadores de amanhã? Um punhado de DVD's sobre os *"52 Passos Para uma Vida de Triunfo"*? Que prognóstico triste, meus amados irmãos!

Como afirmei, é bem provável que muitos julguem grande parte dos conselhos aqui propostos como sendo 'pouco espiritual'. Contudo, estou certo também que nenhum deles irá prejudicar a fé e o ministério do pregador, antes, o ajudará a ir além de onde já foi. Não estamos, reparem, falando em substituir a leitura bíblica e teológica, estamos falando em aderir bagagem cultural.

Um último conselho talvez se faça útil. Pense em sua vida com Deus de forma integral, não dividida em fragmentos independentes. Ou seja, a vida religiosa não está dissociada de sua vida social, profissional, sexual, cultural, etc. Toda a sua vida, em cada parte dela, deve ser vivida a luz de sua confissão de fé. Com isso em mente você estará pronto a, de fato, aderir valores ao seu ministério, e também, a ficar protegido dos riscos, (ele existem!), de sair das quatro paredes.

O Pregador e a Informática

Não é preciso ser um gênio para conseguir desfrutar dos benefícios da Informática; muito pelo contrário, no nível da funcionalidade a Informática é mais simples do que a maioria das pessoas imagina. Para o pregador tais benefícios dificilmente custarão mais que alguns minutos de estudo, a menos que pretenda criar algum software revolucionário, como fez Rick Meyers com o seu maravilhoso ***E-sword***.

Maior dedicação será exigida caso se aventure aos recursos de softwares como *Photoshop*, *Corel Draw*, *Flash*, etc. No entanto, caso deseje dar uma incrementada em seus trabalhos, sem precisar depender inteiramente de outras pessoas, pode ser um bom negócio queimar algumas células cinzentas no aprendizado das funções básicas dos mesmos. Esta também não será tarefa muito difícil.

Para os objetivos que temos em mente falaremos apenas sobre três benefícios que o pregador conquistará facilmente com a Informática; a saber, *a pesquisa de material*, *a organização de material* e *a produção de material*.

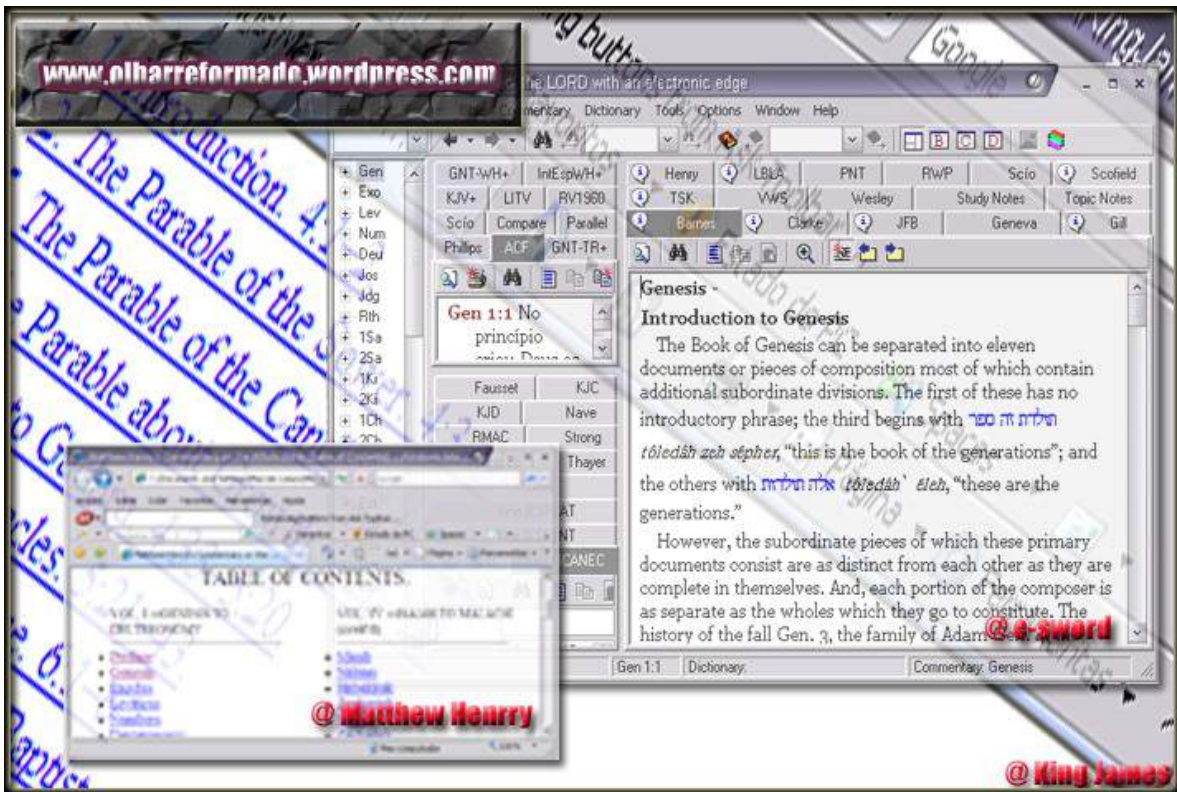
Pesquisando material.

Atualmente o Brasil tem sido agraciado com a publicação de excelentes obras teológicas, graças ao trabalho maravilhoso efetuado por gente como CPAD; Editora Fiel; Cultura Cristã, dentre outras. No entanto, para muitas pessoas é praticamente impossível adquirir tudo o que se vende nas prateleiras. E, de fato, o preço da literatura evangélica no Brasil é exorbitante. Mas, se tem acesso a Internet, o pregador poderá suprir, ao menos em parte, sua necessidade de *fontes* de pesquisa.

Uma coisa que pouca gente sabe, é que diversas obras editadas no Brasil são de *domínio público*. Na prática, significa que não é preciso pagar por elas, assim, o que as editoras vendem é o seu trabalho de tradução, edição e produção. Portanto, caso o pregador tenha algum conhecimento de inglês ou espanhol, poderá utilizar tais obras sem desembolsar praticamente nada, bastando para isso somente pesquisar tais fontes na Internet.

Diversas obras famosas podem ser adquiridas livremente dessa forma. É o caso de comentários clássicos como Matthew Henry, King James, Albert Barnes, Adam Clark, John Gill, etc. São recursos livremente encontrados em sites como:

- www.ccel.org (diversas obras clássicas da religião cristã)
- www.spurgeon.org (quase toda a obra de Spurgeon)
- www.felire.com (diversos livros reformados)
- www.e-sword.net (software com inúmeros comentários, dicionários, etc)
- www.monergism.com (artigos pastorais, teológicos, exegéticos. Reformado)
- www.gotquestions.org (perguntas e respostas a questões bíblicas)
- www.biblegateway.com (excelente fonte de comentários e léxicos)



O fato de estarmos enfatizando estes sites em inglês não significa que bom material para o pregador não esteja disponível em português e espanhol. Muito pelo contrário. Mesmo correndo o risco de ser injusto com alguém, deixamos uma pequena lista dos sites que consideramos mais relevantes:

- www.solascriptura-tt.org
- www.editorafiel.com.br
- www.monergismo.com.br
- www.cincosolas.blogspot.com.br
- www.pulpitocristão.blogspot.com.br
- www.apologia.com.br
- www.centralsermones.com
- www.tscpulpitseries.org/portuguese.html
- www.seminarioabierto.com
- www.vidaeterna.org
- www.monergismo.com
- www.palavraprudente.com.br
- www.teologiapentecostal.blogspot.com.br
- www.blogdociro.blogspot.com.br

A lista, evidentemente, é incompleta e injusta, pois, com efeito, poderíamos acrescentar outros nomes importantes a ela. Fica o incentivo para que o pregador pesquise pessoalmente outras fontes de recursos, dando atenção especial aos links recomendados em sites como **Cinco Solas** e **Púlpito Cristão**.

Organizando seus arquivos.



Como prometemos na introdução, falaremos sobre o uso da informática na hora de organizar seus arquivos. Lembre-se que a maior parte dos recursos disponibilizados na Internet pode ser completamente baixado para o seu computador (download), de modo que você não precisa acessar a Net toda vez que precisa ler este ou aquele texto. Com a quantidade enorme de informação disponível, o pregador facilmente se verá completamente perdido entre os arquivos

que salvou em seu computador. Para evitar este problema, um bom conselho é organizar seus textos em *pastas* específicas.

Um exemplo simples dessa prática poderia ser sistematizado da seguinte forma: na *Área de Trabalho*, clicando com o *botão direito* do mouse, o pregador cria uma nova pasta renomeado-a para *Biblioteca de Pregações*, ou algo parecido (**ilustração 1**). Dentro da pasta *Biblioteca de Pregações* ele poderá criar diversas outras pastas, literalmente tantas quanto precisar. Estas subpastas funcionam como aquelas gavetas de arquivos, ou seja, nelas o pregador poderá separar os seus recursos por temas. A título de exemplo criamos as seguintes subpastas (**ilustração 2**): *Arquivo de Ilustrações*, na qual podemos armazenar tudo o que poderá servir como ilustrações em mensagens futuras; *Comentário Matthew Henry*; *Lista de Mensagens Pregadas*, uma lista simples contendo título da pregação, local e data onde foram pregadas – trata-se de um bom recurso para se evitar repetições desnecessárias; *Textos Para Consultas*; *Notícias de Jornais da Internet*; etc.

Dentro de cada uma destas pastas o pregador poder armazenar a quantidade de arquivos que desejar, sempre seguindo o tema ou finalidade da mesma, como ocorre no nosso exemplo (**ilustração 3**) com a pasta *Textos para Consultas*. As pastas aqui sugeridas são apenas ilustrativas, cada pregador deverá adequadas as suas necessidades e recursos.

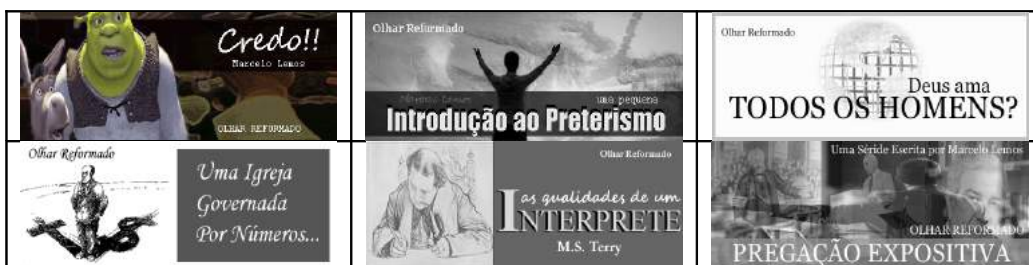
Observe que no exemplo três, ou seja, dentro da pasta *Textos Para Consulta*, podemos encontrar diversos textos que não possuem temas em comum; de fato, eles abrangem da exegese a missiologia. Uma organização melhor poderia ser feita criando, dentro de *Textos Para Consultas*, outras subpastas, dividindo-os por temas comuns: *Missiologia*, *Exegese*; *Arminianismo*; *Calvinismo*; *Preterismo*; etc.

Produzindo Material.

A informática coloca a nossa disposição possibilidades quase infinitas de criação. Não podemos deixar em branco algum incentivo para que o pregador se arrisque em outros campos como programação, web e criação gráfica. Com alguma dedicação e esforço o pregador poderá conseguir bons resultados, apesar de não ser um profissional na área.



As imagens obtidas pela manipulação de suítes gráficas fornecem boa parte da identidade visual do blog **Olhar Reformado**, do qual somos, como sabem, o editor.



As possibilidades são inúmeras. Utilizando seu computador é possível elaborar capas para livros, apostilas, cds e dvd's; também é possível editar livros, revistas, boletins informativos, folders, enfim. Algumas igrejas, certamente as mais abastadas, contam até com equipes dedicadas especialmente a estas atividades. Não sendo esta a realidade de todos nós, vale a pena o esforço de aprender os fundamentos elementares de tais softwares.

Nosso maior interesse, no entanto, está no púlpito. Como a Informática poderá auxiliá-lo na tarefa mesma da pregação? Para os mais ousados a resposta é bem simples: leva-se um Notebook para o púlpito a fim de consultar o esboço ou o manuscrito. Gosto da idéia, porém, há riscos. O primeiro deles é deparar-se com uma igreja não aceite isso muito bem; parece incrível mais já vi acontecer algumas vezes. Por alguma *misteriosa razão* algumas pessoas imaginam isto é coisa de quem tem '*menos unção*'. Um segundo risco envolve sua segurança pessoal. Há alguns anos, uma igreja das Assembléias de Deus, foi invadida por ladrões que atiraram no rosto pastor apenas para levar seu computador portátil.

Algo mais acessível, enquanto não atingimos condições mais ideais, é utilizar a Informática para redigir e imprimir esboços e manuscritos a serem utilizados no púlpito. Neste sentido o computador é verdadeiro salva-vidas para aqueles que, como eu, possuem letras que beiram ao sofrível. Poucas coisas podem ser piores do que, em cima do Púlpito, não conseguir ler, *num relance*, esta ou aquela anotação. Utilizando o computador este problema simplesmente desaparece.

Um simples software como o Word, da Microsoft, ou qualquer outro distribuído gratuitamente na Internet, dará conta do recado. A única preocupação aqui é na hora de salvar o arquivo. Por segurança é aconselhável salvar sempre com a extensão ".doc", assim, evita-se, quase sempre, algum incomodo problema de compatibilidade. A incompatibilidade ocorre quanto algum software não consegue abrir o arquivo de texto que você salvou a partir de um outro programa.

Se você prefere redigir todo o sermão, *prática que aconselho*, e depois levar tais anotações para o púlpito (aconselhável no máximo 4 ou 5 páginas), a questão é bem simples. Neste caso, basta que você formate o texto a fim de que as ênfases e

divisões principais do texto estejam claramente perceptíveis, como se pode observar no exemplo a seguir:

graça para a salvação. Só depois de achar a graça de Deus é que Noé era varão justo e reto em suas gerações e que Noé andava com Deus. A graça de Deus fez isto na vida dele.

I A GRAÇA DE DEUS ESTÁ NA BÍBLIA

Dizer que a graça de Deus não está na Bíblia, é negar Deus e Seus ensinamentos. Também dizer que Deus não escolhe nem elege o homem para a salvação, é negar os que são eleitos desde a fundação do mundo. É aceitar a Bíblia pela metade, é dizer que a Bíblia tem erros. Contudo, a Bíblia tem erros? De maneira alguma, a Bíblia é a Palavra de Deus, e é verdadeira e infalível. Todavia, os que pensam que a salvação depende do homem, aconselho ler Romanos capítulo 9 todo. Aqui destaco os versículos 11-20. Observa só um destes versículos, versículo 11: *“Porque, não tendo eles ainda nascido, nem tendo feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama)”*. Medita irmãos e goza da graça preciosa de Jesus.

II A GRAÇA DE DEUS ME CONVENCE

Deixa-me fazer uma pergunta. Quem está convencido da graça de Deus? Acredito que somente os que vivem na graça, os que aceitam a eleição da graça, os que não eram salvos de Deus e agora são, os que eram perdidos e foram achados, os que

As frases destacadas pelo pregador, João Batista Rocha Pereira, e que nos grifamos em vermelho, são o que chamamos de Divisões Principais do Sermão. Vamos imaginar que na mensagem “A Graça é Deus”, ele tenha tido a intenção de falar aos seus ouvintes a respeito de ‘verdades relacionadas a graça de Deus’. Neste caso, as frases em destaque representam a progressão do pensamento lógico, sendo cada qual um Divisão principal do texto.

Para facilitar na hora da leitura, e também auxiliar os ouvintes na retenção da mensagem, o pregador poderia ter colocado antes de cada uma dessas frases um algarismo romano, indicando a seqüência da argumentação. Foi o que nós fizemos em vermelho no exemplo acima.

Na parte que destacamos em amarelo observe como o autor diferencia, utilizando ‘itálicos’, as citações bíblicas que faz no corpo do texto. Isso também é importante para facilitar a leitura, e auxiliar o orador na variação vocal na hora da leitura.

Uma observação final é sobre o espaçamento duplo que o autor utilizou entre as linhas. Experimente ler e falar tendo a sua frente um texto qualquer utilizando o espaçamento comum que costumamos encontrar em livros e revistas. Bastam alguns minutos para que os olhos cansem e a leitura esteja seriamente prejudicada.

Utilizando espaçamento duplo, junto com os destaques que já assinalamos, este problema está, em parte, resolvido.

No caso do pregador desejar apenas a companhia de seu esboço, o modelo a seguir poderá nos dar uma boa idéia do que fazer:

- Seja um esboço simples;

TÍTULO: “O Primeiro Pecado”
Texto: *Gênesis 3*

I – A ATUAÇÃO DO ADVERSÁRIO...vs. 1-5!

1. Colocou dúvida sobre o conteúdo da Palavra de Deus... vs. 1-3
2. Questionou a veracidade da Palavra de Deus... v.4.
3. Questionou o caráter bondoso de Deus... v. 5

II – A ATUAÇÃO DE ADÃO E EVA... vs. 6 -19!

1. Foram envolvidos pela sedução do pecado... v.6
2. Tentaram resolver sozinhos o problema do pecado... v.7
3. Ficaram apavorados diante da presença de Deus... vs. 7 – 10
4. Pensaram que podiam transferir sua culpa... vs. 11 – 13
5. Colheram o fruto da desobediência... vs. 14-19

III – A ATUAÇÃO DE DEUS... vs. 7 – 24!

1. Deus trata o pecado com severidade... vs. 14 – 24
2. Deus não tem o culpado por inocente... vs. 16,17
3. Deus promete um escape para Adão... **v. 15**

Neste exemplo encontramos um esboço que pode ser facilmente condicionado entre as páginas da Bíblia. Pessoalmente costumo levar comigo uma porção deles, principalmente quando estou visitando alguma congregação. No caso de ser surpreendido com um ‘convite’ de ultima hora para pregar, tais esboços poderão suprir sua necessidade imediata. Caso o convite seja apenas para ‘dar uma saudação’, basta que você escolha uma das divisões principais acima, ou mesmo apenas uma das subdivisões.

Observe que mesmo num esboço tão simples é possível, e aconselhável, imprimir no texto indicações de destaques, utilizando itálicos e grifos bem distribuídos.

- Seja um esboço mais detalhado

TÍTULO: “A Igreja Local. Você a Conhece?”

Texto: *I Coríntios 1.2*

I – ELA É A IGREJA VISÍVEL... a chamamos assim por situar-se num lugar específico: “*Á Igreja de Deus que está em Corínto*”... v.2a

II – ELA É FORMADA POR PESSOAS SANTIFICADAS: “*aos santificados em Cristo Jesus*”... v.2b (Santificação posicional em Cristo – Justificação!)

III – ELA É FORMADA POR PESSOAS SANTAS: “*chamados santos*”... v.2c (Santificação experimental). King James Version: “*chamados para serem santos*”. A expressão para serem não consta no grego, mas é o sentido do pensamento de Paulo.

IV – ELA POSSUI JESUS COMO SENHOR: “*invocam o nome de nosso Senhor*”... v.2d

No quadro abaixo podemos ver um modelo de esboço ainda mais detalhado, baseado em sermão homônimo de Spurgeon:

PODER COM DEUS

“Alcançando o Favor do Senhor!”

“*Então disse: Não te chamarás mais Jacó, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste*” – Gênesis 32.28.

Depois que Jacó havia prevalecido com Deus, ou seja, *alcançado o Seu favor*, não tinha nenhuma razão para temer seu irmão Esaú. E olha que ele estava desfrutando o favor alcançado por um homem *solitário*, por ocasião de um grande apuro. Quanto mais *poder com Deus* será alcançado quando duas ou três pessoas se juntam para orar ao Senhor!



I. O QUE NÃO É ESTE “PODER COM DEUS”

1. **Não pode ser um poder mágico.** Alguns parecer nutrir a ilusão de que as orações funcionem como num ritual mágico; porém, isso é bobagem.
2. **Não pode ser um poder meritório.** Não se pode merecer tal poder. Ele é alcançado por Graça.
3. **Não pode ser um poder próprio.** Ele não nasce, nem depende, das capacidades pessoais de alguém.

II – QUAL A FONTE DESTE “PODER COM DEUS”?

1. **Vem da natureza graciosa de Deus.** Sua bondade e ternura surgem perante os olhos da nossa tristeza e debilidade. Um soldado que ia matar um garotinho, deteve sua arma quando o pequeno clamou: “Não me mates; sou tão pequeno!”.
2. **Vem da promessa de Deus.** Ele fez um Pacto no seu Evangelho e na Sua Palavra; por isso, atende aos que apelam para sua verade e fidelidade.
3. **Procede dos benefícios da Graça.** Com toda segurança, um pai escutará seus próprios filhos.

III. COMO ESTE “PODER COM DEUS” PODE SER EXERCÍDO?

1. **Deve haver um profundo sentimento de debilidade** (II Cor. 12.10).
2. **Deve haver fé sincera na bondade do Senhor** (João 14.12).
3. **Deve haver obediência pronta a Sua Vontade** (João 9.31).

O favor de Deus pode ser alcançado em favor de nós mesmos, para nossa próprio libertação de provas específicas; para nosso fortalecimento e crescimento espiritual – assim como Jacó que dali em diante enfrentaria sucessivas tribulações.

O favor de Deus pode ser alcançado em favor dos nossos semelhantes. As mulheres e os filhos de Jacó forma preservados e, também, o coração do próprio Esaú foi transformado. Exemplos de outros santos como Abraão, Jó, Moisés e Paulo, nos mostram que este poder com Deus pode alcançar o bem de outras pessoas.

Quão terrível é não possuir este poder com Deus e ter que lutar com a força do nosso próprio braço!

Este e os demais esboços aqui apresentados foram extraídos da revista O Púlpito Hoje, publicado e disponível no blog **Olhar Reformado**.

Para facilitar o manuseio de um esboço tão grande no púlpito o pregador poderá utilizar a seguinte formatação:

1. Arquivo – Configurar Página – Modo Paisagem (o padrão fica sempre em modo retrato).
2. Formatar – Colunas – duas (O2) colunas.

Na maioria dos casos isso bastará para que todo o esboço fique condensado em página única. Em algumas ocasiões, porém, será necessário fazer alguns ajustes nas margens do documento, o que é facilmente realizado manipulando as régua do texto.

PODER COM DEUS

“Alcançando o Favor do Senhor!”

“Então disse: Não te chamarás mais Jacó, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste” – Gênesis 32.28.

Depois que Jacó havia prevalecido com Deus, ou seja, alcançado o Seu favor, não tinha nenhuma razão para temer seu irmão Esaú. E olha que ele estava desfrutando o favor alcançado por um homem solitário, por ocasião de um grande apuro. Quanto mais poder com Deus será alcançado quando duas ou três pessoas se juntam para orar ao Senhor!

I. O QUE NÃO É ESTE “PODER COM DEUS”

1. **Não pode ser um poder mágico.** Alguns parecer nutrir a ilusão de que as orações funcionem como num ritual mágico; porém, isso é bobagem.
2. **Não pode ser um poder meritório.** Não se pode merecer tal poder. Ele é alcançado por Graça.
3. **Não pode ser um poder próprio.** Ele não nasce, nem depende, das capacidades pessoais de alguém.

II - QUAL A FONTE DESTE “PODER COM DEUS”?

1. **Vem da natureza graciosa de Deus.** Sua bondade e ternura surgem perante os olhos da nossa tristeza e debilidade. Um soldado que ia matar um garotinho, deteve sua arma quando o pequeno clamou: “Não me mates; sou tão pequeno!”.
2. **Vem da promessa de Deus.** Ele fez um Pacto no seu Evangelho e na Sua Palavra; por isso, atende aos que apelam para sua verade e fidelidade.
3. **Procede dos benefícios da Graça.** Com toda segurança, um pai escutará seus próprios filhos.

III. COMO ESTE “PODER COM DEUS” PODE SER EXERCICIDO?

1. **Deve haver um profundo sentimento de debilidade** (II Cor. 12.10).
2. **Deve haver fé sincera na bondade do Senhor** (João 14.12).
3. **Deve haver obediência pronta a Sua Vontade** (João 9.31).

O favor de Deus pode ser alcançado em favor de nós mesmos, para nossa próprio libertação de provas específicas; para nosso fortalecimento e crescimento espiritual - assim como Jacó que dali em diante enfrentaria sucessivas tribulações.

O favor de Deus pode ser alcançado em favor dos nossos semelhantes. As mulheres e os filhos de Jacó forma preservados e, também, o coração do próprio Esaú foi transformado. Exemplos de outros santos como Abraão,

No centro do documento impresso traçamos uma linha em amarelo, indicando a possibilidade do pregador dobrar o documento ao meio, facilitando a ainda mais a utilização do mesmo sobre a tribuna.

Esperamos que nestas breves linhas tenhamos conseguido despertar o seu interesse pelo uso da Informática no seu ministério de pregação.

Arte de Falar em Público

Quem inventou a retórica moderna? Segundo alguns autores essa honra se deve aos sofistas, hábeis polemistas, que teriam lançado as bases desta arte por volta do quinto século da era cristã. Como polemistas eles buscavam encontrar a ‘receita’ para um discurso capaz de persuadir os seus ouvintes; e parecem ter alcançado bons resultados, haja vista a enorme quantidade de discípulos que conquistaram, e as multidões que pagavam para ouvirem seus elaborados discursos.

Não significa, entretanto, que inexistia a arte de falar em pública antes dos sofistas. De fato, outras escolas antecederam aos mesmos. Os discursos públicos já eram comuns em reuniões nas Sinagogas, por exemplo. Em diversas porções do Novo Testamento, diversos especialistas têm identificado traços da ‘retórica’ de então. Um exemplo factual deste fato pode ser encontrado nas pesquisas de B. Standaert, que pretende ligar, mediante estudos exaustivos, os escritos de Paulo a elementos apocalípticos de origem judaica. Em síntese, ele analisa o apóstolo a partir da retórica antiga, o que na opinião de especialistas como Maurice Carrez, abre uma porta imensa para pesquisas sobre a relação entre a retórica grego-latina e o movimento ABA’ da expressão semítica.

Tal reflexão nos lança a uma observação necessária. A retórica em si é apenas uma ciência, e uma arte. Trata-se de uma disciplina que nos rege rumo a uma melhor forma de expressão oral. Neste sentido, não há nada de ‘espiritual’ ou ‘místico’ em tais estudos. É pura técnica. São recursos que podem ser habilmente utilizados por políticos, advogados, ditadores, enfim. Por isso, não existe nenhum mérito ‘espiritual’ num orador, seja ele cristão ou secular, que leva seus ouvintes a grandes emoções, ou mesmo às lágrimas. Existe mérito, porém, apenas do ponto de vista técnico.

Por outro lado, o uso da técnica não prejudica, por si só, o caráter espiritual do trabalho da pregação. Todo extremo aqui deve ser evitado. O sermão não é mera manipulação de recursos retóricos, como faziam os sofistas, e fazem muitos animadores de auditório. Ao mesmo tempo, o sermão realmente bíblico não cai do céu, dispensando o pregador do devido preparo bíblico, teológico e técnico. Até mesmo a redação do Novo Testamento, cuja inspiração não pode jamais ser igualada pelo mais espiritual dos pregadores, obedeceu a algumas regras literárias e discursivas vigentes em seu tempo.

Toda vez que você ouvir uma mensagem dividida em diversos pontos, ou melhor, em divisões principais, lembre-se de Homero. Cerca de um século depois do nascimento do sofismo, Homero elevou a retórica a um novo patamar de qualidade, estabelecendo três pontos a mensagem. Herdamos dele a idéia de que o ‘todo’, ou seja, uma mensagem completa, necessita de um início, um meio, e um fim.

Outro que muito contribuiu com a retórica foi o filósofo Aristóteles (384-322 a.C.). Este gênio da Antiguidade é considerado um espírito enciclopédico, tendo conhecido toda a ciência de seu tempo. Duas grandes obras de Aristóteles influenciaram, e influenciam, a história da civilização. O seu *Tratado de Lógica*, ou

Organon, foi a base que os filósofos patrísticos utilizaram na formulação a escolástica; e *Retórica*, outra de suas obras, tem fornecido a autores de todos os tempos, material para suas obras sobre o tema.

Aristóteles compreendia a oratória como sendo a arte de convencer os ouvintes sobre qualquer assunto, não importando ser este fácil ou polêmico. Para atingir este fim, a oratória deveria, portanto, descobrir todos os meios possíveis de influenciar a opinião das pessoas. Alguns o criticam por ter enfatizado mais o aspecto emocional do discurso do que a apresentação de provas; todavia, ele também se valia delas quando julgava necessário.

“Se eu faço uma exposição sobre a condutibilidade do calor, sobre o gás carbônico, ou sobre o triangulo-retangulo, eu emprego os processos estudados pela lógica; o julgamento, o raciocínio, a dedução, os métodos particulares de cada ciência, a análise, a síntese, etc. Se, pelo contrário, eu me proponho a persuadir um auditório da necessidade de proteger, por exemplo, os animais contra a sanha dos seus inimigos, a minha preocupação já não é a de demonstrar uma verdade científica, mas a de esforçar-me pelo interesse, pelo sentimento, pela emoção, e convencer o auditório da minha opinião. A retórica é o instrumento da opinião ideológica...” – Aristóteles.

Observe que enquanto ciência e arte, a oratória não possui nada de ‘espiritual’; é, como já afirmamos, uma questão de técnicas. Recursos que podem ser utilizados tanto para o bem, quanto para o mal. Hitler, por exemplo, foi um grande orador e, com seu talento, conseguiu arrastar após si quase todos os alemães em busca de um sonho estúpido. Na religião o mesmo perigo acontece constantemente. Sábado após sábado podemos ligar o televisor e ver um senhor de cabelo pranchado conduzindo multidões ao êxtase religioso, sem que isso significa, não na maioria dos casos, que ele tenha, de fato, uma mensagem verdadeira bíblica.

Como era de se esperar as técnicas de oratória começaram a influenciar a pregação cristã a medida que a fé se espalhava pelo mundo. Alguns críticos do sermão moderno, como Frank A. Viola, pretende fazer crer que tal influência foi algo de pecaminoso. Os que assim pensam defendem que ao introduzirem no culto um discurso previamente elaborado, e seguindo as regras da oratória grega, os cristãos haviam traído a pureza da pregação neotestamentária.

É estranho, além de contraditório, o fato de que estes críticos reconhecerem que a retórica evoluiu com o tempo, influenciando mais, ou menos, esta e aquela cultura. De modo que é irracional esperar que o apóstolo Paulo se valesse das técnicas de retórica que Aristóteles ou Sócrates elaborariam séculos depois! Além disso, tais críticos desconhecem (ou fingem desconhecem) o importante fato de que quando a retórica grega não existia, ou era embrionária, já existiam outras formas de discursos, os quais, foram utilizados pelos pregadores e autores do Novo Testamento.

Numa crítica contra o sermão protestante, o autor supra citado comenta: “... *ex-oradores pagãos, agora cristãos, começaram a utilizar integralmente suas destrezas oratórias para fins cristãos... Se você comparar um sermão pagão do século III com um proferido pelos pais da Igreja, você encontrará a estrutura e a fraseologia de ambos bem similares*”.

Qual o problema fundamental desta crítica? Ela preocupa-se com *a forma*, que nada mais é que uma questão cultural, e não com *o conteúdo*; que é o que faz toda diferença. O autor admite que os gregos convertidos passaram a utilizar o seu talento para “fins cristãos”. E, de fato, o fizeram muito bem. Neste período encontramos alguns dos maiores apologistas e pregadores de todos os tempos! O fato de falarem segundo as regras da oratória de então é uma questão de contexto. Ora, o mesmo vale para as teses que exigimos nos seminários. Compare um bom texto sobre soterologia, exigido por uma banca examinadora num Seminário Presbiteriano, com um exigido na cadeira de embriologia da USP. O estilo, a metodologia, as regras de formatação são idênticas; sendo que a diferença entre os textos está em seu conteúdo! Seriam, por isso, as teses de seminário trabalhos profanos?

A crítica é tão desprovida de fundamento racional que se invertermos o seu argumento básico encontraremos o ridículo. Caso a utilização de técnicas de criação artísticas sejam algo profano, deverias abundar os nossos textos com diversos erros estruturas e gramaticais. Isso porque tais erros podem ser facilmente encontrados nos escritos apostólicos! Porém, oposto a isso, aqueles que criticam a oratória cristã, exceto pelos analfabetos dentre eles, fazem questão de escreverem seus textos, e suas críticas, de acordo com as regras vigentes nas Letras. É, ou não é, uma enorme contradição?

Nos capítulos seguintes abordaremos mais detalhadamente as técnicas específicas de organização do discurso, mais precisamente do discurso cristão. Isso nos permite dedicarmos o restante deste capítulo a outros assuntos como a postura e a gesticulação do pregador diante de seus ouvintes, dentre outros.

Começemos pensando em *eloqüência*. Quem nunca ouviu alguém dizer: “Nossa, viu como Fulano falou de forma eloqüente hoje?”. Mas, afinal de contas, o que é eloqüência? O termo vem do latim e significa “elegância no falar”. Em outras palavras, ser eloqüente é falar bem, é falar de forma agradável, elegante e bela. Não é, pois, próprio do pregador eloqüente a gritaria, os pulos exagerados, os socos sobre a tribuna, etc.

Na busca por um ‘falar elegante’ o pregador deve dedicar atenção aos seguintes elementos: sua voz, seu vocabulário, sua gesticulação, e seu estilo. Quero citar alguns conselhos gerais sobre estes temas, apesar de julgá-los como de menor importância.

A VOZ do pregador precisa ser audível, ou seja, emitida de modo que todos possam ouvir, e bem. E que isso acontece de modo natural, sem gritarias e sem excessos na altura do som do microfone.

A voz também precisa ser entendível, isto é, emitida de forma clara, com palavras bem articuladas, de modo que elas sejam pronunciadas adequadamente. No caso de ler o sermão, o pregador obrigatoriamente precisa observar coisas simples como pontuações e acentos, além de outros detalhes.

O pregador que lê o sermão ainda deveria marcar o texto com ênfases. Ou seja, através de grifos ou negritos, o pregador marca no texto os lugares, frases ou palavras, onde ele precisa desta ou daquela variação de voz, ou de ritmo, etc.

Uma boa dicção também é de grande valor para a voz do pregador. Por boa dicção nos referimos a pronúncia correta das palavras, sem cacofonias.

A POSTURA do pregar não deve ser menosprezada. Recomenda-se uma postura elegante, ereta. Não é bom que o pregador se apoie na ‘púlpito’, ou que mantenha o peso do corpo sobre uma mesma perna todo o tempo, nem que fique jogando seu peso de um pé para o outro. São coisas simples como estas que podem influenciar negativamente os ouvintes.

A GESTICULAÇÃO também deve ser observada. Que se evite gesticulações artificiais, ensaiadas previamente. Melhor uma gesticulação ‘fraca’ do que uma gesticulação que mostre o pregador como que representando um papel. Não que o pregador não possa treinar seus gestos, de um modo geral. Ele pode treinar, e até mesmo deve fazê-lo. Na hora do nervosismo podemos ver pregadores falando do céu, enquanto apontam para baixo; outros falam sobre “ir” e “voltar” apontando para o mesmo lado; etc. Gesticular de forma consciente é fundamental.

O recomendável é que o gesto acompanhe a fala, é isso que lhe dá o peso oratório que lhe é tão característico; ou seja, ele reforça aquilo que as palavras estão dizendo. Uma regra de ouro aqui é nunca falar antes de PENSAR. Pode parecer tolice, mas a maioria de nós erra neste ponto. Na hora do nervosismo falamos pelos ‘cantos’, sem pensar direito. O certo é falar pausadamente, dando as ênfases necessárias. Quando eu penso no que vou dizer em seguida, tenho muito mais chance que realizar a gesticulação adequada.

A seguir listaremos algumas dicas gerais sobre estes assuntos. As dicas foram compiladas de um artigo de José Ferraz.

ALGUMAS REGRAS DE ELOQUÊNCIA

- Procurar ler o mais que puder sobre o assunto a ser exposto.

- Conhecimento do publico ouvinte.
- Procurar saber o tipo de reunião e o nível dos ouvintes.
- Seriedade pois o orador não é um animador de platéia.
- Ser objetivo, claro para não causar nos ouvintes o desinteresse.
- Utilizar uma linguagem bíblica.
- Evitar usar o pronome EU e sim o pronome NÓS.

A POSTURA DO ORADOR

É muito importante que o orador saiba como comportar-se em um púlpito ou tribuna. A sua postura pode ajudar ou atrapalhar sua exposição.

A fisionomia é muito importante pois transmite os nossos sentimentos, Vejamos :

- Ficar em posição de nobre atitude.
- Olhar para os ouvintes.
- Não demonstrar rigidez e nervosismo.
- Evitar exageros nos gestos.
- Não demonstrar indisposição.
- Evitar as leituras prolongadas.
- Sempre preocupado com a indumentária. (Cores, Gravata, Meias)
- Cabelos penteados melhora muito a aparência.
- O assentar também é muito importante.

Não consideramos tais detalhes como sendo o centro das atenções do pegador; porém, nada justifica negligenciarmos elementos tão fundamentais da comunicação pessoal.

Qualidades Indispensáveis

A Uma Boa Pregação

Quando adolescente eu tinha um grande sonho: *pregar*. Entrementes, toda minha alma nutria um terrível medo: *pregar*. Tendo sido criado num contexto avivalista, cultivei a noção – equivocada – de que pregar o Evangelho exigiria que fosse aquilo que não sou: *extrovertido*. Portanto, eu me via entre a cruz e a espada. De um lado era consumido pelo desejo ardente de pregar, um sentimento de dever, de obrigação. Mas, por outro lado, eu me sentia completamente incapaz de fazê-lo, uma vez que eu não tinha habilidades especiais de comunicação.

Eu era tão fraco como comunicador que no dia que anunciei que faria faculdade de Teologia, uma tia que almoçava com nossa família no dia soltou: “*Credo! Você bebeu o quê, garoto? Nem falar você fala!*”. Não era exagero. Ela estava certa. Pense, leitor, em alguém extremamente introvertido e tímido. Pensou? Agora multiplique por dois – *o resultado sou eu!*

Além desta completa inabilidade pessoal, eu tinha o tal problema de não saber ao certo o que era uma pregação. Eu via muitos outros jovens pregando. E, em muitos aspectos, os admirava. Alguns eram espontâneos; outros divertidos; alguns ousados – quase proféticos. E por trás de tudo aquilo me parecia haver a noção de que “pregação” é o orador falando com intenção de “*colocar fogo na Igreja*”. Logo, costumávamos medir a eficácia do pregador, e do seu sermão, pelos decibéis detectados. Incompetente que sou para a coisa, tal expectativa só fazia aumentar o meu medo de pregar.

O meu erro era não saber *o que é* uma pregação. Já escrevi sobre isso em outros lugares, de modo que não pretendo me alongar em definições; todavia, vale sempre recordar que pregar nada mais é que transmitir à Igreja uma mensagem vinda de Deus, por meio das Escrituras. Nem mais, nem menos! Se a Igreja irá responder com lágrimas, ou com riso, deve ser preocupação do Espírito. A única preocupação do pregador é ter *uma mensagem*.

Quando percebi isso, e o percebi estudando teologia reformada, especialmente por influência da revista Fé Para Hoje (Editora Fiel), tudo mudou em meu ministério. Simplesmente perdi o medo de pregar. Hoje, continuo tendo medo de falar em público, continuo uma pessoa tímida. Mas, quando subo no Púlpito, não estou ali para ser agradável, para divertir ou impressionar alguém – estou ali apenas porque tenho a obrigação de entregar uma mensagem. E isso faz toda a diferença.

Observem que não estou insinuando que a pregação não possa despertar reações emotivas nos ouvintes. Estou afirmando somente isto: a reação emocional dos ouvintes, não é preocupação do pregador.

A única preocupação do pregador é a sua mensagem. Como deve ser a pregação? Quais as qualidades de uma boa pregação?

A PREGAÇÃO DEVE SER BÍBLICA

Uma pregação bíblica não deve vir sem seu atributo principal: *ser bíblica*. Por mais óbvio que seja tal afirmação, o fato é que ultimamente temos visto de tudo, menos pregação bíblica. Para qualquer lado que olhamos encontramos discursos sobre auto-ajuda, sobre manifestações sobrenaturais, sobre prosperidade, sobre depressão... menos sobre a Bíblia.

Na maioria destes casos a Bíblia é utilizada apenas como uma desculpa, uma muleta. Com efeito, boa parte das pregações que temos hoje, em nada difere dos princípios de “orientação espiritual” que o pessoal da ‘*Shei-Sho-Noie*’ ensinam; a única diferença é que do lado de cá se utiliza o nome de Cristo, e o livro sagrado é a Bíblia. Experimente fazer um teste: pegue uma mensagem qualquer dos gurus da Nova Era, substitua seus argumentos distintivos por uma linguagem “gospel” e pronto! Você acaba de escrever um sermão que pode ser pregado em praticamente qualquer Igreja moderna!

Este é um problema que muita gente não se dá conta. O fato de um pregador ensinar alguma coisa enquanto faz apontamentos sobre a história de um personagem bíblico, não significa, necessariamente, que ele está sendo bíblico! Um exemplo claro de tal erro pode ser visto na “hermenêutica” neopentecostal. Para o neopentecostal, a Bíblia é apenas uma coleção de experiências sensoriais que podem, e devem ser reproduzidas. Assim, um pregador da IURD, por exemplo, não vai a Bíblia procurando verdades do Evangelho, antes, ele procura experiências sensoriais que possa reproduzir na liturgia.

Com essa falsa hermenêutica ele trará uma mensagem, *que diz ser bíblica*, na qual convoca os fiéis a participarem dos mais estranhos rituais: cajado de Moisés, chave de David, fogueira santa do Monte Sinai, cuspe de Cristo, bolo da multiplicação, reunião do descarrego, etc. Evidentemente, qualquer pessoa semi alfabetizada, e desprovida da influencia psicologia destes pregadores, irá notar sérios e absurdos problemas de exegese. Todavia, para quem está seduzido por tais rituais e ‘pregações’, tudo que importa é o fato do pregador utilizar uma linguagem Bíblica!

Uma outra forma muito comum de usar a Bíblia, e mesmo assim não ser Bíblico, é a famosa *eisegese*. O termo exegese significa tirar do texto alguma coisa. Em outras palavras, quando eu faço exegese de um texto, me preocupo em saber o que ele diz, para então poder aplicá-lo a uma nova realidade, a um novo contexto. Na eisegese ocorre o oposto disso. Trata-se de eisegese, toda vez que o pregador IGNORA, ou desconhece, o sentido natural do texto, e o leva a dizer aquilo que, na verdade, nunca disse. Um exemplo: recentemente ouvimos um pregador assembleiano utilizar o texto de José do Egito para condenar o uso da barba. Qual seu argumento? Segundo ele, quando Josué foi chamado a presença de Faraó, a primeira coisa que fez foi a barba; portanto, se vamos nos apresentar na presença do Rei dos Reis, nada mais lógico que fazermos a mesma coisa!

São constatações como estas que nos fazem cada dia mais convicto de que a pregação expositiva deve ser preferida. Não que as demais sejam ‘errôneas’, em si mesmas. Existem pregações tópicas e textuais maravilhosamente bíblicas. Contudo, quando eu prego expositivamente, o peso de me manter intimamente ligado ao significado do texto é muito maior e mais urgente. Mas não podemos ir ao extremo de dizer que uma pregação é ruim *por ser tópica*. Neste caso, o mais coerente seria queimarmos todas as nossas teologias sistemáticas. Uma mensagem é ruim quando não é bíblica, independentemente de sua estrutura formal.

A PREGAÇÃO DEVE SER PLANEJADA

A seguir apenas reproduzimos um trecho do livro ‘*Mensagem do Antigo Testamento Para os Nossos dias*’, de Kelley:

O pregador eficiente tem de planejar sua pregação com antecipação. Muitos pastores falam sem nenhum plano ou propósito. Eles simplesmente decidem, a cada semana, quais os tópicos para os sermões do domingo seguinte. Algumas vezes, a decisão é feita na sexta-feira ou no sábado. A pregação sem um plano de longo alcance produz diversos resultados negativos:

1. O pregador é colocado sob tensão e ansiedade desnecessárias;
2. Muitos pastores simplesmente pregam os mesmos sermões, domingo após domingo. Eles escolhem um texto novo, mas, no fim, o conteúdo acaba sendo idêntico ao daquele outro velho sermão;
3. Outras vezes, o pregador tem uma idéia boa para um sermão, mas não dá tempo para que ela se desenvolva; e
4. Aqueles que não planejam sua pregação, geralmente cedem à tentação do plágio”.

Sobre tal planejamento, cremos que as observações que fizemos na série **Pregação Expositiva**, publicada no blog ‘*Olhar Reformado*’, tem muito a esclarecer sobre o assunto. Caso o leitor desconheça a série, recomendamos que acesse o site.

Em síntese, acreditamos que a pregação expositiva seja capaz de retirar dos ombros do pregador o terrível peso da improvisação. Pregando as Escrituras de modo sistemático, o pregador se verá munido de material suficiente para um ministério criativo e variado, independentemente de quantos anos ele servirá a mesma Igreja. Só tem uma coisa que a pregação expositiva não pode fazer pelo pregador: *livrá-lo da obrigação de trabalhar seriamente em seu ministério de pregação*.

Acima se fala sobre um planejamento geral da pregação. O que nos faz lembrar da necessidade de planejar a pregação em si, de forma individual. Cada pregação deve ser planejada, e, se possível, ensaiada – na frente de um espelho, ou de uma filmadora, por exemplo. O pregador só deveria improvisar quando fosse absolutamente necessário.

A PREGAÇÃO DEVE SER LÓGICA (ORGANIZADA)

Analise o esquema a seguir:

Título: *‘Maranata! Ora, vem, Senhor Jesus!’*

Falaremos sobre **a esperança** da Igreja:

I – A Igreja tem Esperança de Vencer o Mundo!

II – A Igreja tem Esperança de Morar com Cristo!

III – A Igreja tem Esperança de Ser Transformada!

IV – A Igreja tem Esperança da Vida Eterna!

Dependendo da forma como o pregador o desenvolva, o esboço acima tem grandes chances de vir a ser uma pregação bíblica. No entanto, ele comete um grande erro: *não é lógico!* Não é lógico, pois, se você atentar bem, perceberá que ele inverte, ou mistura, a ordem natural das coisas. Pelo menos dois defeitos de organização estão presentes, como veremos a seguir.

O primeiro defeito do esboço acima é inverter a ordem dos fatores. Depois de afirmar que a Igreja tem a esperança de “vencer o mundo”, o pregador passa a dizer que sua esperança também é quanto a “morar com Cristo”. Até aqui tudo bem, pois primeiro vencemos o mundo e depois moramos com Cristo. O problema está na terceira DIVISÃO da mensagem, onde se afirma que a esperança da Igreja a faz aguardar “ser transformada”. Aqui temos um problema de lógica, uma vez que “ser transformado” forçosamente deve vir antes de “morar com Cristo”. Pela lógica a ordem certa seria:

I – A Igreja tem Esperança de Vencer o Mundo!

II – A Igreja tem Esperança de Ser Transformada

III – A Igreja tem Esperança de Morar com Cristo!

Mais alguns exemplos:

<i>Organização Errada</i>	<i>Organização Certa</i>
I – Batista Pregou sobre o Cordeiro de Deus	I – Batista Pregou contra o Pecado

II – Batista Pregou sobre o Arrependimento III – Batista Pregou contra o Pecado	II – Batista Pregou sobre o Arrependimento III – Batista Pregou sobre o Cordeiro de Deus
Se for verdade que nossa pregação é <i>Cristocentrica</i> , devemos deixar que o ‘apelo’ a Cristo esteja perto do fim da mensagem, na conclusão. Além disso, primeiro se condena o pecado, depois se convida ao arrependimento, e em seguida se apresenta Cristo como o Salvador.	

<i>Organização Errada</i>	<i>Organização Certa</i>
I – Missões. <i>Uma esperança.</i> II – Missões. <i>Um mandamento.</i> III – Missões. <i>Uma Grave Motivação.</i>	I – Missões. <i>Um Mandamento.</i> II – Missões. <i>Uma Grave Motivação.</i> III – Missões. <i>Uma esperança.</i>
A ordem: mandamento – grave motivação – esperança é preferível. Iniciamos falando em “mandamento”, o que já demonstra a inevitabilidade do tema; depois passamos a demonstrar uma grande motivação: por exemplo, a condição dos perdidos. E por fim, coroamos a mensagem falando da esperança da Igreja: a conversão dos eleitos, e a vida eterna; etc.	

O que estamos tentando demonstrar é que, em muitos casos, a forma como o pregador organiza o material a sua disposição, pode tornar a mensagem mais eficiente.

O segundo defeito do nosso primeiro esboço é a presença de **DIVISÕES** que ameaçam conduzir o pregador à repetição. Grifamos as partes que julgamos problemáticas:

Título: *‘Maranata! Ora, vem, Senhor Jesus!’*

Falaremos sobre **a esperança** da Igreja:

I – A Igreja tem Esperança de Vencer o Mundo!

II – A Igreja tem Esperança de Morar com Cristo!

III – A Igreja tem Esperança de Ser Transformada!

IV – A Igreja tem Esperança da Vida Eterna!

Aqui há um grande perigo do pregador ficar repetindo as mesmas idéias ao falar sobre “Morar com Cristo” e “Vida Eterna”. Isso ocorre porque está implícito em “morar com Cristo” o ter “vida eterna”, e vice-versa. Porém, caso ele organize adequadamente esta material, ele poderá utilizar a DIVISÃO “Vida Eterna” para falar sobre a segurança da salvação – *uma segurança que já é real aqui e agora*. Neste caso, ao invés de repetição, o pregador está somando valor bíblico e teológico ao seu discurso. Ficaria assim o novo esboço:

Título: *‘Maranata! Ora, vem, Senhor Jesus!’*

Falaremos sobre **a esperança** da Igreja:

I – A Igreja tem Esperança de Vencer o Mundo!
= lutar contra, e vencer o pecado!

II – A Igreja tem Esperança de Vida Eterna!
= imperdibilidade da salvação!

III – A Igreja tem Esperança de Ser Transformada
= vitória final e definitiva contra o pecado!

IV – A Igreja tem Esperança de Morar com Cristo!
= a recompensa final da Igreja!

UM POUCO SOBRE ARGUMENTAÇÃO

Também consideramos necessário ao pregador algum conhecimento sobre lógica e argumentação. A coerência que tentamos dar aos esboços acima se baseia em conceitos fundamentais do raciocínio lógico. Todavia, lembre-se o pregador que ele ainda precisa ARGUMENTAR em cada uma destas divisões; lhe será necessário provar cada ponto que advoga. Se na TERCEIRA DIVISÃO da mensagem ele promete provar que a esperança da Igreja significa uma esperança de ser transformada, ele precisa provar sua afirmação através de algum tipo de argumentação.

Nós argumentamos o tempo todo. Este texto que você está a ler é apenas fruto da argumentação de alguém, a minha. Sempre que queremos provar ou demonstrar alguma coisa, lançamos mão de algum tipo de argumentação. O problema é que nem sempre os nossos argumentos são *válidos*. Há muito que pode e deve ser tido sobre este tema, porém, levando em consideração que quase sempre argumentamos por meio de silogismos, e os maiores erros estão aqui, falaremos apenas sobre ele – e isso, de forma bem breve e limitada. Aconselhamos que o

pregador estude mais profundamente estes assuntos, dando atenção especial à identificação de falácias.

Observe a afirmação abaixo:

João Ribeiro deseja se candidatar a vereador nas próximas eleições, contudo, por ter sido condenado por fraude eleitoral na eleição passada, sua candidatura não pode ser aceita pelo Tribunal.

A afirmação acima pode ser dividida em três partes:

1. João foi condenado por fraude eleitoral
2. Um condenado por fraude não pode concorrer às eleições
3. Logo, o Tribunal irá recusar a sua candidatura

Grosso modo, todas as nossas argumentações seguem um padrão de raciocínio semelhante a este. Quando isso acontece, estamos argumentando por meio de um silogismo. Um silogismo deve ser verdadeiro quanto a FORMA, e verdadeiro quando ao CONTEÚDO. Só assim, ele nos dará uma argumentação verdadeira.

Em alguns casos, o silogismo pode ser verdadeiro quanto a FORMA, mas falso quanto ao CONTEÚDO. Em outros, ele se apresenta errado quanto a FORMA, mas verdadeiro em seu CONTEÚDO. Nos dois casos, porém, a conclusão é falsa. Erramos, pois, no primeiro caso argumentamos certo com informações erradas; no segundo, argumentamos errado com informações certas.

Na afirmação que fizemos sobre o fictício ‘João Ribeiro’, o argumento é verdadeiro, pois o silogismo está correto em sua FORMA e também quanto ao seu CONTEÚDO.

BREVE NOÇÃO DE SILOGISMO

Todo silogismo se firma em três elementos fundamentais: a primeira premissa, a segunda premissa, e a conclusão. Quando uma das duas premissas é falsa, o argumento é inválido, mesmo que formalmente seja aceito como um silogismo. Quando a conclusão é falsa, por não brotar naturalmente das duas premissas iniciais, temos o mesmo problema.

O que há de errado no argumento abaixo?

João Ribeiro já leu todas as obras de Calvino e, como sabemos, apenas os calvinistas lêem a obra do grande reformador; portanto, sem sombra de dúvida, João Ribeiro é um calvinista!

Vamos analisar as premissas:

1. *João Ribeiro já leu todas as obras de Calvino.* Falso ou verdadeiro? **Verdadeiro!** Neste caso temos que partir do pressuposto que seja verdadeiro, já que é o testemunho de quem argumenta. No entanto, em alguns casos, este argumento não valeria, a menos que comprovado por dados factuais.
2. *Apenas os Calvinistas lêem João Calvino.* Em outras palavras, todos os que lêem Calvino, são calvinistas. Falso ou verdadeiro? **Falso!** Sabemos ser falso por vários motivos: é de conhecimento geral que nem todos os que lêem Calvino são calvinistas; do mesmo modo que muitos calvinistas nunca leram uma linha de Calvino! De qualquer forma, trata-se de uma generalização absurda, uma vez ser impossível verificar se todos os que lêem Calvino são calvinistas, ou que todo calvinista lê Calvino, etc, etc.
3. *João Ribeiro é Calvinista.* Falso ou Verdadeiro? **Falso!** Trata-se de uma conclusão falsa, pois ele se deriva de uma premissa falsa. Mesmo que, de fato, João Ribeiro seja calvinista, esta argumentação não foi capaz de prová-lo, portanto, é falsa.

Todavia, do ponto de vista FORMAL o silogismo está correto, pois ele se baseia em

Uma premissa inicial: *Fulano lê as obras de Calvino*

Uma premissa secundária (*uma generalização*): *todos os que lêem as obras de Calvino são calvinistas.*

E uma conclusão: *logo, tal fulano é um calvinista.*

Não há problema quanto a forma do silogismo, sua conclusão é falsa pois **o conteúdo de uma das premissas é falso.**

Esperamos que estes breves e despretensiosos apontamentos tenham despertado o seu interesse pelo tema. Nosso conselho é que o pregador adquira material sobre o assunto, a fim de melhorar a qualidade de sua pregação; evitando erros desnecessários.

A PREGAÇÃO DEVE SER CRISTOCENTRICA

Toda pregação deve conduzir o ouvinte ao Calvário. Isso mesmo, toda pregação, sem qualquer exceção. Esteja o pregador expondo o relato da Criação, ou a queda das muralhas de Jericó, ele sempre poderá, *e deverá*, conduzir os ouvintes até os pés de Cristo.

No artigo ‘Pregação e Vislumbres do Calvário’, publicado no site Bom Caminho, C. J. Mahaney, nos conta a seguinte experiência:

Anos atrás, na Inglaterra, eu estava pregando uma série sobre a vida de Davi, recomendando o seu exemplo e comparando-o a Salomão. Ao longo da série eu comparei e contrastei Davi e Salomão e tirei das vidas deles lições pertinentes para pastores.

Ao término do seminário, fui abordado por um homem piedoso, mais velho, chamado Henry Tyler (que havia servido sob Lloyd-Jones). Embora Henry esteja agora com Deus, minha memória dele permanece vívida.

Henry aproximou-se de mim depois da segunda das duas sessões do seminário e – com peculiar cuidado – proporcionou-me encorajamento específico. É claro que me encorajava o fato de que este pastor mais velho, mais bem treinado, mais experiente, tomasse tempo para me encorajar.

Depois de ter me encorajado, Henry sábia e adequadamente fez a transição para manifestar uma preocupação e uma crítica. Com um sorriso carinhoso no semblante, ele levantou a mão direita e apontou para o céu e disse: "C.J., lembre-se: alguém maior que Salomão veio!"

Naquele momento eu ouvi mais que a voz de Henry Tyler. Eu estava imediatamente preso e afetado por aquela declaração. Até hoje posso me lembrar até mesmo do lugar onde eu estava de pé momentaneamente congelado por aquela correção.

"...os puritanos sabiam que o viajante pelas terras bíblicas perde-se no caminho tão logo perca de vista a colina chamada Calvário."

Tudo o que eu ensinei naqueles sermões estava claramente fundamentado nas Escrituras. Entretanto, eu havia falhado em chamar atenção para o enredo da Bíblia. Eu não tinha chamado a atenção para aquele que é maior que Davi. Eu não preguei o Evangelho.

Esta breve e profunda crítica alterou minha pregação daquele dia em diante.

Ouvindo boa parte das pregações, inclusive algumas muito boas exegeticamente, temos a impressão de que algo fica faltando: *o Calvário!* Mas nenhum pregador deveria se esquecer que Cristo é a regra fundamental da nossa hermenêutica! Todas as coisas convergem em Cristo, e para Cristo. Se retirarmos Cristo da nossa pregação, não temos mais nada, sequer temos algo que possa ser chamado de pregação. O pregador bíblico não tem diversão para o povo, ainda que o povo queira se divertir; ele não tem auto-ajuda para os ouvintes, ainda que seus ouvintes anseiem por alguns elogios; o pregador bíblico tem apenas Cristo, e nada além de

Cristo, mesmo quando seus ouvintes não querem Cristo. Caso não queiram nosso Cristo, lamentamos, porém, não temos qualquer outra coisa para lhes oferecer.

Na próxima vez que você for pregar sobre “*O Que Aprendemos em Babel?*”; lembre-se de perguntar ao sermão a sua frente: *o que você tem a nos dizer sobre a Obra de Jesus Cristo?* Caso não obtenha resposta, rasgue-o, e comece tudo novamente.

A PREGAÇÃO DEVE SER PRÁTICA

Por melhor que seja sua pregação, ele jamais será completa se não conseguir ser aplicada a vida de seus ouvintes. Se você prega sobre a derrota dos amalequitas, mas não consegue apontar como aquilo se relaciona com a vida da Igreja hoje, você não tem uma pregação; no máximo, você tem em mãos um estudo bíblico.

Quando subimos ao púlpito devemos ter um alvo: ensinar, exortar, corrigir, etc. Eu preciso ter em mãos um manuscrito, ou esboço, sobre a Queda de Jerusalém, e no coração a mais importante das perguntas: *o que Deus quis me ensinar nesta porção das Escrituras?*

Se for verdade que toda pregação deve ser prática, implica reconhecermos que toda pregação precisa conter um, ou mais apelos. O pregador é aquele que conduz a Igreja a um momento de decisão. Se a Igreja precisa reconhecer a verdade de uma doutrina, o pregador a ensinará. Se a Igreja precisa corrigir algum detalhe de sua conduta, o pregador a exortará. Se a Igreja precisa entregar-se sem reservas ao cuidado do Senhor, o pregador é o responsável por conduzi-la aos pastos verdejantes do Evangelho.

A pregação, portanto, não é mera palestra. Não é o Púlpito um lugar onde pregador tem a oportunidade de demonstrar sua erudição, seu conhecimento das línguas originais, etc. Sua erudição poderá estar presente, e de fato estará, contudo, o Púlpito deve ser entendido como o lugar onde nos colocamos com a responsabilidade de entregar uma mensagem de Deus ao povo.

CONHECENDO A ESTRUTURA HOMILÉTICA

Aquele leitor mais familiarizado com estudos sobre pregação certamente já tem algum contato com algum tipo de Estrutura Homilética. O título, a introdução, a tese ou proposição, o corpo do discurso e a conclusão. No artigo de hoje nos falaremos um pouco sobre um tipo de *estrutura homilética* que irá auxiliar aqueles que ainda possuem alguma dificuldade com o assunto.

Embora a Estrutura Homilética, como será apresentada aqui, possua uma rigidez bem nítida, o estudante não deve se permitir assustar com ela. Pense na mesma como um bom guia de viagem como o qual se pode interagir, e não como um roteiro previamente escrito por outros. Deixando-se escravizar por regras o pregador abre mão de uma de suas principais habilidades: *a criatividade*.

Se este for o seu primeiro contato com este modelo de Estrutura Homilética procure compreender a função de cada um de seus elementos, para que o restante do nosso estudo possa fluir com uma maior facilidade e aproveitamento. Ao pregador iniciante - *ou ao desconhecedor de tal estrutura* - arrisco um conselho: tenha sempre este “esqueleto” em mente e o use sempre que estiver desenvolvendo um esboço.

Conhecendo a Estrutura Homilética

Texto Base:

Título do Sermão:

Objetivo específico do Sermão:

INTRODUÇÃO:

1.
2.
3.

Tese do Sermão:

Frase de Transição:

I – PRIMEIRA DIVISÃO PRINCIPAL

[.....]

1 – Subdivisão [.....]

2 – Subdivisão [.....]

Frase de

Transição:

II – SEGUNDA DIVISÃO PRINCIPAL

[.....]

1 – Subdivisão [.....]

2 – Subdivisão [.....]

Frase de

Transição:

CONCLUSÃO:

1.

2.

3.

Explicando a Estrutura Homilética

Teremos como objetivo agora compreender, resumidamente, qual a função prática de cada um destes elementos no esboço e na escrita do sermão bíblico.

- **TEXTO BASE.** Aqui temos a indicação de qual será o texto base da nossa pregação; que pode ser tópica, textual ou expositiva.
- **TÍTULO DO SERMÃO.** Não é muito comum encontrarmos pregadores que anunciem o título de sua mensagem; exceto claro, por aqueles que vivem da venda das mesmas. No cotidiano da Igreja isso é pouco comum. Porém, é interessante o seu uso, tanto na hora da pregação, quanto antecipadamente, por exemplo, numa ‘propaganda’ colocada no boletim semanal da congregação.
- **OBJETIVO ESPECÍFICO DO SERMÃO.** O que o pregador deseja ensinar ao povo? Tal será o objetivo específico daquele sermão. Ele pode,

por exemplo, ensinar à Igreja que Deus deseja um retorno à prática da santificação. Este é o objetivo da mensagem. Ele está intimamente ligado ao ‘telos’ sobre o qual falamos no artigo anterior e, portanto, ditará o tom e o rumo da pregação.

- **INTRODUÇÃO.** Alguns a consideram a parte mais difícil. É nela que o pregador precisa ‘quebra o gelo’ que existe entre ele e a congregação. Em outras palavras, ele precisa despertar o interesse de seus ouvintes para o tema que irá abordar. A introdução ainda vem acompanhada de uma tese e de uma oração de transição, como veremos a seguir.
- **TESE DO SERMÃO.** A tese nada mais é do que o objetivo do sermão escrito ou *dito* de forma homilética. É a frase que o pregador usa para dizer a Igreja qual a lição que ele pretende ensinar a ela. Sua tese poderia ser: *“O que Deus exige de cada um nesta noite é o retorno sincero a uma vida de santificação!”*. Você conhece algum pregador que gosta de contar “causos” sobre a mãe, a vó, o tio, a roça e o galo que apareceu no bairro semana passada? Bem, se você levar a sério a tese do seu sermão, fatalmente não irá dizer nada que não esteja coerentemente relacionado ao tema “vida de santificação”.
- **FRASE DE TRANSIÇÃO.** Como o nome já indica a “frase de transição” é aquela que cria uma ponte que o pregador utiliza para passar naturalmente da introdução ao restante do sermão. Como ela faz isso? Fazendo uso de alguma PALAVRA-CHAVE. Estando unida a uma boa palavra-chave a frase de transição é uma excelente ferramenta não apenas de ‘passagem’, mas também para promover a Unidade da pregação. Observe os exemplos a seguir:

“O que Deus exige de cada um nesta noite é o retorno sincero a uma vida de santificação (TESE). Você conhece a verdadeira importância da santificação? A Bíblia nos ensina diversos motivos pelos quais a santificação é tão importante. Quais são estes motivos? (Oração de Transição utilizando a palavra-chave “motivos”)

Em alguns casos mudando a palavra-chave o pregador obtém um novo sermão, mesmo que continue utilizando a mesma tese! Em outras palavras, o uso de palavra-chave também nos proporciona uma certa opção de variedade na pregação. Para pregadores que servem a mesma Igreja durante muito tempo isso pode ser útil, uma vez que nos permite pregar o *mesmo sermão de forma diferente!* Vejamos o próximo exemplo:

“O que Deus exige de cada um nesta noite é o retorno sincero a uma vida de santificação (TESE). Se eu lhe pedisse para escrever os passos necessários para uma vida de santificação, como você responderia? Será que podemos identifica nas

Escrituras alguns passos necessários para alcançarmos uma vida de santificação? Se estes passos existem, quais são eles? (Oração de Transição utilizando a palavra-chave “passos”)

No primeiro sermão o seu objetivo seria demonstrar a importância de uma vida de santificação, neste segundo exemplo, o objetivo é ensinar o caminho a ser percorrido para alcançá-la. Não deve ser difícil perceber como isso pode auxiliar pregadores que gostam de pregar em série – utilizando uma mesma tese ele poderá pregar um mês inteiro, sem repetir a pregação!

Numa terceira pregação você pode, por exemplo, falar sobre **os benefícios** de se cumprir a vontade de Deus retornando a uma vida de santificação. *Fechando a série*, poderíamos ter um sermão evangelístico, no qual o pregar ‘fecha’ tudo o que ensinou numa mensagem que expõe **os falsos conceitos** sobre a santificação – concluindo com a chamada do Evangelho.

Espero que tenhamos logrado transmitir o valor do uso de palavras-chave. Pessoalmente, a consideramos de grande valor, arriscando afirmar ser essa uma das mais importantes descobertas que o pregador pode fazer sobre a arte de falar em público.

- **DIVISÕES PRINCIPAIS.** O que chamamos de “divisões principais” – que podem ser uma, duas ou mais – nada mais são do que *o desdobramento natural da frase de transição que busca explicar o que é dito na tese*. Em outras palavras, *a tese é o que* você quer provar, *a oração de transição é como* você pretende provar, e *as “divisões principais” são as provas* que você tem a apresentar.

“O que Deus exige de cada um nesta noite é o retorno sincero a uma vida de santificação (TESE). É possível que alguém que me tem escutado ao longo deste mês pense em “santo” como sendo alguém tido em grande estima por algum povo ou instituição religiosa. Preciso alertá-lo, porém, de que tal idéia sobre santificação é um equívoco. Hoje, quero convidar você a refletir comigo sobre os falsos conceitos sobre o que é uma vida de santificação” (Oração de Transição utilizando a palavra-chave “ [falsos] conceitos”)

I – ALGUNS PENSAM QUE SANTIFICAÇÃO É LEGALISMO... Gálatas 2.11-17.

II – OUTROS PENSAM QUE SANTIFICAÇÃO É PERFECCIONISMO... Mateus 23.27-28.

III – HÁ QUEM PENSE QUE SANTIFICAÇÃO É MÉRITO PESSOAL... Lucas 18.10-13.

Do que falam cada uma destas “divisões principais”? Todas falam, separadamente, de uma coisa só: os falsos conceitos sobre o que é uma vida de santificação. Percebe-se facilmente como o uso de uma palavra-chave favorece a unidade do sermão.

- **SUBDIVISÕES.** É possível, apesar de não obrigatório, que em cada Divisão Principal, o pregador acrescente detalhes por meio de subdivisões. Tal prática é muito comum em pregações expositivas. É preciso certo cuidado a fim de evitar que o sermão fique muito longo e maçante. Prolixidade não tem qualquer utilidade num sermão, lembremo-nos sempre disso!

No exemplo a seguir é possível constatar que até mesmo as subdivisões podem ser “amarradas” à divisão principal por meio de uma *outra palavra-chave*. Confira:

I – ALGUNS PENSAM QUE SANTIFICAÇÃO É LEGALISMO... *Gálatas 2.11-17*. Os que pensam assim comentem um grande erro. Porque? ***Eis os motivos:***

1. *Paulo diz que o homem não é justificado pelas obras da Lei... Gálatas 2.16a*
2. *Paulo diz que somos justificados unicamente pela fé em Cristo... Gálatas 2.16b*
3. *Por isso, Paulo conclui que buscar a santificação por meio do legalismo é anular o Evangelho de Cristo... Gálatas 3.1-5.*

Repare como usar uma palavra-chave aqui ajuda bastante na manutenção da unidade interna da divisão principal. Em muitos casos, mesmo quando o pregador usa um esboço, temos a impressão de que ele mistura as idéias do sermão – as famosas repetições e ‘enchimento de lingüiça’. Este mal pode ser evitado com uma prática tão simples como a que acabamos de demonstrar.

Lendo com atenção o modelo de Estrutura Homilética que demos lá no início se pode notar ainda que entre uma Divisão Principal e outra também é possível encaixar uma frase de transição. Aqui, assim como no exórdio, sua função precípua é dar ao pregador condições de passar com tranqüilidade de um ponto a outro do sermão.

I – ALGUNS PENSAM QUE SANTIFICAÇÃO É LEGALISMO... *Gálatas 2.11-17*. Os que pensam assim comentem um grande erro. Porque? ***Eis os motivos:***

4. *Paulo diz que o homem não é justificado pelas obras da Lei...*
Gálatas 2.16a

5. *Paulo diz que somos justificados unicamente pela fé em Cristo...* Gálatas 2.16b

6. *Por isso, Paulo conclui que buscar a santificação por meio do legalismo é anular o Evangelho de Cristo...* Gálatas 3.1-5.

(Oração de Transição) Agora, tendo já visto que o legalismo não é a resposta para quem deseja uma vida de santificação; podemos falar também sobre seu irmão gêmeo. Isso mesmo! O legalismo tem um irmão gêmeo! O nome dele é perfeccionismo! Assim como muitos pensam que santificação é legalismo; **um outro falso conceito** sobre santificação é que...

II - OUTROS PENSAM QUE SANTIFICAÇÃO É PERFECCIONISMO... Mateus 23.27-28.

NOTA: importante observar que nas orações de transição colocadas entre uma Divisão Principal e outra, o pregador pode – talvez *deva* – fazer uso da palavra-chave que usou na introdução. Isso fará o ouvinte se lembrar que esta aprendendo sobre os “falsos conceitos” sobre o que é vida de santificação.

- **CONCLUSÃO.** Pessoalmente consideramos esta a parte mais problemática. Aqui se dá o desfecho da mensagem. É o destino final da caminhada pela qual o pregador conduziu seus ouvintes. Será que o pregador tinha, realmente, um destino? É na conclusão que agente costuma descobrir...

O pregador pode encerrar sua mensagem utilizando recursos como: ilustração, apelo, recapitulação das divisões principais; etc. O mais importante é que a mensagem seja aplicada de forma viva e eficaz no coração de seus ouvintes. Preferencialmente deve ser rápida.

Um bom exercício é ler a conclusão que Martinho Lutero elaborou para um de seus sermões mais famosos, “**Estevão**”:

“Quem pode numerar as virtudes ilustradas no exemplo de Estêvão? Ali manifesta-se o fruto do Espírito. Encontramos amor, fé, longanimidade, paz, gozo, mansidão, benignidade, temperança e bondade. Vemos também ódio e censura de todas as formas de mal. Notamos uma disposição em não estimar as vantagens mundanas, nem temer os terrores da morte. A liberdade, a tranqüilidade e todas as virtudes nobres e graças estão em evidência. Não há virtude que não seja ilustrada neste exemplo; não há vício que não seja reprovado. Que o evangelista diga que Estêvão era cheio de fé e poder. **O poder aqui implica atividade.** Lucas diria: "Sua fé era grande;

conseqüentemente, suas muitas e poderosas obras". **Pois quando a fé existe de fato, seus frutos têm de se seguir. Quanto maior a fé, mais abundantes os frutos**".

Nota: num primeiro momento, sua conclusão relembra abertamente cada elemento sobre o qual ele levou seus ouvintes a meditar durante a pregação. A fé, a paciência, a disposição... Todas as virtudes que ele elogiou em Estevão são lembradas aqui. Especialmente digno de nota é perceber *que Lutero relembra todas estas virtudes enfatizando que onde existe fé, obrigatoriamente existem os frutos* [parte grifada]. Em seguida, no desfecho, ele aplica esta relação entre fé e fruto a vida de seus ouvintes:

“A fé verdadeira é um princípio forte, ativo e eficaz. Nada lhe é impossível. Não descansa nem vacila. Estêvão, por causa da atividade superior de sua fé, realizou não meramente obras comuns, mas fez maravilhas e sinais publicamente — grandes maravilhas e sinais, como Lucas declara. Isto está escrito para sinal de que o indivíduo inativo carece de fé, e não tem direito de se gloriar disso. Não é sem propósito que a palavra “fé” é colocada antes da palavra "poder". A intenção era mostrar que as obras são evidências de fé, e que sem fé, nada de bom podemos realizar. A fé deve ser primária em todo ato. Para esse fim, que Deus nos ajude. Amém”.

Espero que tenham gostado desta pequena explicação sobre a importância e o uso da Estrutura Homilética. Num próximo artigo estaremos analisando cada um destes elementos de forma mais detalhada.

DESENVOLVENDO O SERMÃO TEMÁTICO

Definição: *sermão temático é aquele no qual as DIVISÕES PRINCIPAIS, bem como eventuais SUBDIVISÕES, derivam **do tema** selecionado.*

Explicação: para desenvolvermos um sermão temático devemos observar o seguinte processo:

- a) Escolher o tema que desejamos pregar;
- b) Extraído do tema cada uma das divisões principais do sermão.

Exemplificação: Imagine que lendo o texto de João 20.28, no qual encontramos Tomé adorando ao Senhor Jesus, você tenha o desejo de pregar sobre o seguinte tema: *“Jesus, Digno de Adoração!”*. O texto base do seu sermão será João 20.28, pois é dele que você extraiu o tema. Porém, as DIVISÕES PRINCIPAIS da sua mensagem, serão extraídas de outras passagens das Escrituras.

Título: “Jesus, Digno de Adoração!”

Texto base do tema: *João 20.28.*

Algumas verdades sobre Jesus, as quais devemos nos conduzir a adorá-lo:

I – JESUS É DEUS MANIFESTADO NA CARNE... Mateus 1.23

II – JESUS É O SALVADOR DOS HOMENS... I Tim. 1.15

III – JESUS É O REI ETERNO... Apo. 11.15

Repare que o texto de João 20.28 é apenas de onde o pregador extraiu o seu tema, mas o restante da mensagem se baseia em passagens bíblicas relacionadas ao tema, e não diretamente ao texto.

Outros exemplos de sermões temáticos.

Título: “Nosso Acesso a Deus”

Texto base do tema: *Efésios 2.18.*

Importantes verdades sobre o acesso que temos a Deus.

I – TEMOS ACESSO POR CAUSA DA ELEIÇÃO... Salmos 65.4

II – TEMOS ACESSO POR MEIO DE CRISTO... Hebreus 10.19

III – TEMOS ACESSO POR MEIO DA FÉ... Ef. 3.12; Heb. 11.6

Título: “Você é um dos Filhos de Deus?”

Texto base do tema: *II Coríntios 6.18*.

Quem são os filhos de Deus?

I – OS QUE TÊM FÉ EM JESUS... João 1.12

II – OS QUE SÃO GUIADOS PELO ESPIRITO... Rom. 8.14

III – OS QUE SÃO DISCIPLINADOS PELO SENHOR... Hb. 12.5-11

Título: “Promessas Para Momentos de Adversidade”

Texto base do tema: *Isaiás 43.12*.

Quando a adversidade chega, é hora de nos lembrarmos de **maravilhosas promessas...**

I – DEUS ESTÁ PRESENTE... Salmos 46.5; 46.7.

II – DEUS É A FORTALEZA DOS QUE CONFIAM... Naum 1.7.

III – DEUS É O CONSOLO PARA OS AFLITOS... Is. 49.13; II Cor. 1.5

IV – DEUS É SOCORRO INFALÍVEL... Salmos 34.4; 34.19.

Título: “Coisas Para Relembrar...”

Texto base do tema: *Lucas 22.19*.

Aqui, diante da Mesa do Senhor, **algumas coisas** que podemos relembrar...

I – RECEMOS A REMISSÃO DOS PECADOS...

- Por causa do sangue de Cristo... Efésios 1.7

- Por meio do arrependimento... Atos 2.38
- Por meio da fé... Rom. 5.2

II – FOMOS FEITOS ‘NOVA CRIATURA’... II Cor. 5.17; Rom. 6.3,4.

**III – RECEBEMOS A MAIOR DE TODAS AS ESPERANÇAS...
Tito 3.7; Tito 2.3.**

Título: “O Valor de uma Amizade”.

Texto base do tema: *Provérbios 18.24.*

Você tem amigos? Descubra **algumas razões** pelas quais deveria cultivar as boas amizades...

I – ALGUMAS DAS PASSAGENS MAIS BELAS DA BÍBLIA CONTÉM CENAS DE AMIZADE...

- O Amor de Rute para com sua sobra, Noemi... Rt. 1.16,17
- A devoção de Jônatas para com seu amigo Davi... I Sm. 18.1
- O amor de Jesus, por um discípulo, expresso ao pé da Cruz... João 19.25-27
- O amor de Paulo para com seu discípulo Timóteo... II Tim. 1.1-4.

II – ALGUMAS PASSAGENS BÍBLICAS FALAM DOS BENEFÍCIOS DE UMA AMIZADE VERDADEIRA...

- Um verdadeiro amigo está presente em “*todas estações*”; ou em “*todo tempo*”... *Provérbios 17.17*
- Um verdadeiro amigo pode ser mais chegado que um irmão de sangue... *Provérbios 18.24*
- A repreensão de um amigo verdadeiro, pode ser melhor que o elogio de um inimigo... *Provérbios 26.7*
- O conselho de um amigo verdadeiro é como um bem precioso... *Provérbios 27.9*

E, por fim, a Bíblia nos falar daquele que é o maior dentre todos os amigos... **João 15.13.**

Título: “**Segurança para Nossa Alma**”

Texto base do tema: *Mateus 7.24-27*

A vida cristã é comparada a uma edificação. Quais devem ser **os fundamentos** da nossa alma?

I – A FÉ EM CRISTO... Col. 2.6,7

II –A VERDADE DO EVANGELHO... Efésios 4.14,15

III – A FIRME ESPERANÇA... Hb. 6.18,19

O GRANDE PERIGO DA PREGAÇÃO TEMÁTICA

Aqui reside o maior perigo da pregação temática: o pregador desenvolve sua mensagem em cima de um tema que escolheu, e não em cima de um texto bíblico; portanto tem uma maior liberdade de manipular as Escrituras a seu bel prazer. Todo cuidado é pouco. Observe o exemplo abaixo:

Título: “**Como Escapar do Amargedom?**”

Onde se pode encontrar segurança? E quem são os que acham o lugar de refúgio absoluto?

I – É PRECISO SABER QUE O ÚNICO LUGAR DE SEGURANÇA É A ORGANIZAÇÃO DE JEOVÁ... Salmos 46.10,11.

II – TUDO QUE SE OPÕE A JEOVÁ SERÁ DESTRUÍDO... Salmos 145.20

Ilustrações: A Queda de Lúcifer; A Queda de Saul.

III – OS QUE ABANDONAM A ORGANIZAÇÃO DE JEOVÁ TAMBÉM SERÃO DESTRUÍDOS... II Tes. 2.3-9; II Pedro 2.20,21.

O esboço temático acima foi baseado nas páginas 95-100 do livro ‘*Riquezas*’, publicado pela Torre de Vigia, a organização que controla as Testemunhas de Jeová. A intenção do autor, J. F. Rutheerford, é convencer seus ouvintes que deixar a Torre de Vigia, “organização de Jeová”, significa a destruição pelo Amargedom. E ele tenta fazer isso usando a Bíblia, citando textos isolados com a única intenção de provar o tema que escolheu.

As referências bíblicas que o autor cita falam da destruição eterna que virá sobre os que se rebelam contra Deus, porém, em nenhum lugar se diz que serão destruídos os que não se submetem à tirania da Torre de Vigia. Percebem a manobra? Seus milhões de seguidores, no entanto, diante de tão abundante citação das Escrituras se iludem pensando estarem seguindo um ensino bíblico.

Infelizmente, o fato é que em muitos púlpitos evangélicos acontece a mesma coisa. Mais um exemplo:

Título: “Como Tomar Posse da Bênção?”

O que você precisa para parar de sofrer.

I – PRECISA APRENDER A DETERMINAR... João 14.13. *O termo ‘pedir’ é tradução errada, o correto é ‘determinar’.*

II – PRECISA DESCOBRIR QUE PEDIR É DESNECESSÁRIO... II Pedro 1.3. *Deus já nos deu todas as coisas.*

III – PRECISA CULTIVAR UMA AUTOVALORIZAÇÃO DE SI MESMO... Is. 53. 4,5. *Ou seja, você precisa pensar que todas as promessas são para você.*

IV – PRECISA DEIXAR DE ESPERAR NO SENHOR... Salmos 40.1. *Davi viveu antes do Calvário, esse texto não serve para você!*

O esboço acima foi adaptado da obra ‘Como Tomar Posse da Bênção?’; escrita pelo missionário R.R. Soares. De alguma forma, os argumentos utilizados por Soares, bem como seu método de ‘exegese’ (sic!), é utilizado constantemente no meio evangélico – *principalmente por pregadores avivalistas*. Da próxima vez que você for convidado a um congresso, no qual estará pregando algum “conferencista” renomado, anote as referências e perceba as manobras feitas visando impressionar a multidão com palavras de efeito. Neste tipo de pregação, é usual uma grande citação das Escrituras, porém, isso não a torna bíblica, uma vez que desrespeita completamente o sentido correto das passagens arroladas como prova.

A VANTAGEM DO SERMÃO TEMÁTICO

Alguns afirmam que a vantagem do sermão temático é que ele exige menos do pregador. Para mim isso não é uma vantagem, mas um perigo. A grande vantagem do sermão tópico me parece ser sua grande versatilidade. Em outras palavras, o sermão temático tem uma facilidade maior de interagir com praticamente qualquer tema que seja do nosso interesse.

Observemos as Teologias Sistemáticas. Que são elas senão grandes e elaboradas mensagens temáticas? Numa única obra de Teologia Sistemática podemos encontrar exposições bíblicas fiéis sobre os mais variados assuntos da fé:

soterologia, escatologia, harmatologia, cristologia, etc. Transpondo isso para o campo da pregação, talvez possamos desfrutar desta mesma versatilidade em nossos púlpitos.

Aliás, quando se trata de um sermão doutrinário, podemos utilizar alguma obra teológica confiável como base para o nosso esboço inicial; cabendo-nos o dever de abranger e ‘recheiar’ o sermão com elementos oratórios e expositivos.

Título: “A Natureza do Pecado”

Algumas verdades sobre a natureza do pecado que você precisa saber:

I – O PECADO É SEMPRE CONTRA DEUS... Salmos 51.4

II – O PECADO CONDENA A SI MESMO... Mt. 27.3-5; At. 5.1-10; Rm. 6.23

III – O PECADO CORROMPE... I Cor. 15.33; Sl. 1.1; Gl. 5.9; Jd. 23

IV – O PECADO ESCRAVIZA... Rom. 7.14,15.

A proposta de esboço acima foi *adaptada* do livro ‘*A Doutrina do Pecado e da Salvação*’, de Donald. D. Tuner, publicado pela *Imprensa Batista Regular*.

UTILIZANDO SUBDIVISÕES

Creemos ter conseguido demonstrar o básico sobre o sermão temático: trata-se de um esboço no qual suas **DIVISÕES PRINCIPAIS** nascem diretamente do tema, e o texto base, quando presente, apenas nos fornece o tema que iremos tratar.

Tendo estabelecido este ponto, resta-nos lembrá-los de que podem existir sermões que contam com **SUBDIVISÕES**; ou seja, novas divisões subordinadas as **DIVISÕES PRINCIPAIS**. No exemplo abaixo, utilizamos as referencias bíblicas para estabelecer algumas **SUBDIVISÕES**. O risco aqui é tornar o sermão muito longo; porém, cada pregador deve ter seu próprio critério.

Título: “A Natureza do Pecado”

Algumas verdades sobre a natureza do pecado que você precisa saber:

I – O PECADO É SEMPRE CONTRA DEUS... Salmos 51.4.

II – O PECADO CONDENA A SI MESMO... Rm. 6.23.

- Ainda que inicialmente nos dê uma falsa noção de segurança, como no caso de Ananias e Safira... Atos 5.1-10.
- No fim, resta-nos apenas a desesperança, como aconteceu a Judas... Mateus 27.3,4.

III – O PECADO CORROMPE... I Cor. 15.33; Sl. 1.1; Gl. 5.9.

- Por meio de más conversações... I Cor. 15.33
- Por meio da associação com o ímpio... Sl. 1.1
- Ainda que pareça tão insignificante... Gl. 5.9

IV – O PECADO ESCRAVIZA... Rom. 7.14,15.

Assim como as DIVISÕES PRINCIPAIS analisam mais detalhadamente o TEMA do sermão; as SUBDIVISÕES analisam mais detalhadamente cada afirmação feita nas DIVISÕES PRINCIPAIS. É como se o pregador dissesse aos ouvintes:

Hoje falaremos sobre **a natureza do pecado** (tema). Quero que vocês conheçam **algumas verdades** sobre a natureza do pecado (oração de transição). Que verdades seriam?

(I) Primeira verdade: *todo pecado é contra Deus*, conforme nos ensina o texto de Salmos 51.4.

(II) Segunda Verdade: *o pecado condena a si mesmo*, pois o seu salário é a morte como nos diz Romanos 6.23. Portanto, **(1)** o pecado condena a si mesmo ainda que inicialmente ele nos dê uma falsa noção de segurança. Observem, por exemplo, o que aconteceu a Ananias e Safira (Atos 5.1-10). Além disso, **(2)** o pecado condena a si mesmo e, no fim, ficamos sozinhos com um desesperador sentimento de culpa e de desesperança, como aconteceu com Judas, o traidor de Jesus (Mateus 27.3,4).

(III) Terceira Verdade: *o pecado nos corrompe*. **(1)** O pecado nos corrompe por meio das más conversações (I Cor. 15.33); **(2)** O pecado nos corrompe por meio da aproximação excessiva com os ímpios (Sl. 1.1); e **(3)** o pecado nos corrompe, mesmo quando para tão insignificante aos nossos olhos (Gl. 5.9).

(IV) Uma quarta verdade sobre o pecado: *o pecado nos escraviza*: Romanos 7. 14,15.

Nem todo sermão utiliza o recurso das SUBDIVISÕES. Além disso, podemos usar SUBDIVISÕES em uma DIVISÃO PRINCIPAL, e não utilizarmos tal recurso em

outras. Aqui, o critério deve ser sempre do pregador – que é o único sabedor das necessidades da congregação.

PROPOSTA DE EXERCÍCIOS

1 – Anote numa folha cada um dos temas a seguir: benefícios da oração, impedimentos a oração, bênçãos através do sofrimento, resultados da incredulidade, as alegrias do crente, os benefícios da salvação, as responsabilidades da nova vida, as glórias do céu, as mentiras do Inimigo, características de um servo, provas da divindade de Cristo.

Tendo anotado cada um destes temas, procure por passagens bíblicas relacionadas e elabora um esboço temático para cada um destes temas. Armazene-os para uso futuro.

2 – Toda terça-feira há um culto em sua Igreja denominado: Examinando as Escrituras. Em outras palavras, trata-se de um culto doutrinário. Seu pastor, o irmão Antonio Cândido, lhe fez a seguinte proposta: “Quero que você tome conta destes cultos no próximo semestre. Meu desejo é que o irmão alimente a Igreja com mensagens sobre: Família, Vida Cristã, Seitas e Heresias, e sobre o Credo Apostólico”.

Para atender tal pedido você precisará, em média, de 24 mensagens. De modo que você decidiu pregar quatro séries de mensagens tópicas, a saber:

- Vida Cristã Vitoriosa
- Lar Cristão Vitorioso
- Conhecendo o Credo Apostólico
- Defendendo-se das Heresias

Cada uma destas séries contará com vários sermões tópicos. Por exemplo:

Série: “Vida Cristã Vitoriosa”

Primeira mensagem: **“Como Crescer na Fé?”**

Segunda mensagem: **“Como se Proteger do Inimigo?”**

Terceira mensagem: **“Como Suportar as Tribulações?”**

Quarta mensagem: **“Como Ser Útil na Casa de Deus?”**

Quinta mensagem: **“Como Conduzir Outros à Fé?”**

Sexta mensagem: **“Como Esperar a Vinda de Cristo?”**

Para cada série de mensagens você precisa desenvolver temas relacionados, uma para cada sermão da série. E cada tema de sermão deverá ser desenvolvido no modelo temático: um texto base, mais as divisões principais.

Pegou o jeito? Agora é hora de você desenvolver cada uma das séries que acabamos de propor.

Havendo em sua congregação algum tipo de informativo interno (jornal, site, boletim), você ainda poderá publicar algum tipo de convite para toda a Igreja; como no exemplo abaixo:

A Igreja Cristã em Jd.
Américo, convida você e
sua família para uma série
de mensagens bíblicas que
irá edificar a sua vida!

Marcelo Lemos
Preletor

Vida Cristã
VITÓRIA VOSA

Apartir do dia 10, toda terça-feira!

DESENVOLVENDO O SERMÃO TEXTUAL

Definição: *sermão textual é aquele no qual as DIVISÕES PRINCIPAIS são derivadas de um texto bíblico previamente selecionado; enquanto que suas eventuais SUBDIVISÕES são extraídas de outras passagens bíblicas.*

Explicação: para desenvolvermos um sermão textual devemos observar o seguinte processo:

- a) Escolher o texto que desejamos pregar;
- b) Descobrir o tema central do texto;
- c) Extrair as DIVISÕES PRINCIPAS do próprio texto
- d) Extrair as SUBDIVISÕES, se houverem, de outros textos bíblicos.

Exemplificação: lendo o texto de Salmos 23.1 podemos ser motivados a pregar no seguinte tema: “*O Relacionamento Entre Cristo e a Igreja*”. Chegamos a este texto depois de um estudo correto do texto, por meio do qual descobriremos a intenção do autor.

Tendo o texto e seu tema em mãos, o pregador irá desenvolver algumas DIVISÕES PRINCIPAIS para a sua mensagem. Onde ele as obterá? Vimos que no caso do sermão temático, ele buscará suas divisões centrais em outras passagens das Escrituras. Aqui, no sermão textual, o pregador deverá desenvolver tais divisões com base em elementos extraídos do próprio texto que lhe forneceu o tema. Por isso, é denominado: sermão textual. Ou seja, as divisões centrais seguem o texto.

Título: “O Relacionamento Entre Cristo e a Igreja”

Algumas características de tal relacionamento:

I – TRATA-SE DE UM RELACIONAMENTO CONFIÁVEL: “O SENHOR é meu pastor”.

II – TRATA-SE DE UM RELACIONAMENTO PESSOAL; “O Senhor é MEU pastor”.

III – TRATA-SE DE UM RELACIONAMENTO CONSTANTE: “O Senhor É meu pastor”.

IV – TRATA-SE DE UM RELACIONAMENTO EM AMOR: “O Senhor é meu PASTOR!”.

Neste exemplo o pregador extraiu cada uma de suas divisões principais de uma palavra que aparece no texto. Em cada uma destas palavras, o pregador encontrou uma qualidade especial do relacionamento que existe em Cristo e Sua Igreja.

Vejamos mais alguns exemplos de sermões textuais:

Título: “**Nenhuma Condenação!**” (Romanos 8.1)

Que afirmação maravilhosa. **Quem são estes** para os quais não há nenhuma condenação?

I – SÃO OS QUE ESTÃO EM CRISTO... “*para os que estão em Cristo*” (v.1)

II – SÃO OS QUE NÃO ANDAM SEGUNDO A CARNE... “*não andam segundo a carne*” (v. 1)

III – SÃO OS QUE ANDAM SEGUNDO O ESPÍRITO... “*mas segundo o Espírito*” (v.1)

Título: “**Verdades Centrais Sobre a Justificação**” (Gálatas 2.16)

Duas coisas indispensáveis que é preciso saber:

I – NÃO HÁ JUSTIFICAÇÃO NOS MÉRITOS HUMANOS... “o homem não é justificado pelas obras da lei”.

II – SÓ HÁ JUSTIFICAÇÃO NA FÉ EM CRISTO... “mas pela fé em Cristo”.

Título: “**Reconciliados com Deus**” (Efésios 2.13)

A bênção da reconciliação **é...**

I – UMA BENÇÃO AOS QUE ESTÃO DISTANTES... “*antes estáveis longe*”.

II – UMA BENÇÃO FEITA REAL PELO SANGUE DE CRISTO... “*pelo sangue de Cristo*”.

III – UMA BENÇÃO ALCANÇADA PELA FÉ... “*Mas agora em Cristo Jesus*”.

Título: “**Credenciais de um Obreiro**” (I Coríntios 1.1)

Paulo apresenta algumas de suas credenciais; delas podemos aprender quais devem ser as credenciais de um obreiro...

I – O OBREIRO PRECISA TER UM CHAMADO... “*Paulo, chamado...*” (v.1). Ninguém faz a si mesmo um obreiro na casa de Deus.

II – O OBREIRO PRECISA TER UMA MISSÃO... “*Paulo, chamado apóstolo*”. O apostolado era a missão de Paulo. Genericamente o termo significa ‘enviado’, ‘mensageiro’. Todo obreiro tem uma missão no Corpo. Ser obreiro não é deter um título eclesiástico.

III – O OBREIRO PRECISA TER UM CORAÇÃO EVANGELIZADOR... “*Paulo, chamado apóstolo de Jesus Cristo*”. A mensagem anunciada por Paulo era Cristo, e nada mais.

IV – O OBREIRO TER UM COMPROMISSO COM DEUS... “*Paulo, chamado apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus*”. Alguns em Corínto estavam questionando a autoridade de Paulo; mas ele não se cala: seu compromisso é primeiramente com o Senhor!

USANDO SUBDIVISÕES NO SERMÃO TEXTUAL

Caso o pregador deseje fazer uso de SUBDIVISÕES em seu esboço, ele deverá procurar referências bíblicas que comprovem, ou ilustrem, cada uma de suas DIVISÕES PRINCIPAIS.

Título: “**Nenhuma Condenação!**” (Romanos 8.1)

Que afirmação maravilhosa. Porém, ***ela não reflete a realidade de todas os que me ouvem agora.***

I – NÃO É UMA REALIDADE PARA VOCÊ QUE REJEITA A CRISTO... O texto diz que é “*para os que estão em Cristo*” (v.1).

- Pois, Cristo é o único caminho... *João 14.6*

- Pois, Cristo é nosso Perfeito Sacrifício... *I Pedro 3.18*
- Pois, Cristo é a nossa reconciliação... *Efésios 2.13*

II – NÃO É UMA REALIDADE PARA AQUELES QUE ABRAÇAM O PECADO... O texto diz “que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (v.1)

- Pois, o único salário do pecado é a morte ... *Rm. 6.23*
- Pois, o pecado nos torna inimigos de Deus... *Tiago 4.4*

Assim como no sermão temático, no sermão textual as divisões que complementam as divisões principais, são extraídas de passagens paralelas ao tema tratado na divisão. Vejamos mais um exemplo de sermão textual com o uso de SUBDIVISÕES:

Título: **“O Bom Pastor”** (João 10.27)

Quais são **os privilégios** das ovelhas de Cristo?

I – ELAS OUVEM A VOZ DO PASTOR: *“minhas ovelhas ouvem a minha voz”*.

[O pregador saberá que ‘ouvir’ a voz de Cristo é algo que pertence àqueles que tem fé em Jesus, e neste sentido que Cristo usa tal figura de linguagem. Ou seja, apenas os que crêem em Jesus são suas ovelhas, ‘ouvem a sua voz’. Assim, ele pode colocar algumas subdivisões demonstrando a importância da fé em Jesus.]

II – ELAS SÃO CONHECIDAS PELO PASTOR: *“e eu as conheço”*.

[Ser conhecido implica em duas coisas: um grande privilégio, pois é um conforto sabe que Ele conhece tudo que se passa conosco; e uma grande responsabilidade, pois devemos servir de modo a agradá-lo. O pregador pode acrescentar algumas subdivisões comentando estes dois pontos, ou apenas um deles, etc]

III – ELAS SEGUEM OS PASSOS DO PASTOR: *“elas me seguem”*.

[O que é seguir a Cristo? Como seguir a Cristo? Qual a vantagem de seguir a Cristo? Qual o preço de seguir a Cristo? Escolha o pregador um, ou mais, dentre estas questões e demonstre-as por meio de citações bíblicas comentadas.]

IV – ELAS RECEBEM VIDA ETERNA: “eu lhes *dou* vida eterna”.

[Aqui o pregador pode variar: ao invés de seguir o modelo textual-temático, ele pode fazer uma breve exposição do texto. Observe o leito que podemos enfatizar duas coisas importantes nesta fala de Cristo: primeiro, a gratuidade da vida que as ovelhas recebem: “eu lhes dou” – é um presente, uma dádiva. Segundo, também observamos a duração da vida que as ovelhas recebem: “vida eterna”. Portanto, as subdivisões, se o pregador desejar, poderão ser retiradas do próprio texto; caracterizando assim, uma **DIVISÃO *expositiva***, mesmo que o restante do sermão continue sendo ‘textual’. Aliás, constantemente podemos fazer esse tipo de ‘mistura’. O critério está nas mãos do pregador.]

Outra dica valiosa sobre as **SUBDIVISÕES** é que elas não precisam, forçosamente, serem retiradas da Bíblia. Em alguns casos, aquilo que descobrimos sobre o contexto cultural, social, geográfico e político, podem nos fornecer excelentes **SUBDIVISÕES** capazes de tornar a mensagem mais clara aos nossos ouvintes. Esta dica vale para todos os tipos de sermões: tópico, textual e expositivo. Daremos um exemplo a seguir.

Título: “Não Me Envergonho do Evangelho” (Romanos 1.16)

Introdução: Muitas vezes é difícil pregar o Evangelho. As vezes a dificuldade está em severas perseguições; em outros casos, a dificuldade é o medo do desprezo, da zombaria... Mas Paulo diz não se envergonhar do Evangelho!

Vamos analisar **as afirmações** que Paulo faz neste versículo mais de perto:

I – DO QUE PAULO NÃO SE ENVERGONHAVA? Ele não se envergonhava do Evangelho! Porém, aos olhos naturais, certamente parecia ter ele muitos motivos para se envergonhar do Evangelho! Vejamos:

- Era uma religião nova, sem tradição. Estaria competindo com judeus, gregos, romanos... Todos com suas religiões bem desenvolvidas!
- Era uma religião desprezada pelos sábios e poderosos do seu tempo. Você sabia que muitos diziam que a fé cristã era “mera superstição”?

- Era uma religião duramente perseguida em alguns lugares... Atos 28.23
- Era uma religião professada pelos mais pobres e incultos... I Cor. 6.6

Nada disso fez Paulo se envergonhar! O que te faz se envergonhar do Evangelho?

II – POR QUE PAULO NÃO SE ENVERGONHAVA? Deixemos que ele mesmo nos responda:

- O Evangelho é o poder de Deus! Paulo não pregava uma mera filosofia, nem inaugura nova tradição. Ele anunciava o poder de Deus!
- O Evangelho é o único escape para o pecador. Paulo diz: “pois é o poder de Deus para a salvação”.

Toda vez que julgar necessário, o pregador poderá acrescentar alguma subdivisão, ou várias, para se referir a detalhes relacionados a política, geografia, etc. Estes detalhes podem estar relacionados ao contexto bíblico, ou ao contexto dos ouvintes, como ocorre no pequeno exemplo a seguir:

I – POR QUE MUITOS SE ENVERGONHAM DO EVANGELHO? Talvez alguns destes motivos se encaixem a você:

- Alguns temem a opinião da família
- Alguns temem a opinião dos colegas
- Alguns temem por estarem em julgo desigual
- Outros temem devido o mal testemunho que invade a Igreja
- Há os que temem por medo de perder algum privilégio

II – SERÁ QUE PAULO TINHA MOTIVOS PARA SE ENVERGONHAR DO EVANGELHO? Vejamos:

- Era uma religião nova, sem tradição. Estaria competindo com judeus, gregos, romanos... Todos com suas religiões bem desenvolvidas!

- Era uma religião desprezada pelos sábios e poderosos do seu tempo. Você sabia que muitos diziam que a fé cristã era “mera superstição”?
- Era uma religião duramente perseguida em alguns lugares... Atos 28.23
- Era uma religião professada pelos mais pobres e incultos... I Cor. 6.6

II – POR QUE PAULO NÃO SE ENVERGONHAVA? Deixemos que ele mesmo nos responda:

- O Evangelho é o poder de Deus! Paulo não pregava uma mera filosofia, nem inaugura nova tradição. Ele anunciava o poder de Deus!
- O Evangelho é o único escape para o pecador. Paulo diz: “pois é o poder de Deus para a salvação”.

O fato é que com o tempo, e com estudo e prática, o pregador irá perceber que as possibilidades homiléticas são virtualmente infinitas.

PROPOSTA DE EXERCÍCIOS

No próximo mês, você será o responsável por uma série de pregações dominicais. O tema da série foi deixado a seu critério, e você escolheu falar nos quatro domingos próximos sobre o seguinte tema: **“Conhecendo Jesus”**.

Serão quatro mensagens textuais, na seguinte ordem:

- “Você Sabe Quem é Jesus?” – João 1.1

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.

- “Você Sabe Por que morreu Jesus?” – Romanos 5.8

“Mas Deus prova seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”.

- “Você Sabe Como São Reconhecidas as Ovelhas de Jesus?” – João 10.27

“As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu as conheço, e elas me seguem”.

- “Você Sabe Qual a Maior Promessa de Jesus?” – João 14.1-3

“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E, quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver, estejais vós também”.

Portanto, mãos a obra!

DESENVOLVENDO O SERMÃO EXPOSITIVO

O esboço abaixo é de um sermão expositivo.

Título: **“O Caminho da Vida e o Caminho da Perdição”**

Este Salmo nos fala sobre *dois caminhos....*

I – O CAMINHO DA VIDA É TRILHADO PELO HOMEM BEM-AVENTURADO. Vamos descobrir quem é o homem bem-aventurado.

- **PRIMEIRO, VEJAMOS O QUE ESTE HOMEM NÃO FAZ**
 1. Ele não anda “*segundo o conselho dos ímpios*”(v.1)
 2. Ele não perde seu tempo “*no caminho dos pecadores*” (v.1)
 3. Ele não se satisfaz nos prazeres “*dos escarnecedores*” (v.1)

- **AGORA, VEJAMOS O QUE AGRADA ESTE HOMEM**
 1. Ele tem prazer “na lei do Senhor” (v.2)
 2. Ele se alimenta da Palavra “dia e noite” (v.2)

II – O CAMINHO DA PERDIÇÃO É TRILHADO PELO HOMEM IMPÍO

O Salmo não fala diretamente o que faz o homem ímpio, porém, sabemos que ele é exatamente o oposto do homem bem-aventurado. Você se lembra das coisas que o homem bem-aventurado gosta e faz? Bem, o ímpio faz exatamente o contrário. Você seria qual destes dois? Se você se parece mais com o ímpio, veja o que o Salmista diz sobre ele:

- O ímpio é “como a moinha que o vento espalha” (v. 4)
- O ímpio será destruído “no Juízo” vindouro (v.5)

- O ímpio não terá parte na alegria dos santos: “nem os pecadores na congregação dos santos” (v.5)

III – O CAMINHO DA VIDA CONDUZ O HOMEM BEM-AVENTURADO A UM DESTINO INFINITAMENTE MELHOR!

1. O Homem Bem-aventurado será comparável a uma bela árvore. Mas, não uma árvore qualquer... (v.3)
 - Uma árvore plantada junto a ribeiros de águas;
 - Uma árvore que não deixa de produzir;
 - Uma árvore que nunca envelhece: “as suas folhas não cairão”.
2. O Homem Bem-aventurado será prospero: “tudo que fizer prosperará” (v.3)
3. O Homem Bem-aventurado estará até o fim com o Senhor: “o Senhor conhece o caminho dos justos; porém o caminho dos ímpios perecerá” (v.6).

Facilmente se percebe a grande diferença deste esboço para com todos os que vimos até agora. Aqui, praticamente todos os elementos que compõem o esboço, e que desenvolvem o tema principal, são extraídos diretamente do texto, seja literalmente, seja por meio de interpretação e paráfrase. Aqui reside a grande diferença, e o grande poder da pregação expositiva. Além de ser está também a sua maior dificuldade.

Neste capítulo, como podem ver, falaremos sobre o desenvolvimento do sermão expositivo.

Definição: *sermão expositivo é aquele no qual o tema, as DIVISÕES PRINCIPAIS, e também as SUBDIVISÕES, derivam do texto que estará sendo exposto pelo pregador.*

Explicação: para desenvolvermos um sermão temático devemos observar o seguinte processo:

- a) Escolher a *pericópe* que desejamos pregar/expor;
- b) Descobrir o ‘telos’ da pericópe.
- c) Selecionar um tema.

- d) Elaborar as divisões principais, e as respectivas subdivisões tendo por base os elementos do próprio texto.

Exemplificação: Lendo o primeiro capítulo da Epístola aos Hebreus, julgamos ser possível identificar duas pericópes. A primeira nos fala de Cristo como sendo o meio pelo qual Deus fala hoje. Esta unidade de pensamento começa no versículo primeiro e vai até o terceiro verso. A segunda unidade de pensamento nos parece abraçar o restante do capítulo (4-14); que, na verdade, aparenta ser um lindo poema no qual o autor fala da superioridade de Cristo em relação aos anjos. De fato, algumas traduções, como, por exemplo, a Reina-Valera, traduz estes versículos em forma de poema.

Aceitando tal divisão do capítulo, em dois temas centrais, temos em mãos duas porções que podem ser expostas em duas mensagens diferentes; duas mensagens expositivas. Na primeira porção (pericópe) encontramos um ‘telos’: *Cristo o meio pelo qual Cristo fala hoje* (v.1). Na segunda pericópe temos: *Cristo superior aos anjos* (v.4). Vamos nos dedicar apenas a primeira porção.

Título: “A Maior de Todas as Revelações”

Texto: *Hebreus 1.13*

Introdução: Jesus não foi um acidente histórico. Desde a antiguidade Deus havia prometido um Redentor. Por este motivo lemos em **Mateus 13.17**: “*Porque em verdade vos digo que muitos profetas desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram*”. Os patriarcas, os reis, os sacerdotes e os profetas. Todos eles conheciam algo a cerca do Messias prometido. Hoje, nós temos conosco aquele é a maior de todas as revelações.

Vamos descobrir por que esta afirmação é verdadeira?

I – NO PASSADO HAVIA REVELAÇÕES PARCIAIS SOBRE CRISTO

A primeira parte do versículo está nos falando sobre como eram as revelações dadas aos antigos, aqui chamados de ‘pais’ e ‘profetas’: “*Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas*”.

Vamos refletir sobre como o autor de Hebreus descreve aquelas revelações:

1. Ele diz que elas foram dadas “**muitas vezes**” (v.1) O termo grego aqui significa literalmente “em muitas porções”. Nenhum deles recebeu uma revelação completa sobre Cristo. Cada um recebeu uma porção, um detalhe, um aspecto de sua vida e ministério.

- A Samuel, Deus revelou que o Messias seria da linhagem de David... II Samuel 7.12-16.
- A David, Deus revelou que o Messias seria rejeitado pelas nações... Salmos 2.1
- A Isaías, Deus revelou que o Messias falaria por meio de parábolas... Isaías 6.9-10^a
- A Isaías, Deus também revelou a Divindade do Messias... Isaías 9.6.
- A Miquéias, Deus revelou inclusive o local onde nasceria o Messias... Miquéias 5.2

2. Ele diz que elas foram dadas **“de muitas maneiras”** (v.1). Deus não falava de modo igual a todos eles. Alguns tinham sonhos; outros presenciaram epifanias; e assim por diante. Estes diferentes modos de Deus falar na antiguidade tinham sérias limitações. Segundo a Bíblia, apenas Moisés tinha uma revelação mais clara da vontade de Deus: *“E disse: Ouvi agora as minhas palavras; se entre vós houver profeta, eu, o SENHOR, em visão a ele me farei conhecer, ou em sonhos falarei com ele. Não é assim com o meu servo Moisés que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a semelhança do SENHOR...”* (Números 12.6-8).

II – HOJE, TEMOS UMA REVELAÇÃO MAIS EXCELENTE.

O autor de Hebreus nos diz que Cristo é a revelação de Deus hoje para nós. E, então, ele passa a listar alguns atributos de Cristo. Quando nós comparamos os atributos de Cristo com as antigas revelações, descobrimos o motivo dele ser a revelação final e mais excelente.

1. **Na antiguidade havia revelações um rei que viria.** Em Jesus, nós temos o Filho que foi feito herdeiro de tudo: *“a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo”* (v.1,2). Eles tinham a promessa de um Rei, nós temos o Rei!

2. **Na antiguidade havia vislumbres da glória de Deus.** Em Jesus nós temos aquele é que *“o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa”* (v.3). Moisés viu uma sarça ardente, os patriarcas viram anjos, Jacó viu uma escada que ligada a terra aos céus – mas nós temos visto aquele que é o Emanuel, o Deus Conosco!

3. ***Na antiguidade havia sombras da redenção que viria.*** Em Jesus nós temos aquele que realizou “*por si mesmo a purificação dos nossos pecados*” (v.3). Eles tinham o sangue de “*touros e bodes*” (Hebreus 9.13). E nós temos o próprio “*Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*” (João 1.29).

Apesar de toda a estrutura do sermão expositivo se basear diretamente no texto exposto, nada impede que o pregador ‘recheie’ sua pregação com elementos de outras porções das Escrituras. Observe como a Escritura é largamente citada na SUBDIVISÃO que fala das muitas ‘porções’ *veterotestamentárias* que revelavam Cristo.

Título: “A Ira de Deus”

Texto: *Romanos 1.18*

Deus é amor. Alguns se iludem que o amor de Deus lhe impediria de trazer condenação contra suas criaturas. Todavia, a Ira de Deus é tão real quanto o seu amor. Deus não é, como alguns pensam, um velho bonzinho que observa a história da humanidade, antes, é o Supremo Governante do Universo. No texto que acabamos de ler, Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, nos fala sobre ***algumas verdades*** a respeito da Ira de Deus. Vamos conhecê-las?

I – A IRA DE DEUS É UMA REALIDADE! (v. 18)

1. ***A Ira não é simples figura de linguagem:*** “... *do céu se manifesta a ira de Deus!*” (v.18). O texto fala de uma “Ira” que se manifesta. Em **Apocalipse 16.1**, podemos ler: “*E ouvi, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide, e derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus*”.

O termo que João usa para a “Ira de Deus” é o grego “**thumos**”, a mesma palavra que Deus origem ao nosso radical “thermos”; que por sua vez é utilizado em construções como termodinâmico, termonuclear. Literalmente, a palavra significa “*furor, ira, ardor, ferver*”.

“*Mas, pregador, você foi buscar uma palavra lá no Apocalipse!*” – alguns de vocês podem estar pensando. O termo usado por Paulo é “**orgê**”. Segundo os léxicos o termo implica “*uma disposição natural do caráter*”. Disposição para que? Os léxicos explicam: “*raiva, ira, indignação; raiva demonstrada em forma de castigo*”.

Percebem o risco daqueles que pensam que Deus é um ‘velho bonzinho’?

2. ***A Ira de Deus pode é paulatina:*** “... do céu se manifesta...” (v.18). A Ira de Deus já é real, pois Efésios nos fala sobre que os salvos já estiveram entre os “filhos da Ira” (Efésios 2.3). Porém, Paulo diz que essa Ira “se manifesta”; ou seja, ela vai sendo demonstrada ao longo do tempo, de forma crescente, até culminar em juízo eterno. Podemos imaginar uma represa que vai enchendo até não mais poder conter a inundação...

Há algumas ilustrações bíblicas desta verdade:

- (a) *O Dilúvio...* Gênesis 6,8.
- (b) *Sodoma e Gomorra...* Gênesis 19
- (c) *A Destruição de Faraó...* Êxodo 14.

II – A IRA DE DEUS TEM UM ALVO!

Paulo afirma que a Ira de Deus vem contra “*toda impiedade e injustiça*” (v.18). Daqui conclui-se que a Ira de Deus é sempre contra o pecado. É o pecado humano que aciona o gatilho da Ira Divina. O comentarista batista John Gil entende que “impiedade e injustiça” se refira as duas tábuas da Lei de Deus. A primeira expressão, ‘impiedade’, demonstra que o homem é ímpio ao se relacionar erroneamente com Deus. A segunda expressão, ‘injustiça’, refere-se ao modo pecaminoso que o homem interage na vida, quebrando os mandamentos da segunda tábua do Decálogo.

1. ***A Ira de Deus se revela contra “toda impiedade”*** (v.18). Aqui, Paulo tem em mente a relação do homem para com Deus. O homem ímpio é aquele que, de uma forma ou de outra, se porta como inimigo de Deus.

- a) O homem é inimigo de Deus por não reconhecer Sua glória: “Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças...” (v. 21),
- b) O homem é inimigo de Deus por confiar em si mesmo: “Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos” (v.22)
- c) O homem é inimigo de Deus por se render a uma falsa religião: “E mudaram a glória do Deus

incorrupível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis”.
(v.23)

d) O homem é inimigo de Deus por preferir viver na mentira: “Pois mudaram a verdade de Deus em mentira...” (v. 25).

2. ***A Ira de Deus se revela contra “toda... injustiça”*** (v.18). Aqui, Paulo tem em mente a relação do homem para com seu semelhante.

Paulo também explica detalhadamente estas transgressões:

a) Transgressões que podem ser identificadas naquilo que fazem:

“E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm; estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade” – versículos 28,29.

b) Transgressões que nos revelam aquilo que eles são por natureza:

“SENDO murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia” – versículos 30.31.

A **conclusão** para esta condição tão deplorável do homem é triste: *“são dignos de morte”*(v. 32). É por isso que a Igreja anuncia o Evangelho. ‘Evangelho’ literalmente significa “Boas Novas”, ou “Boas Notícias”. O Evangelho são a boa notícia de Deus para o homem: *“Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira”* (Romanos 5.8,9).

A pregação expositiva, como podem ver, praticamente obriga o ministro do Evangelho a se manter fiel ao texto. Além disso a congregação que o ouve tem excelente oportunidade de expandir sua cultura bíblica. Diversas vezes ouvi pessoas dizerem: *“Nossa, pastor! Acredita que eu nunca tinha entendido o que*

esse texto estava dizendo?”. Ou então, *“Nossa! Já li esse texto várias vezes e nunca havia prestado atenção neste detalhe...”*. E mesmo quando estes testemunhos não vêm, o pregador estará certo de ter cumprido sua missão de forma fiel.

Você deseja uma reforma na sua Igreja? Deseja uma reforma no seu ministério pessoal? Você almeja por uma Igreja mais saudável, mais firme e consagrada ao Evangelho? Você sonha com uma Igreja que ama as Escrituras? Então, dedique o máximo a pregação expositiva das Escrituras.

VANTAGEM PRÁTICA DA PREGAÇÃO EXPOSITIVA

Num artigo publicado no projeto ‘Olhar Reformado’, tecemos alguns comentários sobre a utilidade da pregação expositiva para o ministério do obreiro cristão, principalmente para aqueles que tem uma Igreja sob os seus cuidados. Reproduziremos agora o que ali foi publicado na série ‘Pregação Expositiva’.

Como Escolher um Tema?

As orientações mais comuns que encontramos:

Referência a uma data especial. O tema do sermão pode ser motivado por datas cívicas e religiosas. Por exemplo, o natal, a páscoa, o dia de finados, dentre outras, podem ser propulsoras de bons sermões temáticos e textuais. Nestes casos o pregador precisa apenas de “criatividade” para redigir um tema interessante e relevante, contudo, o mesmo já está auto-justificado.

Se você pertence a uma igreja litúrgica, como a Anglicana, por exemplo; só precisa seguir o calendário presente no Livro de Oração Comum. Porém, esta ‘facilidade’ não está disponível para todos nós, pregadores.

Referência a um evento eclesiástico especial. Existem diversos eventos na Igreja, que por si mesmos, já nos sugerem o tema do sermão, ou pelo menos, qual o objetivo do mesmo. Claro que o pregador não pode prescindir do uso criativo do mesmo. A meu ver, estes eventos devem ser levados em consideração na redação do tema, em diversas ocasiões. É o caso de eventos litúrgicos como: A Ceia do Senhor; Batismos; Funerais; Consagrações; etc.

Referência a uma necessidade particular identificada. Aqui estamos em um campo perigoso. Um obreiro sensível à voz do Espírito certamente identificara necessidades espirituais na vida da Igreja, ou de algum grupo ou membro. O bom senso e a experiência ministerial poderão lhe dizer a melhor forma de se tratar o caso: em publico ou em particular.

Estas necessidades espirituais identificadas justificam a escolha de um tema? Pode ser que sim, e muitos manuais de homilética assim o ensina. Contudo, não podemos nos esquecer das desvantagens e dos perigos que acompanham este procedimento.

Exemplificando: imagine que um membro identifique a mensagem como sendo direcionada a ele! Ou então, que se suspeite que o pregador esteja tornando publico algo que lhe foi confiado em particular! E nem perdermos tempo falando daqueles que deliberadamente usam o púlpito da Igreja para ataques pessoais... Também não podemos aprovar aqueles que, fazendo uso da tribuna, vivem a enviar “recados” a desafetos. Não façamos do púlpito um castelo para os covardes!

Referência a algum evento contemporâneo. Alguém sugeriu que o cristão deva ler a Bíblia e o jornal ao mesmo tempo. Existe certa verdade neste conselho. Estou certo de que os eventos que ocorrem no mundo estão sob o Governo Providencial de Deus e, portanto, podemos aprender verdades espirituais a partir de sua observação. Também é verdade que tais eventos podem gerar temas úteis para a pregação.

O perigo aqui é tornar a experiência mais autoritativa do que as Escrituras. O cristão pode sim ler a Bíblia e o jornal ao mesmo tempo, porém, jamais deve se esquecer que apenas a Bíblia é a verdade divina! O pregador pode até estar convencido de que o aquecimento global é apenas uma desculpa para o surgimento do Anticristo, no entanto, tal certeza lhe deve vir das Escrituras e não dos jornais! Infelizmente, alguns pregadores são mais dados a fazerem exegese de jornal, do que da Bíblia...

Citaremos apenas mais uma possível fonte de temas: ***aquilo que vem ao pregador em seus estudos pessoais das Escrituras***. A meu ver, este é a metodologia mais recomendada e segura; contudo, ela será ainda melhor se acompanhada de um plano sistemático de exposição de “*todo o conselho de Deus*”. Sobre isso falaremos na ultima parte deste artigo.

Como Escolher um Tema?

Analizando as limitações dos métodos acima:

Como eu disse, existe sim algum valor em tais métodos e não é meu objetivo sugerir que sejam abandonados. Não obstante isso ser verdade, gostaria de falar sobre as limitações intrínsecas aos mesmos.

Em minhas primeiras pregações eu me sentia confortável as regras acima. No máximo, eu era ‘obrigado’ a pregar uma ou duas vezes no mês; assim, eu achava que tinha temas na manga para ‘*dar e vender*’. Contudo, à medida que mais oportunidades de pregar surgiam, mais eu percebia a limitação dos meus temas e dos meus recursos para produzi-los rapidamente. Também comecei a observar grandes pregadores “televisivos”, e notar que os mesmos, normalmente, apenas repetem as mesmas coisas, ainda que usem textos totalmente diferentes!...

A minha frustração chegou ao topo quando recebi a responsabilidade de pastorear uma pequena congregação. Agora, eu era ‘obrigado’ a pregar duas, ou três vezes, numa única semana, o que me fazia carregar o peso de no mínimo, doze sermões por mês – isso pregando apenas nos três cultos regulares da semana!

Mas, como é possível pregar doze sermões em um único mês, para as mesmas pessoas, e mesmo assim, manter um ministério frutífero, interessante e variado? Isso pode ser fácil para pregadores itinerantes; afinal, num mesmo dia eles podem pregar a mesma mensagem em dois ou mais lugares e ninguém vai se dar conta!

Estas necessidades ministeriais me fizeram perceber que minha longa lista de “temas” não era minha salvaguarda para um ministério da palavra variado e frutífero, mas sim, o meu ‘*calcanhar de Aquiles*’...

Felizmente, eu estava iniciando também meu contato com a exposição bíblica. Iniciava neste período a minha leitura de Calvino; Baxter; Gill; Pink; Barnes; Henry e tantos outros. A descoberta dos tesouros deixados por tais homens me levou a uma outra revelação: *a exposição bíblica me livra da tarefa de procurar temas bíblicos aleatoriamente*. Se eu mantenho a prática de estudar e expor “*todo o conselho de Deus*”, os temas me virão de forma natural; restando-me apenas a tarefa de redigi-lo de forma criativa.

Procure fazer a seguinte conta comigo: se você for um assembleiano, como eu, sob sua responsabilidade podem estar três cultos semanais. Em quantos deles você prega? Vamos às contas:

(a) *Pregando apenas uma vez na semana*. Apenas a título de ilustração vamos imaginar que todos os meses possuem quatro domingos. Uma vez que temos doze meses no ano, você precisará pregar 48 sermões em 2009.

(b) *Pregando duas vezes na semana*. Vamos supor que além do domingo, você precisa proclamar o Evangelho também as terças-feiras; dia no qual, normalmente as Assembléias de Deus reservam como “*Culto de Doutrina*”; ou “*Culto de Ensino*”. Neste caso, supondo também que o ano tenha 48 ‘terças’; você precisará de 98 temas para o ano de 2009.

(c) *Pregando três vezes na semana*. Quem sabe você precise pregar as terças; quintas e domingos! Nem sempre o obreiro precisará pregar tantas vezes numa única semana; pelo menos, não na realidade assembleiana; contudo, vamos às contas: 146 sermões lhe serão necessários em 2009!

Isso nos leva diretamente ao encontro da maior limitação dos métodos listados acima sobre “*criação de temas*”. Imagine sentar-se 146 vezes para escolher 146 textos diferentes e dar a cada um deles 146 temas distintos, atraentes e poderosos! Acredite-me, já passei por isso e digo que é tarefa extremamente desgastante. Não é a toa que muitos pregadores que conheço acabam se ‘*viciando*’ em livrinhos de esboços; isso, quando suas pregações não se limitam a generosas doses de frases de efeito!

Dito isto, imagine o peso nos ombros daquele pastor que já está a 10 anos pastoreando *a mesma Igreja!* 1460 temas! Ufa!

Como Escolher um Tema?

A naturalidade e variedade do tema na pregação expositiva.

A pregação expositiva é um manancial inesgotável para temas e sermões. Na simulação matemática que realizamos nas seções anteriores, descobrimos que pregando três vezes na semana, você provavelmente precisará de 146 temas neste ano de 2009. Onde consegui-los de forma bíblica, variada e relevante para a sua congregação?

A nossa resposta é que a melhor solução seria pregar a Bíblia de maneira expositiva e seqüencial. De agora em diante buscaremos demonstrar isso da forma mais prática possível, tomando como base uma série expositiva sobre o Livro de Gênesis.

Antes, porém, gostaríamos de dar alguns conselhos sobre como descobrir as divisões naturais no texto Bíblico. Uma “pericópe” é uma unidade completa em um texto bíblico. Cada unidade do texto bíblico possui o seu próprio objetivo, o seu próprio assunto e tema; que podemos definir, teologicamente, como sendo o “telos” da passagem. Por exemplo, todo o Capítulo 1 de Gênesis possui um mesmo tema; logo, temos uma pericópe; uma unidade do texto bíblico.

Isso não significa que Gênesis 1 possa ser desmembrado do restante do contexto do Livro, do Testamento e do Evangelho; mas sim, que temos nesta pericópe um tema, um assunto central que o autor tinha em mente ao registrar o evento. Nas passagens narrativas, por exemplo, esta percepção da *pericópe* e do *telos* é fundamental para a hermenêutica e a pregação. Ora, que interesse a congregação poderia ter pelos inúmeros detalhes da vitória de David contra os amalequitas? Mas, se além de falar de tais detalhes – que sejam relevantes – você lhes diz qual o tema da passagem, você estará lhes revelando o “telos” para da mesma, ou seja, a verdade universal que Deus inspirou por meio daquela passagem. A *pericópe* facilita a hermenêutica; o *telos* favorece a pregação.

Deve ser conhecido de todo que as divisões em capítulos da Bíblia não são originais; trata-se de um recurso adicionado posteriormente a fim de facilitar a leitura e a busca dos textos bíblicos. Também deve ser de conhecimento geral que na maioria dos casos, estas divisões foram feitas de forma completamente arbitrária e, conseqüentemente, errônea. Tudo isso pode causar problemas para os leitores menos avisados, e para o exegeta que trabalha nas “coxas”.

Se a descoberta das pericópes de um livro bíblico lhe parece demasiadamente complicada - como realmente pode ser algumas vezes - lembre-se de que temos a nossa disposição diversas ferramentas muito úteis. Defendemos a idéia de que um exegeta ou pregador jamais deve consultar comentários bíblicos previamente;

porém, nada impede que ele possa consultar aqueles famosos – *e ignorados!* – sumários que acompanham cada boa introdução aos livros Bíblicos.

Veja uma imagem do sumário da King James Version, edição com comentários:

- I. Primitive History (1:1–11:32)
 - A. The Creation of the World (1:1–2:3)
 - B. Adam and Eve (2:4–25)
 - C. The Fall (3:1–24)
 - D. Cain and Abel (4:1–26)
 - E. From Adam to Noah (5:1–32)
 - F. The Flood (6:1–8:22)
 - G. Noah after the Flood (9:1–29)
 - H. The Table of Nations (10:1–32)
 - I. The Tower of Babel (11:1–9)
 - J. The Shemites (11:10–32)
- II. Abraham (12:1–25:18)

Observe que o sumário é de grande auxílio na tarefa de se descobrir as divisões temáticas mais naturais para o texto; ou seja, suas pericópes.

Uma prática muito interessante é combinar vários destes sumários, através de atenta comparação; reescrevendo-os com suas próprias palavras. Evidentemente que nada disso terá valor algum se você nunca tiver lido o texto bíblico na íntegra; afinal, você não pode pregar em cima de *sumários*, não é mesmo?

- I. Primitive History (1:1–11:32)
 - A. The Creation of the World (1:1–2:3)
 - B. Adam and Eve (2:4–25)
 - C. The Fall (3:1–24)
 - D. Cain and Abel (4:1–26)
 - E. From Adam to Noah (5:1–32)
 - F. The Flood (6:1–8:22)
 - G. Noah after the Flood (9:1–29)
 - H. The Table of Nations (10:1–32)
 - I. The Tower of Babel (11:1–9)
 - J. The Shemites (11:10–32)
- II. Abraham (12:1–25:18)

Table of Contents

- I. CREATION:
 - A. Creation Gen. 1:1–2:3
- II. DEVELOPMENT:
 - A. Before the Deluge
 - II. The Man Gen. 2:4–25
 - III. The Fall Gen. 3:1–24
 - IV. The Race Gen. 4:1–26
 - V. Line to Noah Gen. 5:1–6:8
 - B. Deluge
 - VI. The Deluge Gen. 6:9–8:22

Tal comparação é importante, pois os sumários são a percepção de quem os escreve; logo, diferentes sumários nos proporcionam diferentes ângulos de um mesmo livro bíblico.

Tentaremos demonstrar estas coisas em formato de “tutorial”, com o propósito de ajudar o leitor a ter uma compreensão melhor da utilidade da pregação expositiva para a seleção de temas, e dos meios empregados para descobri-los da forma mais natural possível. Para tanto, continuaremos a tomar o Livro de Gênesis como nossa base.

Mesmo que você não disponha de nenhum sumário completo do Livro de Gênesis; ainda assim, poderá ter uma noção da quantidade de temas que ele pode lhe proporcionar. O meio mais óbvio para isso é a simples contagem de quantos capítulos tem o Livro: **50 capítulos**. Na hipótese de você escrever *um sermão para cada capítulo*, você terá sermões para todos os domingos de 2009, pois, em tese, você precisaria de apenas **48 sermões** para cobrir todos os domingos do ano. Temos sobrando, então, **2 sermões** para 2010!

Apesar dos números já serem convincentes, pregar todo o Livro de Gênesis simplesmente seguindo a divisão em capítulos, pode não ser muito prático ou atraente para a congregação. E aqui, entra o valor de descobirmos a pericópes do texto e do uso [preferencialmente combinado] de sumários do Livro.

Além disso, você precisa reescrever estes sumários, a fim de torná-los “pregáveis”. Infelizmente, nem todos os pregadores se dão conta de que os seus “temas” não são “pregáveis”! Quando falamos, no parágrafo anterior, que você precisa tornar a exposição do Livro algo atraente, não insinuamos que você precisa pregar aquilo que a Igreja quer ouvir. Absolutamente! O que você precisa é pregar a verdade de forma agradável, ou melhor, de forma “homilética”. Em outras palavras, o seu tema precisa ser “pregável”. Imagine que ao pregar em Genesis 4 você anuncie temas como:

“Caim e Abel”.

“O Primerio Homicídio”.

“Os Dois Sacrifícios”.

Em tese não tem nada de errado com tais temas; contudo, eles pecam no mesmo detalhe: *não são pregáveis*; ou seja, eles não comunicam um princípio ou um valor que seja essencial para a vida de seus ouvintes. Portanto, você precisa combinar os sumários a sua disposição e também reescrevê-los com a descarada intenção de torná-los “pregáveis”. Lembre-se que de no Púlpito a sua obrigação precípua não é demonstrar seus dotes de exegeta, mas sim, *possuir uma mensagem*.

Um tema melhor seria:

“Caim e Abel. Qual deles é você?”.

“Caim – Símbolo de um Coração Impenitente!”.

Agora, você não tem em mãos apenas uma descrição técnica do conteúdo da passagem [como ocorre num sumário]; mas também, *um tema para ser pregado aos seus ouvintes!* Quando eu prego sobre “*Quando Deus Se Alegra em Não Estar Presente*”, desperto mais atenção do que simplesmente dizer: “*A Ressurreição de Lázaro*”. Nenhum de meus ouvintes conhece alguém que ressuscitou e nem pensa em conhecer um e, provavelmente, não precisa disso no momento. Porém, todos eles sentem – ou já sentiram – a sensação incomoda de estarem “sozinhos” em algum momento da jornada. E não é justamente sobre isso que João fala ao contrastar o drama da família de Lazaro, com o aparente desinteresse de Cristo?

Experimente ainda pregar sobre “*A Fuga de Ló*” ou sobre a “*Destruição de Sodoma*”, e depois pregar sobre “*O Resgate de Ló – Emblema da Salvação Pela Graça*” ou “*Sodoma e Gomorra – Será Que o Homem Compreendeu a Mensagem?*”. Quais destes temas são mais... “pregáveis”?!

Deve estar claro ao leitor, que para transformar um tema “técnico” em um tema “pregável”, faz se absolutamente necessário que o exegeta tenha descoberto o “telos” da passagem. Uma das tarefas do pregador é de buscar na hermenêutica qual o princípio espiritual de valor permanente (universal) que a passagem contém. É sobre tal valor universal que ele irá pregar no Púlpito. Sem descobrir o “telos” da passagem, tudo que pode fazer é contar a seus ouvintes os detalhes técnicos sobre a “fuga de Ló”.

Iremos trabalhar, agora, na descoberta dos temas que iram compor a nossa série de mensagens sobre o Livro de Gênesis.

A PRIMEIRA COISA A SER FEITA É DAR UM TEMA PARA A PRÓPRIA SÉRIE DE PREGAÇÕES.

Com isso, eu consigo ‘amarrar’ todos os demais temas sobre uma mesma diretriz; além de conseguir despertar um interesse maior por eles no coração dos ouvintes.

Além disso, se possível, eu ainda anunciaria para a congregação o tema da série e, paulatinamente, os temas dos sermões; a medida que a exposição avança. Isso também ajudará a Igreja a ter interesse pela leitura pessoal da Bíblia, uma vez que ela saberá exatamente qual o assunto do próximo serviço litúrgico.

Se a sua Igreja dispõe de um mural de recados, ou de um boletim semanal, o anúncio é extremamente simples. Você poderia, por exemplo, usar um slogan como o que se segue, a título de ilustração:



Apenas não cometa a loucura de se preocupar com o “marketing” de sua “série de exposições”, sem ter, antes, se preocupado com a exegese e a hermenêutica do Livro selecionado. Para poder anunciar que sua série tem por título “As Crônicas das Origens”, você precisa ter descoberto o “telos” central do Livro por meio do estudo sério, metódico e devocional do mesmo.

Por isso, este passo que eu coloco como sendo a primeira coisa a fazer, deve ser, na verdade, **o último dos seus trabalhos**. O colocamos aqui em primeiro lugar, tendo em mente que o pregador já terá feito a devida exegese dos textos a serem pregados. Ou seja, neste artigo estamos falando sobre como “montar” sua série de exposições; descobrindo seus temas principais por meio da seleção de pericópes.

A SEGUNDA COISA A SE FAZER É ‘AMARRAR’ A SÉRIE

As Crônicas das Origens

Primeira Parte

O Deus da História

Sermão 01. “Origens do Universo: Descobrindo o Poder da Palavra de Deus” (Gênesis 1.1-2.3).

Sermão 02. “Origens da Família: Descobrindo o Cuidado do Amor de Deus!” (Gênesis 2.4-25).

Sermão 03. “Origens do Pecado: Descobrindo o Perigo da Rebelião!”. (Gênesis 3.1-24).

Sermão 04. “Origens da Degradação: Descobrindo as Consequências do Pecado!” (Genesis 4.1-26).

Observem o uso proposital do termo “descobrindo”. Qual o motivo? Basicamente dois;

a) dar unidade à seqüência de sermões; mesmo motivo que nos faz usar palavras-chave e frases de transição no corpo do sermão. Deve-se ter cuidado para não tornar a repetição excessiva e maçante; principalmente se a série for muito longa, como é o caso do Livro de Gênesis;

b) além disso, o termo “*descobrimdo*” transforma a exposição do texto em “pregação”; ou seja, eu convido o ouvinte a participar do evento exposto de forma pessoal – ele sabe que aquela exposição irá conduzi-lo a um momento de apelo, no qual, precisará tomar uma decisão!

Observe também, que tal “amarração” da série lhe dá ainda uma importantíssima vantagem: a possibilidade de pregar séries expositivas de forma alternada. Assim, você não temerá o risco de pregar 50 ou 60 sermões consecutivos sobre o Livro de Gênesis. Uma vez que tanto o “slogan” como a “unidade” da série está registrada na mente de seus ouvintes, você poderá alterar a exposição Bíblia, a fim de tornar seu púlpito ainda mais variado. Por exemplo, com os quatro sermões acima, você pode iniciar em Janeiro a sua exposição sobre o Livro de Gênesis; em Fevereiro, você pode iniciar a exposição de um livro do Novo Testamento; com outros quatro sermões. No mês seguinte, Março, você retoma a série “*As Crônicas das Origens – Parte II*”; e assim consecutivamente.

Supondo, por exemplo, que você esteja expondo alternadamente Gênesis e Romanos, como apenas estes dois livros, você terá temas e sermões para pregar ininterruptamente por todos os domingos ao longo de mais de dois anos! Imagine o que tem a sua disposição em todos os 66 livros inspirados por Deus!

Se você tem, ou já teve, problemas para selecionar temas para suas pregações; estou certo de que a exposição bíblica possui eficiente antídoto contra este mal que aflige a todos nós. Deve ter ficado claro que seguindo um esquema de pregação expositiva, e seqüencial, as porções bíblicas e os temas a serem pregados surgem naturalmente para o pregador.

Evidentemente que a Pregação Expositiva não precisa ser feita sempre em série. O que acabamos de dizer visa apenas lhe mostrar o grande leque de opções que o pregador expositivo tem a sua disposição.

PROPOSTA DE EXERCÍCIO

Desenvolva uma série de pregações expositivas sobre o tema: “***Vivendo em Santidade***”. Seu texto base será a Epístola aos Efésios.

Como sugestão apresentamos os seguintes títulos, que podem ser o ponto de partida para 5 sermões:

Título: “**Andar em Unidade**”

Texto: Efésios 4.1-16

Título: “**Andar em Verdade**”

Texto: Efésios 4.17-32

Título: “**Andar em Amor**”

Texto: Efésios 5.1-7

Título: “**Andar na Luz**”

Texto: Efésios 5.8-14

Título: “**Andar em Sabedoria**”

Texto: Efésios 5.15-17

Mãos a obra!

DESENVOLVENDO O SERMÃO NARRATIVO

Imagine duas cenas distintas. Na primeira, o professor diz aos alunos: “Quer dizer a vocês dez razões pelas quais não se deveria fumar”. Já na segunda cena, tendo em mente o mesmo alvo que o primeiro, o professor diz: “Pessoal, vocês já ouviram falar no Caubói da Malbboro?”. Qual deles despertará mais interesse nos alunos? Qual deles transmitirá a mensagem com mais eficiência?

Ouvir histórias é absolutamente maravilhoso. Todos nós gostamos. Será que é por isso que Deus nos presenteou com um livro repleto de porções narrativas? Seja como for, temos em mãos dezenas de heróis, dramas, guerras, conflitos familiares, viagens, aventuras... E não são apenas histórias, são Palavra de Deus: “*Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança*” (Romanos 15.4).

Mas, como pregar eficazmente estas porções tão valiosas das Escrituras? Iremos comentar alguns exemplos, a fim de explicar os procedimentos mais produtivos neste estilo de pregação.

DUAS FORMAS DE SERMÃO NARRATIVO

Vamos destacar duas formas que consideramos mais eficientes para sermões narrativos: o Sermão ***Narrativo-Analítico***, e o Sermão ***Narrativo-Sintético***.

- *A Estrutura do Sermão Narrativo-Analítico.*

Um sermão Narrativo-Analítico segue, basicamente, a mesma estrutura de um sermão expositivo, detendo-se em cada ponto que julga necessário destacar, seguindo-se sempre uma aplicação; até que se chegue a aplicação final, na conclusão. Este é o modelo de sermão narrativo mais utilizado aqui no Brasil, inclusive por nomes famosos como Silas Malafaia e Marco Feliciano.

Exemplificando:

Título: “Aprendendo com um Publicano”

Texto: *Lucas 19.9*

I – SEMPRE HAVERÁ BARREIRAS QUANDO DESEJARMOS NOS APROXIMAR DO SENHOR!

1. Zaqueu enfrentou a barreira do preconceito: era publicano. *“E era este um chefe dos publicanos”* (v.2).
2. Zaqueu enfrentou a barreira da condição humana: era pecador. *“E, vendo todos isto, murmuravam, dizendo que entrara para ser hospede de um homem pecador”* (v.7).

II – É NECESSÁRIO ‘AÇÃO’ PARA NOS APROXIMARMOS DO SENHOR!

1. Zaqueu desejou ver Jesus. *“E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura”* (v.3).
2. Zaqueu esforçou-se para ver Jesus. *“E, correndo adiante, subiu a um sicômoro brava para o ver; porque havia de passar por ali”* (v. 4).

Como resultado Zaqueu obteve uma nova vida, em Cristo: *“E, levantando-se Zaqueu, disse ao Senhor: Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado. E disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, pois também este é filho de Abraão”* (vv. 8,9).

Um dos grandes segredos dessa estrutura é que não se faz necessário expor os dados narrativos em seqüência. Na verdade, em muitos casos, se costuma misturar uma informação que está no verso 10, com uma que está no verso 5 – desde que as duas informações estejam relacionadas ao tema da Divisão Principal.

O sermão narrativo, como acima exemplificado, nada mais é do que uma “reportagem” sobre a vida de um personagem, ou sobre os fatos de um determinado evento. O pregador está perguntando ao texto: De quem você fala? Quando aconteceu? O que aconteceu? Por que aconteceu? Como aconteceu? O que ele descobriu? Quais as dificuldades? Quais os resultados? E assim por diante.

Que tal pregarmos sobre o ladrão arrependido de Lucas 23.39-43? Começemos fazendo algumas perguntas ao texto.

Por que ele foi condenado? Porque era um “malfeitor” (v. 39). Porque ele “merecia”, conforme ele mesmo admite (v.41).

O que ele viu naquelas horas de agonia? Um inocente que oferece perdão aos seus algozes (v. 34). Uma multidão de zombadores (v. 35). Pessoas que tinham prazer no sofrimento do inocente (v. 36). Corações que duvidavam da mensagem do Evangelho (v.37). Um condenado que nem na hora da morte pode se arrepender (v. 39).

O que nasceu em seu coração naquelas horas? Um sentimento de arrependimento (v. 41). Uma fé sincera em Jesus Cristo (v.41).

Como ele desceu a sepultura? Como um homem salvo, que aguarda a ressurreição para a vida (v. 42).

Vamos esboçar o nosso sermão?

Título: “Da Morte Para a Vida”

Texto: Lucas 23.

I – COMO ESTE LADRÃO FOI PREGADO NA CRUZ?

1. Foi pregado na cruz morto em delitos e pecados. Ele era um “malfeitor” (v. 39), e nem ele mesmo podia mais negar sua culpa: “recebemos o que nossos feitos mereceram” (v. 41).
2. Foi pregado na cruz na mesma condição dos demais filhos da Ira: “os malfeitores, um a direita e outro a esquerda” (v. 33).

II – QUE OS SEUS OLHOS VIRAM ALÍ NA CRUZ?

1. Viram uma multidão de zombadores que dizia: “Aos outros salvou, salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus” (v. 35).
2. Viram algozes que se alegravam no sofrimento de um inocente: “E também os soldados o escarneciam, chegando-se a ele, e apresentando-lhe vinagre” (v.36).
3. Viram corações que duvidavam da mensagem de Jesus: “Se tu és o Rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo” (v. 37)
4. Viram o pecador que nem a beira da morte pode se arrepender: “E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós” (v. 39).

III – DUAS COISAS VALIOSAS NASCERAM SEU CORAÇÃO, MESMO ESTANDO NA CRUZ!

1. Um arrependimento sincero: “E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez” (v.41).
2. Uma fé sincera e segura em Cristo Jesus: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino” (v. 42)

Mesmo tendo sido pregado naquela humilhante cruz na mesma condição dos demais filhos da Ira, na hora da morte, ele entregou seu espírito a Deus como um homem salvo pelo sangue de Jesus: “E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (v. 43),

Neste exemplo, notamos que afirmações de vários versículos foram agregadas sob uma mesma DIVISÃO PRINCIPAL; porém, todas elas relatavam algum detalhe que se encaixa na divisão. Portanto, perceba que não se faz necessário seguir a risca a ordem de afirmações que o texto nos apresenta. Neste tipo de sermão há grande espaço para a criatividade, desde que as afirmações estejam baseadas em uma correta interpretação do texto.

Esboços como este exigem duas coisas do pregador: que ele se detenha a comentar cada elemento do texto que destacou; e que ele faça uma aplicação prática para quase todos eles. Isso me parece ser a maior desvantagem deste modelo, pois pode tornar a mensagem longa, e cansativa. Como disse, os teleevangelistas amam esse tipo de pregação. Vamos imaginar o irmão Malafaia pregando o esboço que acabamos de elaborar:

2. Sabe o que os olhos do ladrão viram ali na cruz? Eles viram algozes que se alegravam no sofrimento de um inocente: “*E também os soldados o escarneciam, chegando-se a ele, e apresentando-lhe vinagre*” (v.36). Além dos camaradas estarem zombando de Cristo, eles ainda queriam aumentar o sofrimento de Jesus. Meu filho, minha filha! Sabe o que eu aprendo aqui? Ei! Olha para mim! Aqui eu aprendo que nas horas que a coisa tá preta...

Nem sempre ocorre do pregador julgar necessário uma aplicação para cada detalhe da narrativa, contudo, é a prática mais comum. As pregações do irmão Silas, por exemplo, são extremamente longas exatamente por isso. Portanto, caso o pregador não seja um orador nato, provavelmente irá cansar os seus ouvintes.

- *A Estrutura do Sermão Narrativo-Sintético.*

Existe uma diferença fundamental entre um sermão *narrativo-analítico*, e o sermão *narrativo-sintético*. No primeiro tipo, como já vimos, o pregador se dedica detalhadamente a cada aspecto que julga relevante do texto. Já no sermão narrativo-sintético, o pregador escolhe apenas UM DETALHE do texto para ser o coração da sua mensagem. Em passagens narrativas, este é o meu modelo favorito.

Vamos utilizar mais uma vez o estudo que realizamos sobre o ladrão arrependido:

Por que ele foi condenado? Porque era um “malfeitor” (v. 39). Porque ele “merecia”, conforme ele mesmo admite (v.41).

O que ele viu naquelas horas de agonia? Um inocente que oferece perdão aos seus algozes (v. 34). Uma multidão de zombadores (v. 35). Pessoas que tinham prazer no sofrimento do inocente (v. 36). Corações que duvidavam da mensagem do Evangelho (v.37). Um condenado que nem na hora da morte pode se arrepender (v. 39).

O que nasceu em seu coração naquelas horas? Um sentimento de arrependimento (v. 41). Uma fé sincera em Jesus Cristo (v.41).

Como ele desceu a sepultura? Partiu como um homem salvo, que aguarda a ressurreição para a vida (v. 42).

O sermão Narrativo-Analítico, pegou todos estes elementos para construir apenas um sermão. O sermão Narrativo-Sintético, por sua vez, poderá construir uma mensagem para quase todos estes elementos.

Por exemplo, o arrependimento do ladrão nos ensina uma lição muito valiosa: *não existe pecado que nos impeça de chegar a Cristo quando o coração está arrependido*. Tocado por essa mensagem, o pregador decide, então, pregar sobre Arrependimento.

Título: “Da Culpa ao Perdão”

Texto: Lucas 23.

Haverá limites para o perdão de Deus? O que se faz necessário para obter o perdão do Senhor? Você já cometeu algum pecado que te levou a sentir que não existe mais volta?

O nosso texto fala de um homem que era terrivelmente pecador. Que ele fez de tão ruim? Pelo que podemos compreender, sabemos que ele....

Este homem era, portanto, completamente merecedor daquele terrível castigo. Ouça como ele mesmo confessa este fato...

Ninguém poderia imaginar um futuro melhor para este homem. Ele estava diante da morte. Era o fim. Aqueles que ele havia prejudicado

em vida poderiam estar aos pés da Cruz se regozijando com a justiça sendo feita. Se dos homens ele não podia esperar qualquer benefício, como este homem poderia se apresentar diante de Deus? Como este homem iria despertar na Eternidade, no dia da Ressurreição, e ser chamado a prestar contas diante daquele é Santo?

Penso que este homem não pensava na multidão a sua frente. Ele pensava em Deus. Ele pensava na terrível realidade do seu pecado, e na terrível realidade do Juízo Vindouro. Ele poderia escapar?

Sim, surpreendentemente ele escapou do Juízo Vindouro; e o fez mediante o arrependimento. Vejamos como o texto nos relata...

Todos conhecemos pessoas que acham não haver mais volta para o seu pecado. São pessoas que se sentem tão culpadas, que imaginam ser o seu pecado maior que a Graça de Deus. Elas exaltam seu pecado, e diminuem o poder da graça. Talvez você esteja se sentindo assim neste exato momento. Quem sabe falo a alguém que tem defraudado a empresa onde trabalha, e a culpa e o medo de impedem de viver uma vida plena. Quem sabe, você que me ouve tem sido acometido por sentimentos de incredulidade. A fé tem vacilado e você já não se sente caminhando para o céu.

Haverá limites par ao perdão de Deus? O que aprendemos na história deste ladrão? Aprendemos que não importa qual o grau, ou a quantidade do seu pecado, quando o coração prostra-se diante de Jesus em arrependimento, as portas dos céus se abrem em favor do pior dos pecadores...

A diferença é perceptível. Neste modelo de pregação a mensagem focaliza apenas um evento da narrativa: *o arrependimento como caminho para o perdão*. Além disso, o pregador pode contar a narrativa sem ficar detendo-se em cada novo elemento que encontra pelo texto. Aliás, pode haver detalhes que ele sequer narra, ou que narra apenas para fornecer ao ouvinte o pano de fundo, mas sem dar maiores destaques.

Tecnicamente, tal modelo de pregação segue o seguinte padrão:

- ***O pregador escolhe um aspecto teológico da narrativa.*** No exemplo acima escolhemos falar sobre o caminho que vai *da culpa ao perdão*, tendo estabelecido que o mesmo passa obrigatoriamente pelo *arrependimento*.
- ***O pregador introduz a mensagem apresentando um dilema, ou desafio.*** No caso fizemos algumas perguntas que despertam o interesse: *será o que perdão de Deus tem limitações?* Nem sempre é preciso usar perguntas, uma boa ilustração, ou manchete, por exemplo, podem ser úteis.

- **O pregador narra a história bíblica de acordo com o tema escolhido.** Ou seja, ele vai contar a história de modo que seja possível concluir que o arrependimento nos abre as portas do perdão, independentemente da gravidade dos nossos pecados. Nesta parte ele poderá selecionar os eventos narrativos que julga mais apropriado ao tema, bem como poderá escolher deixar alguns detalhes de fora.
- **O pregador conclui a mensagem com aplicações pessoais.** O objetivo deste modelo é justamente mostrar que aquilo que aconteceu no passado, foi escrito para nos ensinar alguma coisa. Portanto, o pregador tem o dever de aplicar a lição central da mensagem a vida dos seus ouvintes.

No próximo exemplo, o pregador adventista Bullón, faz procura fazer uma analogia entre o cordão vermelho que Raabe estendeu sobre casa, como sangue de Cristo. Assim como aquele cordão vermelho salvou a vida de Raabe, o sangue de Cristo salva os crentes. Portanto, ele narra a história visando esta aplicação especial no fim:

Título: “O Cordão Vermelho”

Texto: *Josué 2.18,19*

Preletor: Alejandro Bullón

A Bíblia registra a história da destruição de Jericó. Naquela ocasião as únicas pessoas que se salvaram foram as que estavam na casa de Raabe, a prostituta. Qual é a lição que podemos tirar dessa história?

O texto que analisaremos está no livro de Josué. "Eis que, vindo nós à terra, atarás este cordão de fio de escarlata à janela por onde nos fizeste descer; e recolherás em casa contigo a teu pai, e a tua mãe, e a teus irmãos e a toda a família de teu pai. Será pois que, qualquer que sair fora da porta da tua casa, o seu sangue será sobre a sua cabeça, e nós seremos sem culpa; mas qualquer que estiver contigo em casa o seu sangue seja sobre a nossa cabeça, se nele se puser mão". (Josué 2:18 e 19)

Este texto relata que o povo de Israel estava a ponto de conquistar a terra prometida. Este povo tinha chegado no limiar da terra sonhada. A promessa divina de que Deus entregaria a terra de Canaã para Israel estava a ponto de ser cumprida.

Antes de entrar, porém, Josué, o valente sucessor de Moisés, enviou dois homens para espionar a terra...

(...)

O cordão vermelho era apenas o símbolo do sangue de Jesus.

Quando o povo de Israel estava no Egito, Deus prometeu libertá-lo. Uma noite o anjo destruidor visitaria a cidade e mataria todos os primogênitos. Então Deus deu uma ordem. Um cordeiro perfeito devia ser sacrificado e com seu sangue devia ser manchado o umbral da porta. À meia-noite, quando o anjo destruidor aparecesse, as casas que tivessem a mancha de sangue não seriam tocadas. A salvação do povo dependeria de sua fé no sangue.

Hoje, a nossa única esperança está no sangue do Cordeiro.

(...)

Ah, querido amigo, a mensagem de salvação está hoje à sua disposição. Não importa se você é bom ou mau. O sangue do Cordeiro está à sua disposição. Pode se agarrar ao braço poderoso de Jesus. Pode molhar sua mão com o sangue das mãos furadas de Jesus. Pode manchar sua mente para ser purificada de pensamentos imundos. Pode manchar seu coração para ser santificado de sentimentos imundos. Pode manchar suas mãos para não fazer coisas erradas. Pode manchar seus pés para não andar longe de Jesus. Esta é a sua grande oportunidade.

Alguém poderá me criticar por citar um ministro adventista, mas quem poderá me criticar por considerar este sermão maravilhoso?

No exemplo a seguir, observe como o pregador relata quase todos os detalhes da narrativa, fornecendo um perfeito pano de fundo para a história; porém, ele conta a história com um único foco em mente: *poderia Deus usar alguém que não se sente preparado?*

Título: “A Sarça de Moisés”

Texto: *Êxodo 3.1-15*

Preletor: *Christopher Harbin*

Será que Deus pode usar aquele que não se sente preparado?

Longe do Egito, longe do povo, e longe de Deus. Moises andava ocupado com seu trabalho. Estava a seu encargo o rebanho de seu sogro, e andava procurando pastos nos quais apascentar o rebanho. Sua vida passada estava muito longe de sua realidade atual. Havia se esquecido do povo sofrendo opressão lá no Egito. Numa época passada havia tentado ser um libertador do seu povo, mas havia fracassado. Agora, anos depois daquele tempo no qual tentara remir o povo, encontrava-se seguro, fazendo o trabalho de um pastor de

rebanhos, longe do alcance do Faraó que o queria matar. Em meio de sua comodidade, Deus vem ao seu encontro.

Moisés não estava procurando Deus. Não estava à procura de um meio de libertar o povo da escravidão no Egito. Não estava buscando uma experiência dramática com Deus. Estava seguro em sua fuga, trabalhando em sua comodidade, esquecendo-se do povo no cativeiro. Longe do povo e longe de Deus, o Libertador vem à sua procura.

(...)

Deus explicou a Moises o motivo de sua visita...

(...)

Moisés lhe respondeu como qualquer um de nós teríamos feito:
“Como é? Eu? Tu queres que Eu faça o quê? Deus, tu não sabes o que estás pedindo. Tu precisas falar com outra pessoa. Eu não sirvo de libertador de povos escravos. Será que tu não anotaste o endereço errado? Quem sou eu para que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?”

(...)

Será que a situação é a mesma hoje? Será que Deus tem planos para o seu povo que vão além das possibilidades dos que são chamados a cumpri-los? Será que Deus tem interesse em libertar os oprimidos hoje? Será que Deus atua hoje como atuou com Moisés?

Tenham em mente que os exemplos acima são apenas extratos de mensagens maiores. Neste tipo de sermão, também é possível fazer inúmeras citações das Escrituras. Por exemplo, no sermão acima, quando o pregador perguntar se é possível Deus usar pessoas que não se julgam capacitadas, ele poderá listar várias passagens onde se fala da capacitação que vem de Deus, e outro tanto onde se ensina a não confiarmos em nos mesmos, etc. O grande segredo deste modelo, repito, é focalizar a narrativa para uma única verdade teológica, sem ficar expondo e aplicando cada verdade teológica encontrada no texto.

Em nosso próximo exemplo, Harbin irá recontar a mesma narrativa, porém, terá como foco principal responder a seguinte questão: *será que Deus realmente escuta o clamor do seu povo que sofre?*

Título: “O Deus que Ouve”

Texto: *Êxodo 3.1-15*

Preletor: Christopher Harbin

Às vezes o ser humano se sente sozinho, clamando em vão a Deus.
Será que Deus ouve o clamor de um mero ser humano?

Parecia que Deus não ouvia. O povo, a descendência de Abraão, estava passando dificuldades no Egito e clamando a Deus para livrá-los dos opressores. Sentiam que Deus estava longe e despreocupado com eles. O povo estava em dificuldades. Parecia que Deus estava bem longe. Uns teriam dito que Deus se esquecera deles. Fazia tempo que sofriam mas Deus aparentemente não fazia nada. Em desespero, gritaram a Deus, mesmo que muitos não esperavam uma resposta. Será que Deus não ouvia? Será que Deus não se importava com eles?

No outro lado do deserto, Moisés andava apascentando o rebanho do seu sogro, longe do povo sofrendo opressão nas mãos dos...

(...)

Olhando bem, não era Deus que estava longe e despreocupado, mas era Moisés! Moisés havia no passado tentado libertar o povo, só que não esperou em Deus e não procurou seguir os planos de Deus para...

(...)

O próprio povo se havia rebelado contra Moisés e agora Moisés encontra-se em crise frente ao chamado de Deus. Pode ser que o povo estava até reclamando da opressão, mas não havia chegado...

(...)

Será que mudou muita coisa entre o contexto vivido pelo povo hebreu[†] no Egito e o povo de hoje, que somos nós? Somos muito prontos a reclamar da situação em que vivemos. Estamos prontos para aceitar o compromisso que Deus exige de nós? Estamos prontos para sermos agentes da libertação divina? Quais são os motivos da nossa gritaria hoje? Deus está longe sem ouvir, ou somos nós que nos recusamos a nos prontificarmos para a ação divina? Enquanto nós clamamos a Deus, o que será que Deus quer de nós? Estamos prontos para ouvir? Será que ainda não aprendemos de nossa necessidade de nos dispormos a Deus como servos obedientes? Estamos reclamando apenas para lançar a idéia de que Deus é distante, ou estamos prontos para que Deus atue para libertar?

Deus nos ouve. Deus conhece o nosso contexto e as nossas dificuldades. Como está a nossa audição? Estamos prontos para ouvi-lo?

No exemplo acima, o pregador que demonstrar que Deus ouve a suplica daquele que sofre, e ele aproveita para ensinar que muitas vezes a demora na resposta

divina esta motivada em nós mesmos, nos nossos pecados. E que quando Deus atente, precisamos estar prontos para a ação. Por isso, a narrativa é recontada de forma a demonstrar estes aspectos teológicos que estão presentes no texto. Falaremos um pouco mais sobre “variação” no próximo capítulo.

Uma grande vantagem deste modelo é possibilitar haver pregações fantásticas, e completamente bíblicas, em tempos curtos entre 15 – 20 minutos! Havendo necessidade de abordar doutrinariamente algum ponto, este modelo poderá fazê-lo utilizando um tempo maior.

SOBRE VARIEDADE NA PREGAÇÃO

Neste capítulo final gostaríamos de repassar algumas dicas sobre como encontrar maior variedade na pregação. São dicas simples que podem se mostrar bem úteis, inclusive na reescrita de sermões já pregados.

MUDANDO A FRASE DE TRANSIÇÃO MUDANDO A PALAVRA-CHAVE

Você já conhece o esboço abaixo:

Título: “Nenhuma Condenação!” (Romanos 8.1)

Que afirmação maravilhosa. **Quem são estes** para os quais não há nenhuma condenação?

I – SÃO OS QUE ESTÃO EM CRISTO... *“para os que estão em Cristo”* (v.1)

II – SÃO OS QUE NÃO ANDAM SEGUNDO A CARNE... *“não andam segundo a carne”* (v. 1)

III – SÃO OS QUE ANDAM SEGUNDO O ESPÍRITO... *“mas segundo o Espírito”* (v.1)

A maioria dos sermões pode dar origem a outros sermões, bastando para isso que se mude a oração de transição e sua palavra-chave. No exemplo acima utilizamos a seguinte oração de transição: quem são estes? O sermão convida o ouvinte a descobrir QUEM está incluído na promessa feita no versículo. No entanto, o pregador poderia, por exemplo, focalizar a própria promessa. Neste caso, ele usaria

uma oração de transição semelhante a esta: *verdades que você precisa saber sobre esta promessa maravilhosa.*

Título: “**Nenhuma Condenação!**” (Romanos 8.1)

Que afirmação maravilhosa. Porém, existem **alguns fatos** sobre esta promessa que você precisa conhecer.

I – TRATA-SE DE UMA PROMESSA EXCLUSIVISTA... “*para os que estão em Cristo*” (v.1). Ou seja, não é verdadeira para ninguém mais além deles!

II – TRATA-SE DE UMA PROMESSA EVANGÉLICA... “que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (v.1). Talvez você afirme já possuir Cristo em seu coração. Quem sabe o carregue em uma corrente. Todavia, andar ‘segundo o Espírito’ é uma descrição da sua vida? Você que diz ter Jesus no coração, já teve sua vida transformada pelo Evangelho?

Uma variação mais simples e direta seria:

Título: “**Nenhuma Condenação!**” (Romanos 8.1)

Que afirmação maravilhosa. Porém, ***ela não reflete a realidade de todas os que me ouvem agora.***

I – NÃO É UMA REALIDADE PARA VOCÊ QUE REJEITA A CRISTO... O texto diz que é “*para os que estão em Cristo*” (v.1).

II – NÃO É UMA REALIDADE PARA AQUELES QUE ABRAÇAM O PECADO... O texto diz “que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (v.1)

No capítulo sobre estrutura homilética existem diversas dicas sobre o uso de palavras-chave na construção de orações de transição. Procure o pregador variar o uso das mesmas e poderá descobrir uma infinidade de mensagens em um único versículo. Evidentemente, percebe-se que nos exemplos acima a mensagem é sempre a mesma, porém, há significativa mudança na ênfase e no impacto alcançado.

MUDANDO O FOCO NARRATIVO

Sermos que tem por base uma porção narrativa das Escrituras são muito bons para buscar variedade. Na maioria dos casos, tais relatos bíblicos apresentam duas ou mais personagens. Assim, basta mudar a personagem central do sermão para obtermos sermões variados.

Depois, foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho, mendigando. E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar, e a dizer: Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim. E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi! tem misericórdia de mim. E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama. E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se, e foi ter com Jesus. E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista. E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho. – **Marcos 10.46.**

Quantas pregações você já ouviu sobre este texto narrativo? Inúmeras. A maioria delas falava sobre quem? Provavelmente, praticamente todas falam alguma coisa sobre o cego Bartimeu. Todavia, Bartimeu não é o único personagem deste relato. Aqui encontramos também; Jesus, os discípulos, a multidão, o pai do cego (Timeu), o caminho, a capa, a cidade de Jericó.

É evidente que você não poderá desenvolver um sermão expositivo falando sobre a CAPA, nem sobre o caminho, ou sobre o pai de Bartimeu. Isso não é possível, pois o texto não nos apresenta elementos suficientes. Contudo, será que pesquisando sobre o uso da capa significava naquele contexto não lhe renderia uma mensagem tópica? Será que descobrindo dados sociais, ou religiosos, sobre os que ficavam a 'beira do caminho', não lhe renderia uma outra mensagem tópica?

Observe o modo maravilhoso como Sérgio Lopes fala da ressurreição de Lázaro:

És tão pequena aldeia, por tantos desprezada,
E hoje estás velada, a tristeza te visitou!
Em um dos teus lugares, há lágrimas e dores,
Perdeste um dos teus filhos – um grande amigo do Teu Senhor!

Ah, querida Betânia! Lázaro já não conta, das muitas
maravilhas que podias ver e ouvir!
Betânia não sabia, o que fez o Messias deixar teu filho Lazaro
partir!

Betânia há de ver, e o mundo irá saber, ninguém que te olhar
poderá entender!
Fontes em ti não há, nem ouro e nem altar. Oh, pequena
Betânia, ninguém mais te esquecerá!
Teu filho adormeceu, mas Cristo te escolheu!
Pequena de Israel, teu Senhor te honrará!
Lazaro acordara, porque quem crê em Cristo,
Ainda que esteja morto, viverá!

(*Aldeia de Betânia; Sergio Lopes. Álbum: Noites e Momentos*)

Que sermão maravilhoso! A maioria de nós simplesmente falaria sobre Lazaro, ou sobre suas irmãs. Não, o poeta Sérgio Lopes. Ele fez muito mais: pensou na pequenez da aquela aldeia. Pensou no quanto ela parecia insignificante – nela não havia ouro, nem altar. Não tinha riqueza, e nem era um centro religioso de grande importância. Porém, foi nela que Deus decidiu operar um dos maiores milagres. Ninguém jamais esquecerá aquela pequena aldeia de Israel – não pelo que ela é, mas sim pelo que Deus quis fazer por ela!

Existe, claro, o risco de se abusar da imaginação e elaborar uma mensagem sem ‘pé nem cabeça’, porém, tais excessos não ofuscam o grande poder que há na mudança do foco narrativo.

DEDICANDO-SE A UM LIVRO

Pense nos seguintes temas: *A Divindade de Jesus, As Características da Vida Crista, O Progresso na Vida Espiritual, O Significado da Cruz, Benefícios da Cruz.*

Se o pregador conhece bem o conteúdo das Escrituras, saberá que estes temas estão presentes em praticamente todos os livros das Escrituras, especialmente no Novo Testamento. Assim, é possível que para cada um destes temas, seja possível esboçarmos 27 mensagens diferentes, uma para cada livro do Novo Testamento.

Por exemplo, quem sabe alguém lhe peça 27 mensagens (!) sobre a Divindade de Jesus. Como realizar trabalho tão hercúleo? Bem, uma dica é fazer um estudo temático, sobre a Divindade de Jesus, em cada um dos livros do Novo Testamento. Em outras palavras, você irá perguntar a cada livro selecionado: “*O que você tem a nos ensinar sobre a Divindade de Jesus?*”. Com base nas respostas, esboça-se a mensagem.

Título: “A Divindade de Jesus”
Texto: *Evangelho de Mateus*

Título: “A Divindade de Jesus”
Texto: *Evangelho de Marcos*

Título: “A Divindade de Jesus”
Texto: *Evangelho de Lucas*

Título: “A Divindade de Jesus”
Texto: *Evangelho de João*

Neste caso, o pregador está seguindo o mesmo esquema da Teologia Bíblica. Esta é diferente da Teologia Sistemática. Na *Sistemática* o teólogo procura saber o que a Bíblia, toda a Bíblia, diz sobre determinado tema – a origem do pecado, por

exemplo. A Teologia Bíblica, por sua vez, dedica-se a descobrir o que este ou aquele livro tem a dizer sobre determinado tema.

O que Romanos nos ensina sobre a Divindade de Jesus? O que Gálatas nos ensina sobre a Graça? O que Apocalipse nos ensina sobre a Salvação? O que João nos ensina sobre a vida eterna? Cada uma destas perguntas pode ser repetida para quase todos os livros das Escrituras, fornecendo-nos uma grande gama de possibilidades homiléticas.

UM CAPÍTULO ESPECIAL PARA OS ASSEMBLEIANOS

Aquele leitor familiarizado com a liturgia assembleiana estará acostumado com o que se costuma chamar de “saudação”. Para os não iniciados cabe alguma explicação: o pentecostalismo, ainda que inconscientemente, leve bem a sério o princípio do sacerdócio universal. De fato, creio que poucas tradições cristãs levem tal princípio tão literalmente. De modo que um culto realmente assembleiano não pode deixar de ser pontuado por diversas “saudações”.

Mas, o que é uma “saudação”? É um convite direto e inesperado que o ‘dirigente do culto’ faz a um membro da Igreja. Normalmente sem qualquer aviso prévio, o dirigente do culto anuncia: “Irmãos, ouviremos em seguida uma rápida saudação pelo irmão André Lima”. O convite pode ser ainda para que a pessoa ‘dê uma palavra’: “Meus queridos, eu quero convidar o irmão André Lima para nos trazer uma breve palavra”. Mudam-se os termos, mas o significado é o mesmo.

Tal convite é para que em poucos minutos a pessoa fale à Igreja a mensagem que o Espírito Santo tem feito arder em seu coração. Infelizmente, não são poucos que utilizam estes minutos de forma equivocada. Em muitos casos, para não dizer na maioria deles, a pessoa se limita a dizer algumas frases de efeito, contar alguma experiência sem qualquer nexos, ou ler uma passagem e falar sobre o que lhe dá na ‘telha’.

Não precisa ser assim. Com o devido preparo, estes cinco minutos de “saudação” pode ser uma excelente oportunidade de edificação para a Igreja. Sim, mesmo numa ocasião tão informal o pregador deve lembrar-se de sua obrigação principal: *ter uma mensagem de Deus!* Mesmo em tais ocasiões é preciso ter em mente a edificação da Igreja. Isso faz parte do culto racional que devemos a Deus.

Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional – **Romanos 12.1.**

Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação – **II Coríntios 14.26.**

É possível entregar uma mensagem bíblica em tão pouco tempo? Sim. Um bom exemplo disso são os devocionais que encontramos nas livrarias. Aconselho todos a lerem bons devocionais. São modelos de mensagens que podem ser faladas em poucos minutos. Algumas, apesar de tão curtas, possuem até mesmo ilustrações valiosíssimas.

O grande segredo dos devocionais, e de uma boa “saudação” é o pregador manter em mente apenas uma lição, ou detalhe importante do texto bíblico. Caso se julgue necessário citar mais lições, que se faça da forma mais breve possível, atendo-se apenas ao essencial. Além disso, se o pregador se habituar a escrever tais pequenas mensagens, ele ainda terá a vantagem de desenvolver um bom estilo, obter um melhor controle do tempo, etc.

Tentaremos dar alguns exemplos de mensagens curtas que servem bem para a liturgia assembleiana.

“Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. E nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Sabendo que era o Senhor” - JOÃO 21.12.

Tente imaginar comigo a surpresa no coração dos discípulos. Eles tinham vivido uma grande decepção. Jesus, o seu querido Jesus, havia sido morto. As esperanças que tinham de um Messias revolucionaram morreram juntamente com aquele humilde Galileu. Mas, agora, eis que diante deles estava o próprio Cristo.

Esta era a segunda vez em Jesus aparecia aos seus discípulos. E, novamente, não era uma mera manifestação, nem uma ilusão coletiva. Era Jesus em carne e osso. Era Jesus Ressuscitado. Ele os chama para a praia, prepara-lhes uma bela refeição e convida: “Vinde, comei!”.

Aquele mesmo convite se faz agora. Aquele mesmo Cristo se faz presente aqui, e pessoalmente convida você a vir a Ele, e alimentar-se com Ele. Sei que fala a alguém que está faminto. Falo a alguém que tem fome de Deus, fome de paz, fome de vida, fome de perdão.

Sabe o que é melhor? As palavras de Cristo são um *convite*. Ele chama, e os que vêm, encontram alimento n’Ele. Talvez você ainda não veio por se julgar indigno, pecador. Todavia, ainda que você seja o maior dos pecadores, as palavras de Cristo continuam sendo um convite – o mais belo e mais gracioso convite que você já

escutou:

Pelos lábios do profeta Isaías o Senhor Jesus lhe diz: *“O vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde, comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite!”* – **Isaías 55.1.**

Você tem fome do que? De paz? De Esperança? De perdão? De amor? De vida? De segurança eterna? Não importa, seja qual forma a sua necessidade, o convite que Jesus fez aos discípulos naquele dia se repete ainda hoje:

“Vinde e comei!”.

Em poucas palavras temos uma mensagem que ao mesmo tempo é evangelística e devocional. Evangelística por anuncia Cristo, devocional por levar os crentes a confiarem nos cuidados do Senhor.

Outro exemplo:

“E disse-me: Daniel, homem muito amado...” – **Daniel 10.11.**

Esperem um pouco! A Bíblia de vocês diz a mesma coisa que eu li? Está escrito no texto que Deus chamou Daniel de “homem muito amado”? Sim! Deus lhe disse exatamente estas palavras! Mas, como isso é possível? Como alguém consegue a honra de ser tido como “muito amado” por Deus?

Existem algumas respostas equivocadas a esta questão. Alguns pensam que para ser amado por Deus é preciso ser uma pessoa perfeita, sem pecado. Mas a Bíblia ensina que se alguém diz que não tem pecado é mentiroso. Outros imaginam que para ser amado por Deus é necessário acumular ‘pontos de bondade’ no currículo: esmolas, díizimos, ofertas... São coisa boas, e necessárias; porém, a Bíblia adverte: *“Mas **todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam**”* - **Isaías 64:6.**

Se nem mesmo as nossas melhores obras são capazes de nos tornar aceitáveis diante de Deus, como qualquer um de nós poderá receber a mesma palavra dada a Daniel: “homem muito amado”?

A resposta a esta pergunta é tão simples, que a maioria das pessoas não consegue recebê-la. Escute o conselho da própria Palavra de Deus:

“Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual **nos fez agradáveis a si no Amado!**” – **Efésios 1.6.**

Existe uma forma de sermos agradáveis a Deus? Sim. Qual? A Bíblia responde: “**no Amado**”! Você tem colocado sua fé no Amado? Você tem depositado sua confiança em Jesus? Se sua resposta é sim, então estas palavras são válidas para você: “homem muito amado”.

No exemplo acima, o primeiro parágrafo propõe um dilema; o segundo parágrafo apresenta algumas respostas erradas para o dilema, sem muitos detalhes, porém, apresentando os elementos essenciais. O terceiro parágrafo, de forma breve, reafirma o dilema. E os demais respondem ao dilema com as Escrituras, apontando Jesus como a resposta, e, claro, terminando com um apelo, um convite à fé em Cristo.

“Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia” – I Coríntios 10.12

Um grupo de alpinistas tentava escalar um monte rochoso de talvez mil metros de altura. Tudo ia bem. Logo chegariam alegres ao topo da montanha! Mas, de repente, um dos homens despencou para a sua morte. Aparentemente se descuidou; não firmou as cordas com segurança para evitar uma queda. Nesse caso, tornou-se evidente que “todo cuidado é pouco”.

Quando o apóstolo Paulo advertiu os cristãos coríntios, citou vários exemplos da jornada dos israelitas no deserto. Mostrou que todos saíram do Egito e todos receberam o cuidado do Senhor Deus, mas nem todos chegaram ao alvo, a Terra Prometida. Paulo ensinou que, como aquele povo, usufruímos do terno cuidado de Deus, mas devemos fazer a nossa parte em ter cuidado para não tropeçar.

Um cidadão sentiu-se dominado pelos seus pecados. Felizmente, ouviu o Evangelho de Cristo e se converteu. Foi liberto do vício. Depois de umas semanas, afirmou com voz de *autoconfiança*: “Depois de me converter, acho que agora sou bem forte!”. Poderia ter caído, mas, felizmente, foi advertido a olhar para que não caísse.

Fisicamente caímos pela força da gravidade, mas espiritualmente, podemos cair pela força da natureza pecaminosa que herdamos e com a qual lutamos no poder o Espírito Santo. Nosso “eu” está preste a nos trair a qualquer momento. Se Pedro tivesse seguido a advertência de Jesus para vigiar e orar a fim de não entrar em tentação, teria evitado negar o Senhor, e por três vezes! Não aproveitou o exemplo de Jesus, que orou fervorosamente para poder seguir para a cruz sem recuar.

Em face das tentações, temos, porém, a certeza do auxílio do Senhor, pois sua Palavra diz: “... *mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar*” – **I Coríntios 10.13.**

Quando tentados, devemos escolher o caminho do escape que Deus sempre dá, vigiando diariamente para não cair.

- **Teodoro Laskowski**, Abbotsford, Canadá. Extraído de “*Pão Diário*”, volume 8, publicado por Rádio Transmundial.

Neste exemplo, vemos que em poucas palavras é possível utilizar várias ilustrações, além de apresentar fiel e resumidamente o contexto da passagem e, como se deve, conduzir o ouvinte – ou leitor – a um momento de decisão!

Em todos estes exemplos, o ‘orador’ apresenta-se perante a congregação com uma mensagem bíblica. Ele tem algo a ensinar, e assim fará, pois está devidamente preparado!